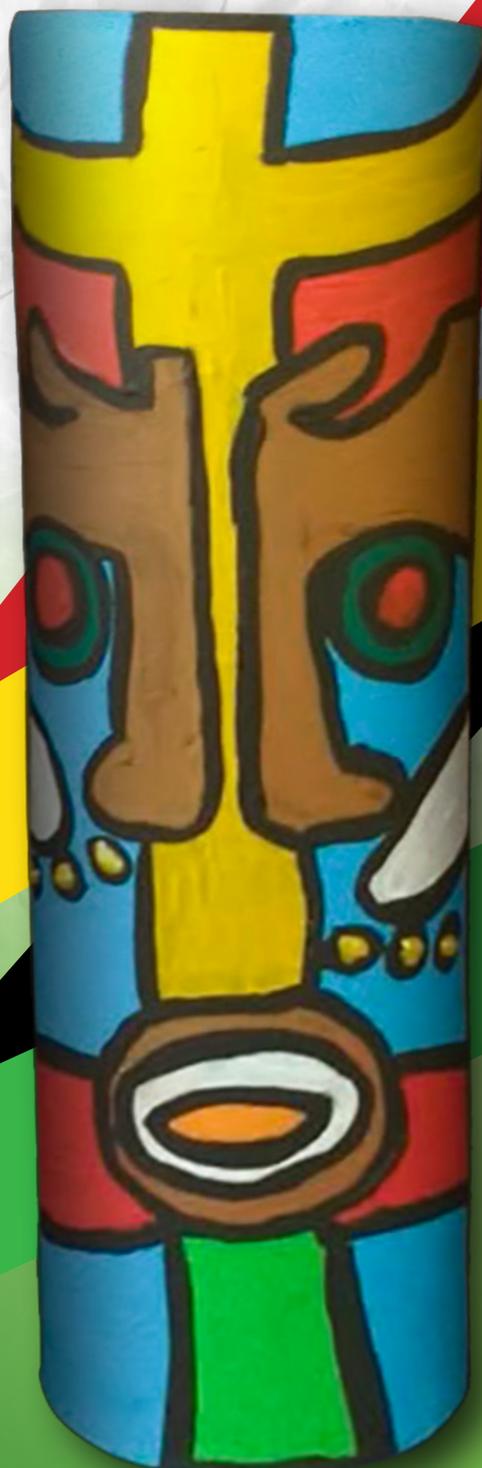




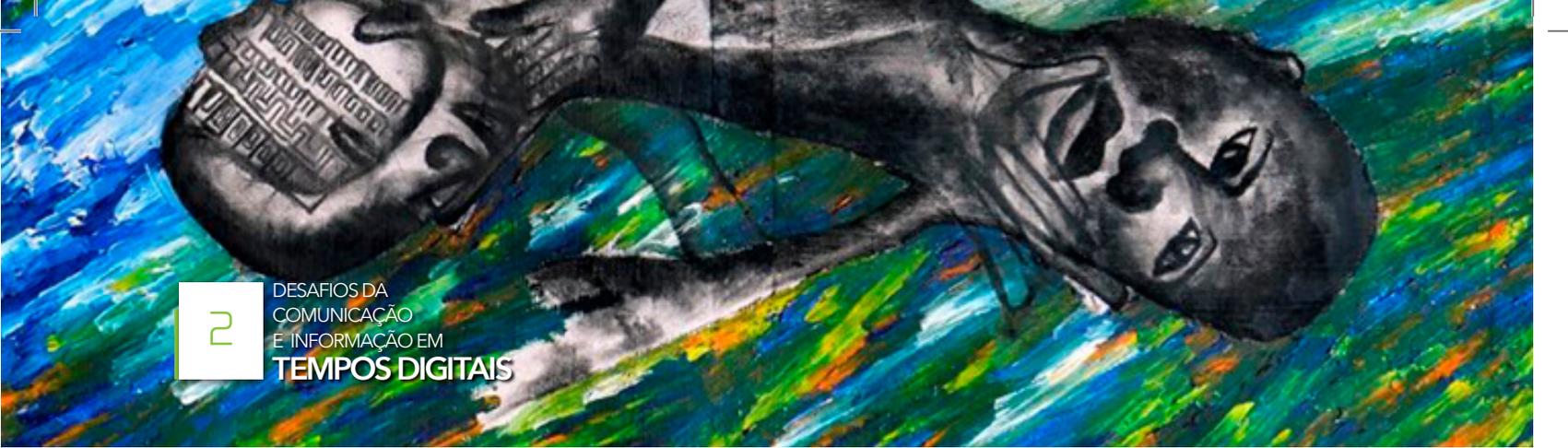
ACICOM

ASSOCIAÇÃO MOÇAMBICANA DE CIÊNCIAS
DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

pesquisa
ética
comunicação



DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO EM TEMPOS DIGITAIS



DESAFIOS DA
COMUNICAÇÃO
E INFORMAÇÃO EM
TEMPOS DIGITAIS

COMISSÃO ORGANIZADORA

Isaias Carlos Fuel, Escola Superior de Jornalismo

João Miguel, Universidade Eduardo Mondlane

Jane Mutsuque, Universidade do Zambeze

Silvia Afonso, Universidade Pedagógica

Revisão

Mário Teixeira

Direcção de Arte

Sergio Jeremias Langa

Layout

Mauro Florêncio

Autores

Bento Matias Faustino

Doutorando em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - Câmpus de Bauru). Mestre em Gestão e Administração Educacional pela Faculdade de Engenharia da Universidade Católica de Moçambique. Licenciado em Jornalismo pela Escola Superior de Jornalismo, onde também actua como docente. Actualmente, dedica-se ao estudo de processos mediáticos e práticas socioculturais.

João Miguel

Professor Associado da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), onde atua na Escola de Comunicação e Artes (ECA). Possui Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. É Presidente da Associação Moçambicana de Ciências da Comunicação e Informação (ACICOM) e membro do grupo de pesquisa “Comunicação, Economia Política e Sociedade (OBSCOM/CEPOS) sediado na Universidade Federal do Sergipe (UFS) - Brasil.

Manuel Mangué

Pesquisador e Professor Associado na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e também Sub-Editor da Revista Científica da UEM. Tem o Doutorado em Ciência da Informação, pela Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil). Actua em tópicos sobre Informação, sistemas de informação, informação e trabalho e comunicação organizacional.

Mauro de Souza Ventura

Mauro de Souza Ventura, Livre-Docente em Jornalismo pela UNESP - Universidade Estadual Paulista (2018). Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela PUCRS (1986), possui Mestrado em Jornalismo e Editoração pela ECA - USP (1995) e Doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela FFLCH - USP (2000). Realizou estágios de Pós-Doutoramento no Departamento de Teoria Literária do IEL - UNICAMP (2005-2006) e no Institut für Publizistik- und Kommunikationswissenschaft, da Universidade de Viena (2011). Actualmente, é Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNESP/Bauru. Entre 2011 e 2017 atuou como Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNESP/Bauru. Foi também editor da Revista Comunicação Midiática, do PPGCOM da UNESP. Sua área de pesquisa e de orientação situa-se no estudo dos processos e discursos do jornalismo na contemporaneidade e no contexto da nova ecologia midiática. Além disso, tem se dedicado ao estudo tópicos das relações entre jornalismo, crítica literária e crítica cultural.

Milagrosa Manhique

Milagrosa Manhique é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp - Brasil). Jornalista e pesquisadora. Licenciada em Jornalismo pela Escola Superior de Jornalismo em Moçambique.

Sérgio Jeremias Langa

Doutor em Políticas da Educação pela Universidade Eduardo Mondlane e Mestre em Jornalismo e Estudos Editoriais e

Licenciado em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Pedagógica; Graduado em Design Publicitário pela Escola Nacional de Artes Visuais. Professor e Investigador de Comunicação no Ensino Superior desde 2011, com três livros já publicados e artigos científicos em diversas revistas internacionais entre a Europa e América. Comunicações em universidades internacionais, com ênfase na Universidade de Cambridge (UK), Universidade de Oxford (Londres); Universidade de Aveiro (Portugal); Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal, Universidade do Maranhão (ambas no Brasil). Revisor de Pares da Revista Científica da UEM. Fundador da IÇAR CONSULTORES, LDA. Consultor Sênior em Comunicação Estratégica desde 2009, com largas habilidades em Assessoria de Comunicação Organizacional, Gestão de Crise Mediática, Media Training.

Precidónio Silvério Hilário Uamusse

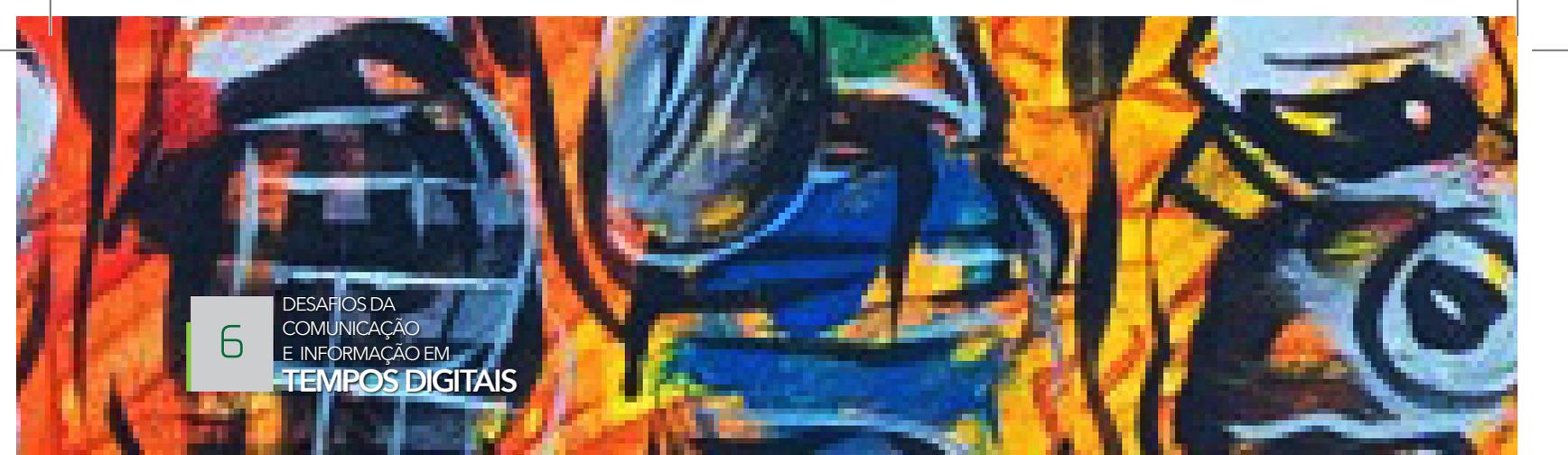
Precidónio Uamusse, jornalista correspondente da Agence France-Presse, possui uma licenciatura em ciências de comunicação, com jornalismo como especialidade. Actualmente, destaca-se como jornalista ambiental e é co-fundador da BIOTV, uma produtora de conteúdos de cariz ambiental.

Paulo António Piereque Vevelua

Nascido na cidade de Nampula em 05 de Março de 1978. Docente de carreira desde 2004. Em 2014 torna-se docente na Universidade Politécnica-Nampula. Em 2020 torna-se Funcionário na Direcção Provincial da Indústria e Comércio de Nampula. Ponto Focal das PME's. Consultor independente em matérias de Agronegócio.

Conselho Editorial

Doutor Elias Djive
Doutor Alexandre Dinis Zavala
Doutor Adélio Dias
Doutor Edgar
Doutora Romaita Gujamo
Doutor Tomas José Jane
Doutor Padre Cantifula
Doutora Joselaine Caroline
Doutor Achezar Teodósio
Doutor Carlos Guerra
Doutor Leonel Simila
Doutor Luca Bussotti



6

DESAFIOS DA
COMUNICAÇÃO
E INFORMAÇÃO EM
TEMPOS DIGITAIS

PREFÁCIO

Caros leitores e leitoras

Quando fui convidado a escrever este prefácio, questionei-me sobre como dar forma às palavras que precedem esta colectânea. Como falar, com justiça e clareza, sobre os pesquisadores e pesquisadoras de formações multi e interdisciplinares que aqui se encontram? Não sendo o organizador do livro, optei por um caminho mais prosaico: li os textos com atenção e, a partir deles, construí esta breve apresentação.

As palavras que seguem são fruto da minha experiência como leitor – um leitor anterior aos verdadeiros leitores deste livro. São impressões de quem observa de fora, mas com profundo respeito e interesse pelos temas, autores e contextos aqui abordados.

Este livro colectivo é uma travessia crítica e reflexiva pelos caminhos que articulam a informação, a comunicação e as dinâmicas sociais contemporâneas em Moçambique. Com uma diversidade temática robusta, mas uma unidade na inquietação epistémica, os autores aqui reunidos nos convidam a pensar o país – seus desafios, suas vozes silenciadas, seus paradoxos e suas potencialidades – a partir de lentes plurais e comprometidas com o pensamento crítico, emancipador e transformador.

Manuel Valente Mangué inaugura a colectânea com o ensaio “Ciência, Informação e Desenvolvimento: Desafios

e perspectivas para Moçambique”, no qual propõe uma leitura complexa da realidade moçambicana, articulando autores como Foucault, Morin, Mudimbe e Mazula. O autor problematiza a dependência epistémica e conceitual das sociedades africanas e defende uma autonomia simbólica e cognitiva que passa, necessariamente, pela compreensão da realidade a partir de sua complexidade. Mangué aponta para a necessidade de uma visão sistémica e dialógica, propondo políticas de desenvolvimento enraizadas nas realidades locais e nos sujeitos sociais que as habitam. Sua reflexão é um apelo à resistência à homogeneização cultural e à reinstauração de sentidos locais no percurso do desenvolvimento.

Na segunda contribuição, Bento Matias Faustino e Mauro de Souza Ventura, em *“A representação da mulher na imprensa moçambicana: uma análise de género entre invisibilização e estereótipos”*, debruçam-se sobre a presença feminina nos jornais moçambicanos. A análise revela como os media ainda operam com estereótipos rígidos, colocando a mulher em papéis secundários ou privados, perpetuando lógicas de vitimização e sub-representação. Os autores demonstram como a imprensa moçambicana participa da reprodução das desigualdades de género ao

ocultar conquistas e centralizar narrativas sobre sofrimento e fragilidade. Trata-se de um chamado urgente à transformação das práticas jornalísticas e à revisão das normas sociais naturalizadas no discurso mediático.

João Miguel e Milagrosa Manhique, por sua vez, em *“As redes sociais na internet e o império do vazio”*, mergulham no universo dos influenciadores digitais moçambicanos para problematizar os contornos do papel social que estes actores exercem. Em uma sociedade dominada pela lógica do espectáculo e do efémero, as redes sociais transformam-se em palcos onde tudo é mercadoria – inclusive a imagem e o discurso. A partir de autores como Debord, Lipovetsky e Bauman, os autores questionam o tipo de conteúdo produzido, que oscila entre o entretenimento vazio e as possibilidades de participação cidadã. Há aqui uma tensão entre a banalização do digital e a sua potência transformadora, entre o marketing e o engajamento político.

A quarta análise, de Sergio Langa e *“Os media na cobertura dos ciclones tropicais em Moçambique”*, centra-se na cobertura jornalística dos desastres naturais, com foco no ciclone Idai. Mazuque evidencia uma lacuna crítica no jornalismo: a ausência de um verdadeiro “follow up” noticioso que vá além do imediato e do dramático. O autor denuncia uma cobertura que, muitas vezes, silencia os efeitos de longo prazo e ignora a resiliência das populações afectadas. Seu trabalho é um convite a repensar o papel dos media na construção de uma memória colectiva sensível, crítica

e orientada para o futuro, em vez de guiada apenas pela espectacularização da catástrofe.

Por fim, Paulo António Piereque Velvelua, em *“A emergência da música moderna como produto mediático em Moçambique”*, apresenta um estudo inovador sobre a música macua como um produto cultural e mediático. O autor analisa o modo como esta música se posiciona no espaço público moçambicano, enfrentando as tensões entre tradição e modernidade, mercado e identidade. Seu olhar destaca a potência comunicacional da arte sonora como vector de afirmação cultural e resistência simbólica, revelando a música não apenas como entretenimento, mas como linguagem política e social.

Este livro, portanto, é mais do que um conjunto de textos: é um mosaico de olhares que se cruzam e se complementam, apontando para um Moçambique múltiplo, desafiador e em constante reinvenção. Cada capítulo propõe uma chave para compreender os dispositivos de poder, os modos de representação, as redes de sentido e as práticas comunicativas que atravessam a sociedade moçambicana contemporânea.

Ao leitor e à leitora, abre-se agora a oportunidade de adentrar essas reflexões com espírito crítico e sensibilidade analítica. Que este livro inspire novos debates, outras pesquisas e, sobretudo, acções comprometidas com a justiça social, a pluralidade e a autonomia epistémica.

Alexandre Dinis Zavale
Maputo Junho de 2025



10

DESAFIOS DA
COMUNICAÇÃO
E INFORMAÇÃO EM
TEMPOS DIGITAIS

CIÊNCIA, INFORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA MOÇAMBIQUE

Manuel Valente Mangué

Resumo

O Artigo procura analisar o actual contexto do país - marcado pelo processo de desenvolvimento em meio a desafios, privações e vulnerabilidades sociais - à luz dos fundamentos da Ciência da Informação e da Comunicação, isto é, a partir do Dado, por e do Signo, como elementos nucleares nesses campos de saber. Entre outros pensadores, Foucault (2012), Morin (1966), Mudimbe (2013) e Mazula (1995) mostram-nos que, diante do contexto moçambicano e outros, a análise da realidade deve ser feita a partir da Complexidade (Morin, 1966). Neste sentido, o desenvolvimento remete-nos à necessidade de autonomia, não apenas económica, mas também simbólica e conceitual.

Abstract

This article analyzes the current context of Mozambique - marked by a development process amid challenges,

deprivations and social vulnerabilities - based in the fundamentals of Information and Communication Science, i.e, from Data, on the one hand, and the Sign, on the other, as nuclear elements in these fields of knowledge. Based on authors such as Foucault (2012), Morin (1966), Mudimbe (2013), Mazula (1995) among others, shows that in the Mozambican context and beyond, the analysis of reality must be done from the perspective of Complexity (Morin, 1966). In this sense, development refers to the need for autonomy, not only economic, but also symbolic and conceptual.

Introdução

Moçambique está num contexto de desafios acentuados, agravado pelo estado prolongado de choques - entre eles os conflitos armados em Cabo Delgado, responsáveis pelo deslocamento forçado de mais de 1 milhão de

moçambicanos (IOM, 2024) - e os climáticos, com efeitos severos sobre a vida de pessoas, casas, infra-estruturas e serviços. De forma associada, a pandemia da COVID-19 afectou, de abril a junho de 2020, mais de 89 mil empresas, com perdas de cerca de 40% no volume de negócios (INE, 2020). Ainda nesta senda, de acordo com o Relatório da Avaliação do Impacto Humano da COVID-19 em Moçambique (HIA), perderam emprego cerca de 19,8% de trabalhadores em Maputo; 9,2% em Sofala; e 8,6% (PNUD/MEF, 2022).

A contracção económica, com média de 2,7% nos últimos cinco anos - chegando ao crescimento de -1,28% em 2020 - é, também, uma das características do contexto nacional, o que agrava, também, a taxa de pobreza, tendo subido de 48,4% para 62,8% entre 2014/15 e 2019/20. Neste intervalo, a percentagem de agregados familiares em situação de privação aumentou de 71% para 78,3% no mesmo período (BANCO MUNDIAL, 2023). Neste âmbito socio-económico, o contexto nacional é, também, marcado por elevados índices relativos de desemprego - 19,6% em média (IOF 2022) - e pela informalidade - 83,3% em média (INFOR 2021), esta última representada por baixo rendimento, precário e volátil.

A educação e as condições de vida são igualmente desafiantes no país, situações estas marcadas por desigualdades regionais, com cerca de 61,1% de analfabetismo em Cabo Delgado e 8,6% em Maputo Província; cerca de 21,8% de cobertura eléctrica em Cabo Delgado e 80% em Maputo Província. A percentagem de agregados familiares com três refeições por dia é de cerca de 11,2% em Cabo Delgado, contra 46,5% em Maputo Província.

É neste contexto específico e de desenvolvimento que o debate epistemológico da Ciência da Informação (CI)

contribui para a compreensão do desenvolvimento a partir da construção do sentido em Moçambique.

Informação, Espistemologia e a construção do sentido em Moçambique

A CI tem como objecto de estudo a informação. Neste caso, para além de estudar as suas propriedades, a CI dedica-se ao estudo do comportamento da informação, assente em três principais paradigmas, entre eles o social (CAPURRO, 2003)¹, voltado para as possibilidades de busca e de apreensão de conhecimento colocadas ao sujeito, isto é, contemplando o seu papel na construção da sociedade. Nesta perspectiva, os processos informacionais são socialmente construídos, considerando as vivências dos sujeitos (ZAMMATARO *et al.*, 2021). A informação é, portanto, uma construção social.

Nesta mesma perspectiva, Capurro e Hjørland (2007) salientam:

A CI tem-se voltado para os fenómenos de relevância e interpretação como aspectos básicos do conceito de informação. Esta mudança não é, de forma alguma, um retorno a uma teoria subjetivista, mas uma avaliação das diferentes perspectivas que podem determinar, em contexto particular, o que está sendo considerado informativo, seja isto uma coisa ou documento (CAPURRO e HJORLAND, 2007, p. 150).

Coisa (BUCKLAND, 1991) ou dado - visto como qualquer coisa com existência real - pode ser analisada a partir da Teoria do Significado, de Charles Peirce (1905), segundo a qual os diferentes significados dos termos que usamos

1. Para Capurro (2003) estão, entre os paradigmas da CI, o físico, o cognitivo e o social.

são ferramentas mais ou menos eficientes para ajudar-nos a alcançar o que pretendemos. Ou seja, a informação é o dado munido de sentido (signo); sentido este para o qual o contexto específico é determinante. O signo, e do ponto de vista da semiótica, é observado em três categorias: a *Primeiridade*, a *Secundidade* e a *Terceiridade*.

A Primeiridade é observada sem nenhuma relação com qualquer outra entidade, refere-se à *"abstração pura"*, às sensações, aos sentimentos, ao intangível e indescritível. É a categoria do ser. A Secundidade é a *"categoria da ocorrência, daquilo que se manifesta, da existência [...] participante de uma relação diádica"*; é a categoria do registo do sentimento. Já a Terceiridade tem a ver com a regularidade, com a lei, teoremas ou paradigmas. Assim, na Terceiridade as coisas são mais elaboradas, governadas por normas pré-estabelecidas, reduzindo a produção de outros interpretantes, se não o que se é dado, como é no caso dos símbolos.

Os símbolos, portanto, são constructos sociais e sofrem a confluência das relações de poder prevaletentes, fora e dentro de determinado contexto, neste caso, no do poder simbólico, é fundamentalmente um poder de construção da realidade. Isso significa que o conceito das coisas pode ser analisado no nível da (infra-) estrutura, principalmente a nível da super-estrutura, isto é, a partir do modo como formulamos o pensamento e a nossa visão de mundo e como esse mundo se nos é apresentado. Nestes termos, no dizer de Capurro e Hjørland (2007), *"devemos considerar os dois contextos básicos nos quais o termo informação é usado: o acto de moldar a mente e o de comunicar o conhecimento. Obviamente, estas duas acções são intimamente relacionadas"* (p. 155 - SIC).

Esta perspectiva tem um significado ainda mais profundo quando se trata de sociedades recém-independentes, cuja experiência ainda é simbólica e essencialmente marcada pelos modos coloniais de existência. Neste contexto, o poder simbólico está presente e os seus efeitos são tão eficientes e eficazes quanto a força física, conforme testemunha Bourdieu (1989). Segundo o autor, o poder simbólico é *"[...] quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica)"* (p.14 - SIC).

É nessa ordem de ideias e a esse nível que Bigo (1974) e Mudimbe (1988) salientam que a colonização [e a pós-colonização] não seria possível sem a cumplicidade das mentes nativas. Ou seja, sem a *"reforma das mentes nativas e a integração de histórias económicas locais segundo a perspectiva ocidental"* (p. 16), facto observado por Bigo (1974) ao destacar que *"não existe qualquer dúvida de que o colonialismo directo ou indirecto provoca, sempre, nesses países a experiência de domínio cultural, uma contaminação tão profunda como oculta..."* (p. 24). Nestes termos, significa que os paradigmas e modelos de desenvolvimento nos nossos países - e na medida em que a realidade prevaletente é supostamente abstrata - se valem, inclusive, da cumplicidade de quem sempre esteve em desvantagem. Ou seja, *"os estilos de vida e os modos de pensar das nações dominantes tendem a impor-se sobre as nações dominadas. Além disso, são aceites, até mesmo procurados. Os modelos surgem, sendo alienados certos factores para as pessoas que os adoptam"* (BIGO, 1974, p. 24). É, também, como arremata Bourdieu (1989), ao reconhecer que *"é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem"* (p. 7 - 8).

São modelos de desenvolvimento que se impõem de forma onnipresente e hegemónica na sua forma de ser e estar independentemente da territorialidade, o que leva Mudimbe (1988, p. 61) a reconhecer que entre nós ***“alguns africanos foram violentamente domesticados, intelectualmente falando”***.

Nesta perspectiva, são modelos – simbólicos, conceptuais e informacionais – que, uma vez desconexos de contextos específicos, procuram iludir a nossa atenção. Com isso, prevalece uma tensão entre a modernidade, frequentemente apresentada como desenvolvimento, e a tradição, ao mesmo tempo que são cada vez mais frequentes e eficientes os ataques contra a moral – a anti-filosofia – prevalecendo, com efeito, os conteúdos funcionais e formais sobre a sepultura dos conteúdos históricos e locais. Há, também, com isso, uma ridicularização e banalização de todo o modo de ser local, num cenário em que a realidade é descrita e apresentada de forma superficial e fragmentada, impossibilitando, desde modo, a visão do conjunto.

Prevalece, portanto, e em última instância, o saber dominado (FOUCAULT, 2012): um saber domesticado, empacotado e pasteurizado. Com efeito, os conceitos através dos quais equacionamos a nossa realidade são conceitos vazios. É através do seu simulacro – ideário (MILTON SANTOS) – e que traz consigo uma carga de significação já atribuída. É uma realidade suspensa, recortada, despedaçada, deslocada, invertida, caricaturada, teatralizada (FOUCAULT, 2012).

Nestes termos, Amin (1964), Wallerstein (1979), Mudimbe (1988) já alertavam que, em consequência desses modelos e de uma forma de estar essencialmente capitalista, se iniciou um processo de subdesenvolvimento em todos

os lugares onde o colonialismo ocorreu e esse processo pode ser resumido em três pontos:

Primeiro, o sistema capitalista mundial é de tal forma que partes do sistema se desenvolvem sempre à custa de outras partes [...] segundo, o subdesenvolvimento das colónias não só corresponde a uma ausência de desenvolvimento, mas também a uma estrutura organizacional criada [...] Em terceiro lugar, apesar do seu potencial económico, as colónias não têm capacidade estrutural para a autonomia e para o crescimento sustentado, já que o seu destino económico é determinado, em larga medida, pelos países desenvolvidos (MUDIMBE, 1988, p. 17).

Com isso, fica evidente que estamos numa relação de poder. O Poder é, acima de tudo, uma relação de força. Neste caso, anos após o fim da colonização formal, verifica-se que através deste poder simbólico se procura ***“reinscrever perpetuamente essas relações de força, através de uma espécie de guerra silenciosa, nas instituições e nas desigualdades económicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos”*** (FOUCAULT, 2012, p. 275 - SIC).

O desenvolvimento, portanto, implica compreender que esta relação de força se perpetua ao nível das organizações internacionais, dos países, das instituições e dos indivíduos (a maioria dos quais, uma vez domesticados, vêm na manutenção da lógica colonial de existência uma vantagem competitiva e comparativa), ao que Mveng (1983, p. 141) nos faz lembrar que ***“se a soberania política é necessária, a soberania científica talvez seja a mais importante***

para a África actual”, o que significa fugir do saber dominado e do conforto das ideias pré-estabelecidas, cientes de que *“todo o conhecimento está enraizado numa vida, numa sociedade e numa língua que tem uma história; e é nessa própria história que o conhecimento encontra o elemento que lhe permite comunicar com outras formas de vida, outros tipos de sociedade e outros significados”* (FOUCAULT, 1973, p. 372).

Isso implica encontrar modelos autóctones para as nossas sociedades, que contam, por exemplo, com cerca de 95% da força de trabalho activa, engajada no sector informal, mas sujeita a uma estrutura hegemónica, formal-normativa e elitista, que se impõe de forma homogénea em todos os sectores e instâncias. No entanto, o alcance destes novos modelos e da realidade encontram também barreiras, a mercê da actual era informacional.

A construção da verdade em Moçambique: Pós-Verdade, meta Verdade e Para-Verdade

antes de mais, Carvalho e Mateus (2018) sugerem que a Pós-Verdade *“[...] não chega a ser uma mentira, nem tão pouco uma verdade”* (p. 6). Segundo estes autores, a Pós-Verdade tem como base a banalização da verdade, de modo que nenhuma racionalidade é útil na formação da opinião pública, o que cria confusão sobre a realidade. Silva et al. (2022) reforça esta ideia ao caracterizar a Pós-Verdade através do relativismo epistémico e de um saber baseado nas convicções individuais. Essa é a mesma perspectiva da Meta-Verdade - em que “verdades” de contextos específicos são transpostas para outros sem uma análise substancial do seu

conteúdo - ou da Para-Verdade (ou não-Verdade) - em que uma fracção da “verdade” é generalizada, fazendo-se essa fracção passar pelo todo, ou seja, pelo conjunto da “verdade”.

Para além do conceito de Infodemia, marcado pelo elevado volume de informação, incluindo de relevância e credibilidade duvidosas sobre determinado assunto num determinado período, Silva et al. (2022) chamam a atenção para o perigo da Infociação, representando a *“dificuldade em digerir o excesso de informação oferecida no meio digital e em distinguir a qualidade, a veracidade e a relevância desta informação a ser absorvida”* (PEDRO, 2021² apud SILVA et al., 2022, p. 26), processos que, conforme o referido, agudizam as dificuldades de emancipação e de produção de sentido a partir de uma estrutura simbólica não condicionada previamente e, com isso, desnutrida de condimentos históricos e locais.

Sob a égide do poder simbólico, sem uma soberania científica, isto é, fora de um conhecimento enraizado, e sem os fundamentos - históricos e locais -, o desenvolvimento das sociedades africanas é limitado pelo estado de anorexia conceitual, através da qual equaciona esse desenvolvimento, estado agravado pela velocidade e instantaneidade de transmissão da informação, como característica da actual era, o que conspira contra a constituição da verdade. Enquanto isso, como resultado, em contrapartida, assiste-se à proliferação da crítica a coisas, dispersa, descontínua e vazia do ponto de vista finalístico, na medida em que esta crítica não se faz acompanhar pela análise, um mergulho conceitual mais profundo em busca da essência das coisas.

Isso, diante da verdade algemada, não só deturpa a compreensão científica da realidade, mas também

2. PEDRO, K. M. Competências digitais e segurança na internet: informativo e orientações para pais, professores e estudantes [Internet]. [Marília]: UNESP, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/148563>.

culmina com o emagrecimento da moral e da ética. A visão de mundo, ao mesmo tempo reducionista e redutora da realidade, culmina com a castração progressiva da identidade. Leva ao emagrecimento da esperança e à erosão da confiança entre os sujeitos sociais, o que, de forma prática e concreta, sobretudo no campo de actuação política e social, ancorado nas relações sucessivas de poder (individual ou colectivo), conspira para que se instaure, nestas sociedades, em última instância, um ecossistema de delinquência, um ecossistema de delito que é auto perpetuante. Instaura-se, com isso, uma tirania de cooptação e de delito, o que põe em causa a sua existência como sociedades de direito e democráticas.

Assim sendo, num contexto de vulnerabilidade acima descrito, marcado por elevadas taxas de analfabetismo, sobretudo o analfabetismo funcional, e por elevadas taxas de indivíduos fora do sistema educacional, marcado pela restrição de conteúdos curriculares, pelo difícil acesso aos meios de vida e por precárias condições de vida, contexto este associado e dominado por um saber simbolicamente domesticado (não só nas suas práticas, mas também no paradigma e na forma como se equaciona o desenvolvimento), amplia o fosso entre o que se sabe e os anseios das populações: primeiro, no sentido de compreenderem a sua própria realidade e, segundo, no que diz respeito ao uso competente dos meios hegemónicos e homogéneos de produção.

Para estas minorias sociais, o desenvolvimento, ainda que alheio a elas, veio rápido demais e as suas metas são universais, apesar dos distintos pontos de partida. Estas minorias são chamadas a erradicar, ao mesmo tempo, aquilo que nelas afecta a sua grande maioria, fazendo

com que entrem num processo de queima de etapas e fazendo com que vivam a ilusão de pertença e a humilhação de uma não pertença efectiva a esse desenvolvimento, o que constitui uma fonte latente de tensões sociais.

Estas sociedades têm as suas prioridades deturpadas, mas os efeitos e impactos dessa deturpação são retardados, evitando-se a possibilidade de se estabelecer uma conexão com a ideologia dominante, uma vez que estes vêm sob a forma de efeitos colaterais.

Considerações Finais

Como alternativa, de facto, as sociedades africanas devem buscar a sua autonomia e ressignificação simbólica. Elas devem resistir a não-Verdade e à Meta-Verdade, isto é, a ideia da homogeneidade conceitual e produtiva: como **"tendência para o mesmo, para a equivalência, para o repetitivo"**, citando Mazula (2000, p. 34).

Superar essa angústia de identidade e compreender ou conceptuar a realidade que nos cerca, implica compreender os múltiplos factores, incluindo a dimensão dos sujeitos sociais, cientes de que o conceito resultante é necessariamente o conjunto de elementos e das interacções que o constituem e a inter-relação entre esses elementos. Isso não se trata de abolir a responsabilidade dos sectores representativos nestas sociedades, mas de ampliar a morfologia e a semântica do conceito em questão, dentro do seu contexto geral e específico de ocorrência. Seja o conceito de educação, do trabalho, do emprego ou outros conceitos essenciais à reprodução de uma vida condigna nestas sociedades.

A análise da realidade deve ser feita a partir da *complexidade*: de forma sistémica, dialógica e holográfica, como diria Morin (1996), na medida em que as partes de um conceito são menos reais do que a relação entre elas e na medida em que o todo é maior do que o total e, ao mesmo tempo, menor do que ele (holografia). A instauração de um Fundo para a Educação Básica, por exemplo, que não tem a ver com a gestão escolar, mas com o aluno, é uma dessas abordagens integradas ao contexto histórico, local e baseadas na complexidade, na medida em que articula, por exemplo, a alimentação e o transporte escolar com o desenvolvimento económico local, contemplando mecanismos de participação e de simbiose entre o mercado formal e informal organizado localmente e longe do formal-normativo próprio dos contextos exclusivos das zonas urbanas. A redução das desigualdades, seja de género, regional ou outra, é, também, uma dessas abordagens que deve contar com Políticas Afirmativas, a via Competitividade Assistida. Só nesta perspectiva isso deve ocorrer, sob o risco de deturpar o sentido mais profundo da sua razão de ser.

Por difícil que seja, esta emancipação conceptual deve ser buscada. Ou seja, como ressalta Morin (2011) o *“conhecimento dos problemas-chave, das informações-chave relativas ao mundo, por mais aleatório e difícil que seja, deve ser tentado, sob pena de imperfeição cognitiva”* (p. 33). Contrariamente, o encolhimento da linguagem e dos currículos, entre outras formas, nas condições extremas, produzem “deficientes cívicos”, que ficam ao serviço de quem os pode ser útil e funcional e não necessariamente movidos por uma finalidade teleológica moral, ética e social. Quando assim é, estamos diante de uma máquina de guerra mais eficiente e letal do que qualquer outra utilizada pelo colonizador contra o desenvolvimento das sociedades sob o seu domínio.

Referências

- AMIN, Samir. **Neo-Colonialism in West. Africa.** Penguin African Library, 1964.
- BIGO, Pierre. **L’Eglise et la révolution du Tiers Monde.** Paris: P.U.F., 1974, 285 p.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of American Society for Information Science**, v. 42, p. 351 – 360, 1991.
- CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: ANCIB, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 23 de Abril de 2024.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O Conceito de Informação. **Perspect. em C.I.**, v. 12, n. 1, p. 148 - 207, jan./Abr., 2007.
- CARVALHO, M. F. C. de; MATEUS, C. A. **Fake News** e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de Ciência da Informação. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DAS REGIÕES SUDESTE, CENTRO OESTE E SUL (EREBS), 5, novembro de 2018. **Anais...** Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/download/16901/13660/48002>. Acesso em: 11 de Abril de 2024.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 25. ed. São Paulo: Graal, 2021.

INE. **Inquérito sobre o Orçamento Familiar-IOF 2022.** Maputo, 2022.

Inquérito ao Mercado Informal 2021. Maputo: INE, 2022.

MAZULA, B. **Educação, cultura e ideologia em Moçambique: 1975-1985.** Maputo: Afrontamento, 1995. 247p.

MORIN, Edgar. **Por uma reforma do pensamento.** O correio da UNESCO, v.24, n. 4, Abril, 1996a.

Os sete saberes necessário à educação do futuro. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, Brasília, 2011.

MUDIMBE, V. Y. **A invenção de África:** gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Lisboa: Pedago, 2013.

PEIRCE, Charles. **The essential Peirce:** selected philosophical writings. Peirce Edition Project. (ed.) Indiana: Indiana University, Vol. II (1893-1913), 1998.

SILVA, E. A.; SANTOS, R. C.; PEREIRA, V. J. F, et al. Infodemia como um fenômeno complexo. In: CAVALCANTE R. B;

CASTRO, E. A. B. (Org.). **Infodemia:** gênese, contextualizações e interfaces com a pandemia de Covid-19. Brasília: Aben, 2022. p. 22-31 (Série Enfermagem e Pandemias, 7) <https://doi.org/10.51234/aben.22.e10.c03>. Acesso em: 11 de Abril de 2024.

PINTO, Júlio. **1, 2, 3 da semiótica.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995. 9p.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Capitalist World-Economy.** Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

ZAMMATARO, A. F. D.; CUNHA, S. S. da; SANTOS, C. R. dos; ALBUQUERQUE, A. C. de. Os paradigmas da Ciência da Informação e as contribuições do paradigma social à organização e representação do conhecimento. In: COLÓQUIO EM ORGANIZAÇÃO, ACESSO E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO, 5, 2021.

Anais... Londrina: UEL, 2021. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/coaic2021/coaic2021/paper/view/709/548>. Acesso em: 23 de Abril 2024.



20

DESAFIOS DA
COMUNICAÇÃO
E INFORMAÇÃO EM
TEMPOS DIGITAIS

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA IMPRENSA MOÇAMBICANA

UMA ANÁLISE DE GÊNERO ENTRE INVISIBILIZAÇÃO E ESTEREÓTIPOS

Bento Matias Faustino¹

Mauro de Souza Ventura²

Resumo

Esta pesquisa examina a representação da mulher moçambicana nos meios de comunicação em Moçambique, com ênfase na construção das representações de gênero. Com efeito, foram analisadas dez edições dos jornais impressos *O País e Notícias*, publicadas na primeira quinzena de Abril. A investigação buscou identificar temas recorrentes, a presença de estereótipos de gênero e a forma como a mulher é retratada em distintos papéis e contextos. Os resultados indicam que a mulher enfrenta obstáculos significativos para se tornar fonte de informação, em razão da limitada representatividade e da recorrente vitimização nos discursos mediáticos. Observa-se que sua presença na mídia permanece fortemente

ancorada a papéis tradicionalmente atribuídos ao gênero feminino, uma vez que os meios de comunicação frequentemente reproduzem estereótipos que restringem a visibilidade e a valorização das competências e contribuições da mulher na sociedade. Também, constata-se que os homens continuam a ocupar maioritariamente os espaços públicos e discursivos, ao passo que a representação feminina permanece circunscrita ao âmbito privado. Além disso, a presença da mulher em posições de autoridade ou como especialista está, em grande medida, associada a figuras políticas ou ocupantes de cargos governamentais. Esse padrão evidencia uma dualidade na cobertura mediática: enquanto algumas

1. Assistente Universitário, Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitectura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) - Universidade Estadual Paulista (UNESP).

2. Jornalista, Livre-docente em Jornalismo e professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

mulheres conquistam visibilidade em esferas de poder, a maioria segue marginalizada nas narrativas cotidianas. Essa dinâmica reforça a persistência de estereótipos que confinam a mulher predominantemente no espaço doméstico, desconsiderando sua participação em outras esferas sociais e profissionais. Desta maneira, os meios de comunicação social desempenham um papel central na manutenção de desigualdades de gênero, perpetuando construções discursivas que dificultam a ampliação da presença feminina em diversos âmbitos da vida pública.

Palavras-Chave: Gênero, Representação, estereótipos de gênero, media imprensa.

Abstract

This study examines the representation of Mozambican women in the media in Mozambique, with an emphasis on the construction of gender representations. To this end, ten editions of the print newspapers O País and Notícias, published in the first half of April, were analyzed. The research aimed to identify recurring themes, the presence of gender stereotypes, and how women are portrayed in different roles and contexts. The findings indicate that women face significant obstacles in becoming sources of information due to their limited representation and the recurring victimization in media discourses. It is observed that their presence in the media remains strongly anchored in traditionally assigned female roles, as media outlets frequently reproduce stereotypes that restrict the visibility and appreciation of women's skills and contributions to society. It is also noted that men continue to dominate public and discursive spaces, while female representation remains largely confined to the private sphere. Additionally, the presence of women in positions of authority or as experts is predominantly associated with political figures or government officials. This pattern reveals

a duality in media coverage: while some women gain visibility in spheres of power, the majority remain marginalized in everyday narratives. This dynamic reinforces the persistence of stereotypes that predominantly confine women to the domestic sphere, disregarding their participation in other social and professional domains. In this way, the media play a central role in maintaining gender inequalities, perpetuating discursive constructions that hinder the expansion of female presence in various areas of public life.

Keywords: Gender, Representation, gender stereotypes, press media.

Introdução

A representação feminina nos meios de comunicação constitui um fenómeno social complexo que reflecte e influencia as dinâmicas de género em uma determinada sociedade. A maneira como a mulher é retratada nos media não se limita à transmissão de imagens e discursos, mas desempenha um papel activo na construção e na reprodução de estereótipos e narrativas que determinam seus papéis na família, no trabalho e na esfera pública. Essas representações, ao mesmo tempo que reforçam ou desafiam normas culturais e sociais, contribuem para a consolidação ou desconstrução das hierarquias de género vigentes.

No contexto moçambicano, a construção social dos papéis de género é atravessada por múltiplas influências, que incluem o legado colonial, as tradições culturais locais e as transformações decorrentes da globalização. Diante deste cenário, a análise crítica das representações mediáticas femininas torna-se imprescindível para a compreensão das relações de género no país e dos discursos que legitimam ou contestam a desigualdade.

Nos meios de comunicação moçambicanos, verifica-se uma dualidade na forma como a mulher é representada. Por um lado, observa-se uma crescente visibilidade feminina em espaços públicos, acompanhada da valorização de sua actuação em diferentes sectores, como a política, a economia e a cultura. Por outro, ainda prevalecem enquadramentos mediáticos que perpetuam estereótipos de fragilidade, dependência ou hipersexualização, reproduzindo, assim, as desigualdades de género estruturais. Essas construções discursivas não são meramente descritivas, ao contrário, exercem um impacto significativo nas percepções sociais sobre a mulher, influenciando políticas públicas e restringindo ou ampliando as oportunidades que lhe é oferecida.

Nesse sentido, a investigação sobre a representação da mulher nos media moçambicanos revela-se essencial para a compreensão das dinâmicas de género no país, uma vez que os meios de comunicação desempenham um papel central na produção e circulação de imaginários sociais. A aplicação da categoria de género ao estudo das produções mediáticas possibilita a identificação de padrões discursivos, estratégias narrativas e mecanismos de visibilização e silenciamento que estruturam a forma como a mulher moçambicana é concebida e posicionada na sociedade. Assim, ao promover uma análise crítica dessas representações, a pesquisa não apenas contribui para um diagnóstico das formas de enquadramento mediático da mulher, mas também fornece subsídios para a formulação de estratégias que visem uma comunicação social mais equitativa e inclusiva, capaz de fomentar a transformação social e a equidade de género.

A representação feminina é um tema central na luta pela igualdade de género e na desconstrução de estereótipos que limitam a mulher. A forma como a mulher é retratada na sociedade, na media e na cultura influencia directamente

a percepção e o tratamento que recebe. Portanto, é fundamental questionar e ampliar as representações femininas, garantindo que sejam autênticas, diversas e inclusivas, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária para todos (Ruggiero & Rahme, 2019).

Moçambique enfrenta desafios significativos em termos de igualdade de género, incluindo altos índices de violência contra a mulher, desigualdades na educação e no emprego, e sub-representação da mulher em posições de liderança. A media desempenha um papel importante na perpetuação ou na desconstrução dessas desigualdades. Portanto, uma análise da representação da mulher nos meios de comunicação pode ajudar a identificar estereótipos prejudiciais e práticas discriminatórias que precisam ser abordadas para promover a igualdade de género em Moçambique.

Todavia, a mulher tem desafiado essas limitações ao longo dos anos, expandindo seus espaços de actuação, exigindo direitos iguais e lutando por uma maior representação na cultura e no mercado de trabalho. Todavia, apesar dos movimentos feministas estarem a ser fundamentais nesse processo, promovendo a conscientização sobre questões de género, combatendo a discriminação e impulsionando mudanças significativas na sociedade, apenas três em cada dez funcionários de rádios comunitárias e estações de televisão são mulheres, o que indica que a mulher ainda tem uma representação média baixa em todos os sectores dos órgãos de informação. Os jornais impressos têm menor equilíbrio de género do que as outras redacções, com quase duas mulheres por cada dez funcionários (Afonso, 2023).

A divisão sexual do trabalho que resulta em desigualdades significativas entre homens e mulheres no mercado de trabalho e na esfera doméstica constituem as motivações para

a realização desta pesquisa, com vista a consciencialização sobre as questões de género e buscando mudanças estruturais para alcançar a equidade, bem como a desconstrução dos estereótipos de género, a redistribuição das responsabilidades domésticas e a promoção da igualdade de oportunidades para a mulher expor as suas opiniões na esfera pública.

Identidade e género nos Meios de Comunicação

Os meios de comunicação influenciam significativamente a percepção da realidade ao moldar opiniões e crenças por meio das informações que fornecem. Ademais, desempenham um papel crucial na reprodução de valores e normas de género, ao reflectir e reforçar estereótipos e desigualdades sociais na representação da mulher (Souza 2014:40).

No entanto, West e Zimmerman (1987) argumentam que as identidades de género são frequentemente consideradas constantes, mas podem ser adaptadas. Isso sugere que o género não é uma característica inata, mas uma representação social moldada por interações e contextos culturais. A flexibilidade e adaptabilidade das identidades de género, portanto, destacam a natureza fluida e social dessa construção, desafiando a noção de que o género é uma característica fixa e imutável.

Neste contexto, o uso do género masculino na linguagem dos media contribui para a invisibilidade da mulher ao representar a norma como masculina e a mulher como excepção. Isso reflecte valores herdados na linguagem e reforça a ideia de que o masculino é mais dominante e representativo. Essa prática linguística pode desqualificar e desvalorizar a presença e a importância da mulher,

perpetuando a invisibilidade e a sub-representação feminina nos conteúdos jornalísticos (Souza40, 2014).

A representação mediática do género, conforme aborda Souza40 (2014), revela desigualdades profundas na forma como homem e mulher são retratados nos media. O uso do género masculino na linguagem dos media contribui para a desvalorização da mulher, perpetuando desigualdades de género e reforçando a ideia de que o masculino é a norma.

A linguagem mediática desempenha um papel significativo na invisibilidade das mulheres, frequentemente utilizando o género masculino e perpetuando estereótipos de género. Essa prática contribui para a falta de representação e reconhecimento da mulher na sociedade. Ademais, a falta de controlo e acesso da mulher aos meios de comunicação coloca-a em desvantagem global, limitando a sua participação e influência nos meios de comunicação.

A sub-representação da mulher na imprensa moçambicana contribui para a invisibilidade das questões de género. Segundo Sousa40 (2014), a invisibilidade e a sub-representação da mulher em posições de destaque e poder reflectem estereótipos profundamente enraizados na sociedade.

Estereótipos de Género na Media

Segundo Souza40 (2014) a sociedade concebe os estereótipos de género como dispositivos de enquadramento inicial e ordenamento social que influenciam a participação da mulher jornalista no espaço público. Os estereótipos são vistos como mecanismos patriarcais que reproduzem a tipificação e a subvalorização do trabalho feminino na media, resultando em assimetrias de género nos lugares de decisão e representação.

De acordo com Duarte e Spinelli (2019), os estereótipos de género constituem representações simplificadas e rígidas de características atribuídas a homens e mulheres, influenciando suas identidades e comportamentos. Essas concepções preconcebidas são disseminadas pela sociedade por meio de costumes, media, religião e outros canais, reforçando desigualdades e discriminações. Os estereótipos podem restringir oportunidades e liberdades individuais, perpetuando normas sociais baseadas em género.

A representação feminina é moldada por estereótipos de género que atribuem características como fragilidade, passividade e submissão às mulheres. Tais representações reforçam a desigualdade de género, restringindo oportunidades e perpetuando a subordinação da mulher na sociedade. A luta contra esses estereótipos é essencial para promover a igualdade de género e a desconstrução de padrões prejudiciais (Duarte & Spinelli, 2019).

A representação da mulher na imprensa moçambicana é limitada na esfera pública, resultando em uma sub-representação persistente. Conforme discutido por Ruggiero & Rahme (2019), a sub-representação de género na media constitui um fenómeno que espelha a ausência de equilíbrio na visibilidade e na representatividade de homens e mulheres. Além disso, a mulher é coisificada e frequentemente associada a consequências negativas, tais como a perpetuação de estereótipos de género, o impacto negativo na auto-estima e na imagem corporal da mulher, bem como a contribuição para a cultura do estupro e a violência de género.

Género: Uma categoria de análise

Os conceitos de género, sexualidade e corpo são fundamentais para a compreensão da complexidade das

identidades humanas. Ao analisá-los como construções sociais e históricas, percebe-se que não são entidades fixas, mas produtos de interações culturais e evoluções temporais. A noção de género, por exemplo, vai além da biologia, sendo moldada por normas, valores e expectativas sociais que variam ao longo do tempo e entre diferentes culturas. Da mesma forma, a sexualidade e a percepção do corpo são influenciadas por contextos históricos e sociais, refletindo as crenças e práticas de uma sociedade em determinado momento (West & Zimmerman, 1987).

A desigualdade de género na sociedade é causada por construções sociais, culturais e históricas que atribuem ao homem e à mulher diferentes expectativas e valores. Essas normas mantêm a hierarquia de género e beneficiam o homem mais do que a mulher. O objectivo da luta pela igualdade de género é destruir essas instituições e promover a igualdade de direitos, oportunidades e identidade de género. Scottet (1989) sustenta que a desigualdade social é influenciada por elementos financeiros, históricos e estruturais e está baseada em questões de género e raça, que determinam o estatuto e as oportunidades das pessoas.

Segato (2012) entende que as estruturas de género são alteradas pelas intervenções coloniais e modernas no mundo rural, bem como a dualidade e o binarismo do género. A intervenção colonial e contemporânea estabelece uma hierarquia entre o espaço doméstico e o espaço público, criando uma dualidade hierárquica em que o homem domina o espaço público e a mulher é restrita ao espaço doméstico. Esta divisão binária de espaços e papéis de género representa a projecção eurocêntrica das instituições modernas sobre o mundo rural, contribuindo para a desigualdade de género e mantendo a dominação colonial e moderna.

A discussão sobre género como uma categoria teve início recentemente, com destaque para o surgimento do termo "género" entre as feministas americanas que buscavam enfatizar o carácter social das distinções baseadas no sexo. Isso representou uma rejeição ao determinismo biológico implícito em termos como "sexo" ou "diferença sexual". O termo "género" também ressaltou o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Sua utilização cresceu em um contexto de efervescência epistemológica entre pesquisadores em ciências sociais, reflectindo uma evolução dos paradigmas científicos em direcção a paradigmas literários (Scott, 1989).

De acordo com Lelo (2019), a discussão sobre género como uma categoria inicia-se quando se reconhece que o género não é apenas uma questão biológica, mas um construto social que influencia as relações de poder, as identidades e as práticas sociais. Essa abordagem destaca a importância de analisar como as noções de masculino e feminino são construídas e como influenciam as experiências e oportunidades das pessoas na sociedade. Geralmente, a discussão sobre género como categoria analítica surge nos estudos que buscam compreender as desigualdades, discriminações e estereótipos associados aos papéis de género e às identidades de género.

Ainda de acordo com Lelo (2019), a categoria de género é construída como uma forma primária de dar significado às relações de poder e como elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos. É utilizada como uma descrição substantiva, equivalente à mulher ou à diferença sexual percebida empiricamente, e como uma categoria analítica que busca compreender as assimetrias e iniquidades ligadas ao género no campo jornalístico. A construção da categoria de género também envolve a análise das práticas profissionais, das condições de trabalho e das representações

simbólicas que operam a partir de uma perspectiva masculina imposta como norma.

Scott (1989) considera género como uma categoria baseada nas diferenças percebidas entre os sexos e como uma forma primária de significado nas relações de poder. É um elemento constitutivo das relações sociais e está relacionado às representações de poder. A organização das relações sociais muda de acordo com as representações de poder, mas essa mudança não segue necessariamente uma única direcção. Essa definição enfatiza a importância do género na estrutura social, na distribuição de poder e na compreensão das identidades subjectivas de homens e mulheres como construções sociais.

De acordo com Scott (1989), é importante estudar o género para entender a importância dos papéis sexuais e do simbolismo sexual em diferentes sociedades e épocas. O estudo do género ajuda a manter a ordem social e a identificar como esses papéis funcionam para promover mudanças sociais. Além disso, o estudo do género permite analisar as relações sociais entre os sexos, rejeitando explicações biológicas e destacando as construções sociais das ideias sobre os papéis de género. Estudar o género, também, contribui para uma análise ampla e crítica das relações de poder e das desigualdades persistentes entre a mulher e homem na sociedade.

Para Segato (2012), as relações de género têm grande impacto na estrutura social, afectando as interações entre homens e mulheres e definindo papéis, expectativas e poder na sociedade. A investigação das relações de género mostra que a mulher continua sofrendo desigualdade e subjugação, principalmente devido às hierarquias coloniais contemporâneas. É fundamental compreender e discutir essas relações para apoiar a igualdade de género e a autonomia da mulher.

Souza (2016) explica que a representação de género na media fortalece os padrões sociais predominantes, com a mulher frequentemente sub-representada e estereotipada. A linguagem jornalística que privilegia o homem como sujeito contribui para a perpetuação da desigualdade de género e da desvalorização da mulher. Além de reflectir e reforçar a colagem cultural da mulher na área da reprodução, essa representação limitada também fortalece as estruturas patriarcais e a desigualdade de género na sociedade.

A esse respeito, Araújo e Ventura (2023) afirmam que a representação de género é um sinal da desigualdade de género na sociedade, especialmente em desporto como o futebol. O discurso especializado promove estereótipos feministas e diminui a visibilidade e o reconhecimento das atletas, colocando a mulher em posição inferior. A pesquisa enfatiza a importância de questionar e dismantelar essas representações mediáticas para promover uma abordagem equitativa do género.

Deste modo, Araújo e Ventura (2023) afirmam que a análise de género é crucial para entender as experiências da mulher no jornalismo e no desporto, pois é usada para projectar relações sociais entre os sexos, justificar razões biológicas e concentrar-se nas construções sociais. Estes autores enfatizam a necessidade de visibilidade, profissionalismo e estrutura para a mulher no desporto, enfatizando a discussão política sobre as diferenças de sexo e a luta contra a violência e a discriminação.

Género e Movimentos Feministas em Moçambique

O feminismo é um movimento social e político que busca a igualdade de género, lutando contra a discriminação,

o sexismo e a opressão baseada no género. Defende os direitos da mulher em diversas esferas da sociedade. O feminismo também promove a autonomia feminina, a liberdade de escolha e a desconstrução de estereótipos de género, visando a construção de uma sociedade justa e igualitária para todos. É um movimento diverso, que abrange diferentes correntes e perspectivas, mas que tem em comum o objectivo de empoderar a mulher e promover a equidade de género em todas as áreas da vida (Ruggiero & Rahme, 2019).

A presença do homem em quase todos os segmentos sociais da sociedade, tem levado a uma discussão mais concentrada sobre o tema do género, o que contribui para que o feminismo encare vários obstáculos para a imposição do género, pois as mulheres sempre foram socializadas para cuidar e servir seus lares, mas, quando buscam autonomia e independência dos papéis tradicionais de género, muitas vezes são subjugadas e repreendidas, porque se acredita que a sua independência financeira e o sucesso no trabalho ameaçam o tradicionalismo patriarcal. Essa dicotomia mostra a persistência de estruturas sociais e culturais que aumentam a desigualdade de género e limitam a verdadeira liberdade e autonomia da mulher.

De acordo com Gasparetto & Amâncio (2017), a divisão social do trabalho em Moçambique está intrinsecamente ligada ao género. O país permitiu que o homem assumisse o poder em detrimento da mulher tanto durante a era colonial quanto após a independência. A formação de hierarquias de género levou à preferência do homem por uma família nuclear. As políticas de exploração e modernização influenciadas por correntes socialistas e protestantes mostraram semelhanças nas questões de

género, mantendo padrões de desigualdade tradicionais. Até hoje, o país ainda apresenta diferenças significativas entre as áreas matrilineares e patrilineares, facto que afecta as dinâmicas de poder e as relações de trabalho entre o homem e a mulher.

Ao mesmo tempo em que a luta pela igualdade de género começou a se espalhar em todo o mundo, em Moçambique, a luta pela igualdade de género também começou com o Movimento Feminista, que visava acabar com as desigualdades e injustiças sociais, incluindo a inclusão da mulher como agente de mudança na luta armada. Parafraseando Amélia et al. (2011), a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) foi fundada em 1972 e tem desempenhado um papel importante na luta pela igualdade de género em Moçambique, abordando a desigualdade social e protegendo os direitos da mulher em várias áreas, como educação, saúde, trabalho e controlo sobre seus corpos e sexualidade.

Conforme o afirmado por Amélia et al. (2011), a participação da mulher na luta armada foi vista como um sucesso porque aumentou a compreensão política da guerra e a adesão da mulher ao movimento de libertação. No entanto, alguns homens que viam a mulher como a única responsável pelas tarefas domésticas resistiram a essa participação. No entanto, a mulher persistiu em defender seu direito à luta armada, o que levou à evolução dos movimentos feministas em Moçambique e à conquista de espaços de igualdade e empoderamento para a mulher na sociedade.

Entretanto, após a independência, surgiram associações de mulheres que lutam para educar a sociedade sobre questões de género, aumentar a participação da mulher

na política e na economia do país e exigir mudanças legislativas que garantam a igualdade de direitos e oportunidades entre o homem e a mulher. Como resultado, foram aprovadas normas como a Lei da Família e a Lei Contra a Violência Doméstica (Amélia et al., 2011). Além de desafiar os sistemas de poder existentes, a resistência da mulher em Moçambique ajuda a construir uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária para todos, onde as vozes e contribuições da mulher são reconhecidas e valorizadas em sua totalidade (Gasparetto & Amâncio, 2017).

O Fórum Mulher é uma rede de organizações não-governamentais sem fins lucrativos e de direito privado que foi fundada em 1993. A organização define-se como sociedade civil, a partir de uma perspectiva feminista, com o papel de mediadora entre sociedade civil e Estado nas relações com as políticas governamentais e no fortalecimento das organizações que lutam pelos direitos da mulher. Seu objectivo é lutar contra os princípios e práticas socioculturais que consideram a mulher inferiores, enfrentando as relações de poder hierárquicas entre homem e mulher, tendo como denominador comum o respeito pelos direitos humanos e a melhoria da posição da mulher na sociedade.

O Fórum Mulher trabalha para garantir um desenvolvimento justo e equitativo em todas as esferas da sociedade por meio de uma rede de organizações que não são influenciadas por ideologias, políticas ou crenças religiosas. A agremiação valoriza e respeita a diversidade cultural, étnica, religiosa e política. Luta pela defesa dos seus princípios e valores para ver a sua missão cumprida.

A OPHENTA, Associação Moçambicana da Mulher e Apoio a Rapariga, foi fundada em Nampula em 2016

por uma das membras que usou sua experiência de violência no território e seu conhecimento e experiência profissional em desenvolvimento comunitário e género para em defesa da própria vida e existência e para promover os direitos humanos da mulher e a igualdade de género na província. Em língua Emakua, OPHENTA significa “amar” e cuidar, e esse sentimento está forte nas pessoas e na forma como a organização age e se comporta.

A Rede de Mulheres Parlamentares de Moçambique, Fórum Mulher e Desenvolvimento, Associação Mulheres Moçambicanas na Energia (MWE), Associação de Mulheres nos Negócios formais e informais (FEMME), Associação das Mulheres de Moçambique (FEMME) e Movimento Artista, são apenas alguns exemplos de movimentos feministas em Moçambique, e há muitos outros grupos e organizações formados por mulheres que trabalham para promover a igualdade de género e os direitos da mulher em diferentes aspectos da sociedade.

Metodologia

Esta pesquisa adoptou uma abordagem qualitativa, caracterizada pelo foco na compreensão e explicação das dinâmicas das relações sociais, abordando aspectos da realidade que não são susceptíveis de quantificação (Prodanov & Freitas, 2013). A opção por esta metodologia justifica-se pela necessidade de explorar e interpretar fenómenos sociais que vão além dos dados estatísticos, permitindo uma análise aprofundada dos discursos e representações presentes nos meios de comunicação. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa privilegia o aprofundamento do entendimento de um

grupo social ou de uma organização, desconsiderando a necessidade de representatividade numérica e concentrando-se em elementos da realidade que não podem ser medidos quantitativamente. Assim, esta abordagem metodológica possibilita a apreensão de significados, discursos e práticas sociais que estruturam a produção mediática e as suas implicações na construção da percepção pública.

Neste estudo, foram analisadas dez edições dos jornais impressos *O País* e *Notícias*, publicadas na primeira quinzena de Abril de 2024. A escolha deste recorte temporal fundamenta-se na necessidade de identificar padrões discursivos recorrentes e tendências na cobertura jornalística ao longo de um período delimitado. A análise teve como objectivo a identificação de temas predominantes nas narrativas jornalísticas, a presença de estereótipos de género e a representação da mulher em diferentes papéis e contextos. A investigação procurou compreender de que forma as mulheres são retratadas nos conteúdos noticiosos, verificando se a cobertura jornalística contribui para a reprodução de desigualdades de género ou se existem esforços no sentido de desconstruir essas assimetrias.

O processo analítico adoptado envolveu a leitura crítica das edições seleccionadas, com o intuito de identificar evidências da perpetuação de padrões tradicionais de feminilidade e masculinidade, bem como possíveis avanços na representação da mulher no espaço mediático. Além disso, foram analisadas as escolhas editoriais, o enquadramento das notícias e o uso da linguagem, factores que influenciam directamente a construção simbólica da realidade social. Assim, esta pesquisa não se limita a sistematizar dados sobre a presença feminina nos jornais

analisados, mas também debate os sentidos que emergem dessas representações, contribuindo para a reflexão sobre o papel da media na reprodução ou transformação das desigualdades de género.

Resultados e Discussão

Durante a análise das matérias publicadas no jornal *O País*, relativas à primeira quinzena de Abril de 2024, foram examinadas 73 reportagens, com o intuito de avaliar a composição das fontes e os perfis de autoria presentes na publicação. A partir desta análise, observou-se uma clara predominância da autoria masculina, uma vez que a maioria das matérias foi assinada por jornalistas do sexo masculino.

Relativamente às fontes citadas nas reportagens, foram identificadas um total de 121 fontes, sendo 92 do sexo masculino e 29 do sexo feminino. A distribuição aponta para uma representação desproporcional de vozes masculinas nas narrativas jornalísticas, evidenciando uma visibilidade mais significativa do homem, tanto de forma directa, na autoria das matérias, como de forma indirecta, através das fontes citadas. Este desequilíbrio reflecte uma tendência estrutural ainda prevalente no campo jornalístico, onde o homem continua a dominar os espaços de fala e visibilidade, em detrimento de uma participação equitativa da mulher.

Esses dados sugerem que o jornal *O País* não está apenas a reflectir, mas também a reforçar padrões de desigualdade de género, ao conceder maior espaço a fontes masculinas, o que pode impactar a representação e a percepção pública sobre questões de relevância social e política. A ausência de uma participação equitativa da

mulher nas fontes jornalísticas limita a pluralidade e a abrangência da informação, ao excluir ou sub-representar perspectivas femininas essenciais para uma análise mais completa e diversificada dos temas abordados. Assim sendo, impõe-se uma reflexão sobre as práticas jornalísticas e a necessidade de promover a paridade de género, tanto na autoria como na escolha das fontes, para uma representação mais justa e equilibrada da sociedade.

No contexto das funções desempenhadas nas reportagens jornalísticas, foi realizada uma análise centrada em um grupo específico de 29 mulheres mencionadas nas notícias. Observou-se que 16 dessas mulheres foram identificadas como testemunhas oculares dos eventos reportados. Além disso, 7 mulheres foram categorizadas como fontes primárias, desempenhando funções de relevância governamental. Outras 6 mulheres foram destacadas nas notícias devido ao protagonismo em assuntos directamente relacionados às suas próprias vidas. Esses dados indicam a diversidade de papéis que as mulheres assumem em diferentes capacidades informativas dentro do contexto jornalístico em análise.

De um modo geral, as narrativas nas quais a mulher é mencionada como testemunha ocular estão frequentemente associadas a contextos domésticos. As reportagens sobre inundações, o Dia da Mulher Moçambicana, o trabalho informal e a participação em eventos ou cerimónias fúnebres são exemplos de temas recorrentes. Tal tendência reforça estereótipos que limitam a percepção da mulher ao âmbito privado, confinando suas contribuições e experiências a esferas frequentemente vistas como de menor visibilidade ou importância pública.

Conforme Souza (2014), essas representações reducionistas não apenas reforçam as desigualdades de género, mas também contribuem para a objetificação e marginalização da mulher, restringindo-as aos papéis tradicionais e superficiais. Este processo mina a representatividade feminina e limita a sua contribuição em contextos que transcendem as esferas domésticas ou privadas. A perpetuação dessas representações é um reflexo das construções sociais que distorcem e restringem o papel da mulher na sociedade, subestimando a sua relevância em esferas públicas e profissionais.

No jornal *Notícias*, foi realizada uma análise de 181 textos provenientes de cinco edições publicadas na primeira quinzena de abril de 2024. A autoria dos textos revelou que estes não são individualmente assinados. No total, foram identificadas 175 fontes, sendo 78 mulheres e 97 homens. Este levantamento aponta para uma tendência de equilíbrio na representação de género, embora com uma predominância de visibilidade masculina no espaço editorial do jornal, tanto de forma directa quanto indirecta.

Na análise específica da mulher, verificou-se uma distribuição funcional diferenciada. Dentre as 78 mulheres analisadas, um total de 39 foi identificado como testemunha ocular, ou seja, aquelas que forneceram relatos directos e pessoais de eventos ou circunstâncias. Adicionalmente, um grupo menor, composto por 4 mulheres, desempenhou a função de porta-vozes, actuando como representantes autorizadas ou intermediárias em contextos comunicativos, tanto formais quanto informais.

Além disso, destacam-se 25 mulheres classificadas como fontes primárias, ocupando funções dentro da estrutura

governamental. Este grupo tem um papel crucial, fornecendo informações de primeira mão e influenciando decisões políticas e administrativas. Notavelmente, uma mulher foi identificada como um sujeito próprio da matéria, estando directamente relacionada ao conteúdo discutido. Essa distribuição funcional das mulheres analisadas ilustra uma diversidade de papéis e responsabilidades dentro de diferentes contextos, reflectindo suas múltiplas contribuições e influências tanto na sociedade quanto no governo.

A análise comparativa das matérias nos jornais *Notícias* e *O País* revela uma persistente prevalência de estereótipos de género. Observa-se que, na maioria dos casos, a mulher continua a ser associada, predominantemente, a actividades domésticas. Além disso, as mulheres destacadas como fontes para discutir temas mais amplos geralmente ocupam cargos no governo. Tal constatação sugere uma sub-representação feminina, corroborando as observações de Ruggiero e Rahme (2019), que argumentam que as mulheres são frequentemente retratadas de forma marginalizada, com menor espaço, voz e protagonismo em comparação aos homens. Esta sub-representação contribui para a perpetuação de estereótipos de género, desigualdades estruturais e limitações nas oportunidades e na valorização das experiências femininas. De maneira semelhante, Souza (2014) sustenta que, ao perpetuar estereótipos, os meios de comunicação desempenham um papel crucial na invisibilidade e sub-representação da mulher.

A teoria de Butler (1990), que vê o género como performativo e socialmente construído, ajuda a compreender como os meios de comunicação reforçam a ideia de que certos conhecimentos e competências são exclusivamente masculinos. Ao

retratar a mulher como incapaz de discutir temas dominantes da esfera pública, os jornais em questão acabam por reforçar este estereótipo. Goffman (1979) complementa essa análise ao afirmar que tal representação reflecte uma desigualdade de poder entre os géneros, onde a mulher é vista como menos informada ou competente em determinadas áreas. De maneira análoga, Beauvoir (1970) argumenta que as mulheres são frequentemente vistas como “o outro” na sociedade, uma perspectiva que é reforçada pela forma como os meios de comunicação as retratam.

Conclusão

A mulher enfrenta diversas barreiras para se afirmar como fonte de informação nos meios de comunicação, o que pode ser atribuído, em grande parte, à falta de representatividade e à vitimização de seus papéis na sociedade. Há uma tendência estruturada em que a mulher é solicitada a se posicionar e a actuar apenas em temas que são tradicionalmente considerados femininos, como questões domésticas, familiares ou de saúde. Esse padrão de actuação contribui significativamente para a marginalização da sua voz nos contextos públicos e profissionais. Além disso, as representações da mulher tendem a ser predominantemente vinculadas à esfera privada, o que reforça a ideia de que suas contribuições são limitadas a espaços que não são considerados significativos nas narrativas dominantes.

Outro ponto relevante é que a maioria das matérias jornalísticas que abordam a mulher foca seus desafios, dificuldades e sofrimento, perpetuando uma visão de vitimização. Essa abordagem tende a desvalorizar as conquistas da mulher e não reconhece adequadamente suas habilidades, capacidades e desempenhos bem-sucedidos em esferas diversas, como a política, os negócios, a ciência, e outras áreas profissionais.

Esse foco excessivo nas dificuldades, sem um reconhecimento proporcional das vitórias e contribuições, reforça a ideia de fragilidade e subordinação feminina, perpetuando estereótipos prejudiciais que limitam a percepção do papel da mulher na sociedade.

Nesse contexto, a presença da mulher na media ainda está profundamente enraizada em papéis tradicionais e estereotipados. A media, muitas vezes, reforça esses estereótipos ao apresentar a mulher em posições passivas e subordinadas, o que impede uma visão ampla e plural de suas capacidades e contribuições sociais. Embora algumas mulheres consigam alcançar visibilidade em espaços de poder, como cargos políticos ou governamentais, a representação feminina na esfera pública é ainda amplamente dominada por homens, o que resulta em uma sub-representação significativa da mulher em outras áreas da vida pública. Esse padrão reflecte uma dualidade importante, onde, apesar de algumas mulheres conquistarem posições de autoridade, a maioria permanece marginalizada nas narrativas cotidianas.

A análise das representações da mulher nos meios de comunicação em Moçambique revela, portanto, uma dinâmica que contribui para a perpetuação de normas sociais que limitam a actuação e a valorização feminina. Essas representações não apenas reflectem as estruturas de poder existentes, mas também as reforçam, reproduzindo as desigualdades de género que predominam na sociedade. A media, conforme argumentado por Butler (1990), não se limita a transmitir significados culturais pré-existentes, mas também os reitera e os legitima, desempenhando um papel crucial na construção das relações de poder. Nesse sentido, a representação da mulher na media não apenas reflecte as normas de género vigentes, mas também contribui para a perpetuação dessas normas, limitando a transformação das relações de poder de género na sociedade contemporânea.

Referência Bibliográfica

- Afonso, M. (21 de Abril de 2023). *Carta de Moçambique*. cartamz: <https://cartamz.com/index.php/sociedade/item/13516- apenas-28-por-cento-de-mulheres-se-encontram-na-midia-em-mocambique>
- Amélia, i., Araujo, S., Domingos, M., Jaime, U., Marques, S., Menezes, C., . . . Uaciquete, M. (2011). *Movimento Feminista em Moçambique*.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble : feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- Duarte, G., & Spinelli, L. M. (2019). Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. *Revista Sociais & Humanas*, 32(2).
- Farias, S. S., & Martins, A. d. (2018). Invisibilidade feminina e representações sociais de gênero em tecnologia e ciências. *Actas do 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*.
- Gasparetto, V. F., & Amâncio, H. P. (2017). Gênero e Feminismos em África: Temas, problemas e perspectivas analíticas. *Simpósio Temático: leituras e olhares de (e) sobre África em perspectiva de gênero. Trajetórias, construções e percursos. Anais do 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero*, 11.
- Ruggiero, A. S., & Rahme, A. M. (2019). Representação feminina em tempos de exceção. *REVISTA ARA*(6).
- Scott, J. w. (1989). *Gender: A Useful Category of Historical Analysis*". *Gender and the*. (C. R. Dabat, & M. B. Ávila, Trans.) New York: Columbia University Press.
- Souza40, J. (2014). *A invisibilidade das mulheres nos media: quando a representação de gênero define o sexo da notícia*.
- Stankiewicz, J. M., & Rosselli, F. (2008). Women as Sex Objects and Victims in Print Advertisements. *Sex Roles*, 58, pp. 579-589.
- West, C., & Zimmerman, D. H. (1987). Doing Gender. *Gender and Society*, 1(2), pp. 125-151.



AS REDES SOCIAIS DA INTERNET E O IMPÉRIO DO VAZIO

UMA REFLEXÃO SOBRE O PAPEL SOCIAL DOS INFLUENCIADORES DIGITAIS MOÇAMBICANOS

João Miguel¹

Milagrosa Manhique²

Resumo

Num contexto marcado pela forte presença das plataformas midiáticas, impactando todas as esferas da sociedade, faz-se, neste artigo, uma reflexão sobre o papel social dos influenciadores digitais moçambicanos. A partir da função primordial dos meios de comunicação (informar, educar e entreter) procurou-se saber o lugar da contribuição que estas celebridades emprestam à sociedade. Da análise feita, ficou claro que numa sociedade onde predomina o espectáculo, as mídias sociais são usadas como ferramentas de

promoção pessoal, na perspectiva do marketing comercial e político. E para o alcance desse objectivo vale tudo e tudo se torna mercadoria. Ficou igualmente evidente que existem possibilidades de uso dessas ferramentas numa perspectiva cidadã, de participação política, sendo, por esta via, esferas públicas alternativas à mídia tradicional.

Palavras-chave: influenciadores digitais, Facebook, sociedade do espectáculo, vazio, participação cidadã.

1. João Miguel é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), RS - Brasil; Professor na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (ECA-UEM); email: <joaomiguelmz@gmail.com>.

2. Milagrosa Manhique é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp-Brasil). Jornalista e pesquisadora. Licenciada em Jornalismo pela Escola Superior de Jornalismo em Moçambique. Email: <milamanhique85@gmail.com>.

Introdução

A partir do último quartel do século XX, com o advento do meio digital, os processos comunicativos foram reconfigurados. Trata-se de uma transformação tecnológica de grande dimensão, ainda em curso, caracterizada pela integração de vários modos de comunicação em uma rede interactiva. Neste contexto, as redes sociais da internet (RSI) inauguraram um espaço de exposição e de circulação de discursos individuais que parece não ter antecedentes. Antes da internet, era predominante a visibilidade de copresença. Depois, veio agregar à esta a visibilidade dos meios massivos, que se dá mediante sua agenda, na medida em que os assuntos tidos como importantes na esfera pública são aqueles por eles agendados. Entretanto, com a internet surgem outros espaços de interactividade, até então inexistentes, onde a opinião individual emerge sem mediação prévia das instâncias anteriores, a copresença e a agenda midiática.

O aparecimento dos influenciadores digitais está estreitamente relacionado à massificação das RSI. Trata-se de pessoas com credibilidade estabelecida ou atribuída e com muitos seguidores em um sector específico. Em função destas características, eles conectam-se com o marketing comercial e político, actuando como disseminadores de marcas, opiniões e tendências. Não é por acaso que a promoção de marcas, os spots publicitários, anúncios de produtos e serviços tem estado associada aos influenciadores digitais. Em alguns casos, mesmo a apresentação de programas televisivos tem ficado a cargo destes actores, numa perspectiva de transferir seus seguidores nas RSI para a audiência pretendida pela TV.

Diante deste contexto, olhando para o conjunto de transformações que se operam no campo comunicacional e, principalmente, observando o lugar de destaque que vem sendo ocupado pelos influenciadores digitais no cenário

moçambicano, torna-se pertinente perguntar qual é o contributo que estes oferecem à sociedade? E, tendo em consideração a “tríade sagrada” dos meios de comunicação, que é informar, educar e entreter, onde é que se situa o tipo de conteúdos disponibilizados pelos influenciadores digitais?

Para compreender este fenómeno, foram seleccionados cinco influenciadores moçambicanos de tendências diferentes, na plataforma Facebook. Numa perspectiva da análise de conteúdo, foram estabelecidas as seguintes categorias: *tipo, engajamento das publicações, seguidores, likes, curtidas*.

Ao procurar dar resposta às questões levantadas, partiu-se do pressuposto de que, desde a antiguidade, as pessoas, os heróis, são valorizadas, respeitadas e seguidas em função do seu contributo à colectividade. Entretanto, a análise feita mostra que estes não são movidos pelo interesse colectivo. O estudo mostrou igualmente que numa sociedade onde impera o espectáculo, o efémero e o vazio há condições criadas para o surgimento de celebridades que agregam pouco valor ao interesse comum e, por vezes, desviam as pessoas de assuntos essenciais que poderia ser objecto do debate público. Entretanto, percebe-se que as RSI podem ser usadas como plataformas de engajamento político e de participação cidadã.

Revisitando a Tríade Sagrada: Informação, educação e entretenimento

Do funcionalismo americano, como salientado por vários autores, entre eles Beltrão (1986), herdamos a concepção segundo a qual os meios de comunicação cumprem três funções principais, informar, educar e entreter. É verdade que o contexto observado pelos pensadores daquela corrente sociológica se referia aos meios tradicionais. Entretanto, é possível associar essas mesmas funções aos novos meios e,

a partir daí, questionar o tipo de conteúdos disponibilizados pelos influenciadores digitais.

Em relação à tríade, nos séculos XVII e XVIII, a informação era descrita como inteligência, a educação era tida como instrução e o entretenimento era recreação, passatempo, diversão. A importância da informação, segundo Briggs e Burke (2006), já era claramente apreciada em alguns círculos políticos e científicos do século XVII. Entretanto, o seu valor foi ressaltado na sociedade comercial e industrial do século XIX, quando as noções de distância e velocidade sofreram transformações. Em relação à educação e ao entretenimento, houve mais mudanças que continuidades, durante os séculos XIX e XX.

No fluxo do tempo, segundo Briggs e Burke (2006), a industrialização aumentou a riqueza e o lazer, o que deu um novo sentido à trindade. Neste cenário, era necessária uma informação mais substancial e confiável tanto por motivos financeiros, quanto para o controlo dos processos industriais. Assim, à medida que a industrialização foi tomando conta do quotidiano a necessidade de ter informação ganhou espaço. Neste contexto, já estavam criadas as condições para a afirmação da função mediática de captação, difusão e interpretação de informações sobre opiniões, factos, ideias e situações actuais.

A industrialização também precisava, a longo prazo, de um acesso público mais amplo de educação. No desenrolar destes acontecimentos ela passou a ser tida como transmissão de conhecimentos técnicos, científicos, artísticos e morais, com vista à evolução e ao aperfeiçoamento social e cultural.

O desenvolvimento industrial, segundo Burke (2006), precisou de maiores oportunidades de lazer activo ou passivo, como forma de escape para trabalhadores que gastavam muitas horas no processo produtivo industrial. No fim do século XX os

entretenimentos tomaram-se o entretenimento: lazer, turismo e desporto passaram a ser tratados como indústrias.

A partir desta altura, o divertimento, sublinha Miège (1999), passou a ser o princípio do funcionamento das indústrias culturais e das mídias de massa. Desde há pelo menos um século, os romances populares, o cinema de Hollywood, a música gravada e as histórias em quadrinhos são fundamentadas na promoção de uma cultura popular, apostando essencialmente na distração, no lazer e na evasão.

Com a massificação das RSI e a popularização, cada vez mais crescente de dispositivos digitais, tais como, computadores, *tablets* e, principalmente, smartphones as pessoas tendem a estar mais expostas aos conteúdos midiáticos, mormente aqueles voltados à diversão, à vida das celebridades, aos *memes*, ao fútil, ao trivial. Na mesma proporção também se incrementou a circulação de notícias falsas, o que pode vedar ao acesso daquela informação útil e necessária para o exercício de uma cidadania esclarecida.

Uma sociedade voltada para o Entretenimento

Em 1967, Guy Debord publicou a obra "A sociedade do espectáculo", numa altura em que os meios de comunicação, principalmente a televisão, estavam a impactar a sociabilidade no contexto francês. Há que ressaltar que diferentemente do cenário americano onde predominou, por muito tempo, a perspectiva funcionalista para compreender a dinâmica dos meios de comunicação, na Europa, os estudos de mídia começaram a desencadear-se a partir da década de 1960, muito influenciados pela teoria crítica. É neste contexto que se insere a reflexão de Debord. Segundo o autor, vivencia-se, na actualidade, um mundo

invertido, onde o verdadeiro é um momento do falso, na medida em que o espectáculo, na sociedade, representa concretamente uma fabricação de alienação.

Neste cenário, como observam Mattelart e Mattelart (2001), o conceito do espectáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenómenos aparentes. As suas diversidades e contrastes são as aparências organizadas socialmente, que devem ser reconhecidas na sua verdade geral. O espectáculo é a afirmação da aparência de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Mas, a crítica que atinge a verdade do espectáculo descobre-o como negação visível da vida, uma negação da vida que se torna visível.

Assim, fica plasmada a alienação do espectador em favor do objecto contemplado. Quanto mais ele aceita reconhecer-se nas imagens dominantes, menos ele compreende a sua própria existência e seu próprio desejo. A exterioridade do espectáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta. Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, por que o espectáculo está em toda a parte. Tudo o que era directamente vivido se esvai na representação.

O espectáculo, acrescenta Debord, é o coração da irrealidade da sociedade real. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo directo do entretenimento, o espectáculo constitui o modelo presente da vida socialmente predominante. Neste cenário, o que aparece é bom, o que é bom aparece.

Inserida na dinâmica do capitalismo actual, uma sociedade configurada nestes moldes também foi objecto de análise de Giles Lipovetsky na obra "O Império do Efémero: a

moda e seu destino nas sociedades modernas". Na visão de Lipovetsky (2009), o capitalismo do consumo incorpora mecanismos que permitem agradar e seduzir a população. Diferentemente do que acontecia no antigo regime, em que predominava um modo de produção centrado na subsistência: comer, alimentar a família, os filhos e reproduzir o grupo, o capitalismo actual, o da sedução, visa atrair e tocar bilhões de pessoas no planeta. Para o alcance deste objectivo, a novidade é um ingrediente essencial da sedução.

Embora Gay Debord tenha focado sua reflexão na moda, tornou-se claro que a busca e a partilha das novidades é uma dimensão fundamental da sociedade actual. As pessoas são atraídas por coisas novas. E, onde tudo é passageiro, há necessidade de manter as pessoas seduzidas e numa constante busca de novos produtos, numa perspectiva de preencher um vazio que jamais será preenchido.

Um olhar semelhante, em relação às mudanças na contemporaneidade, foi realizado por Zygmunt Baumann. A partir do conceito de modernidade líquida, o autor afirma estar a viver-se actualmente uma sociedade onde tudo é volátil e adaptável. Essa realidade contrasta com aquela da modernidade sólida, onde a sociedade era ordenada, coesa, estável e previsível. Assim, no cenário actual, nada está fixo, parado ou inalterado. Neste contexto, tudo é mutante e instável ou, em outras palavras, é caótico.

Numa sociedade assim moldada, vaticina Baumann (1998), tudo pode ser adaptável, seja a profissão, os relacionamentos, a religião. A pergunta que se coloca é: o que teria provocado esta mudança?

Baumann aponta algumas razões e todas elas relacionadas ao contexto capitalista actual, tais como: as empresas que se

tornaram mais poderosas que muitos governos. As grandes empresas transnacionais têm o poder de mudar leis, economia, o meio-ambiente, etc. Outro aspecto a considerar é a migração de pessoas, que se deslocam rapidamente, impactando de forma abrupta os lugares onde se instalam e geram mudanças culturais e socioeconómicas. Outro aspecto é a velocidade das mudanças tecnológicas cada vez mais rápidas com o advento da internet. Em suma, na actual sociedade de consumidores, diferentemente daquela de produtores, as RSI vieram incrementar a fluidez dos relacionamentos.

Por sua vez, Neil Postman, na sua leitura crítica sobre a mídia contemporânea, sugere que vivemos inconscientemente em mundo metafórico criado pela mídia, que está redefinindo a forma como vivemos. McLuhan já havia dito que “o meio é a mensagem”, para sublinhar que o meio, geralmente tido como passagem de conteúdo, é um elemento determinante do acto comunicativo. Como seu seguidor, Postman defende a tese de que “o meio é a metáfora” e ao observar o fenómeno televisão no contexto americano, constatou que as pessoas estavam a ser absorvidas pelo entretenimento. Naquele cenário, a política tornou-se um *show*; as notícias têm que ser breves e chamativas para prender sua atenção. Mesmo as notícias sérias têm que ser transmitidas com um toque de entretenimento. Nada escapa à diversão, até mesmo as autoridades religiosas foram sugadas pelo entretenimento.

É caso para dizer que estamos na era dos “ciberevangelistas”, mais focados nos *likes* e nas visualizações dos seguidores e menos na vivência profunda dos ensinamentos religiosos, tal como sempre foi apanágio do campo religioso. Assim, embora o meio analisado por Postman tenha sido a televisão, as RSI vieram ampliar a metaforização da realidade. Hoje, mais do que nunca, a visão que as pessoas têm do mundo é marcadamente influenciada pela mídia. E, se a informação e a educação também foram transformados em entretenimento,

é caso para concordar com Postman que “estamos nos divertindo até à morte”.

Influenciadores Digitais: Breve conceptualização

Os influenciadores digitais são produtores de conteúdos legitimados pelo seu público ou seguidores nas redes sociais, que passam a ser um espaço que facilita a construção da reputação. Sousa (2019) define-os como agentes de comunicação que utilizam plataformas digitais para criar e disseminar conteúdo de forma estratégica, visando engajar e influenciar seu público-alvo. Este autor enfatiza a capacidade desses indivíduos de estabelecerem um diálogo directo e mais pessoal com seus seguidores, o que os torna altamente eficazes em campanhas de marketing político e em movimentos sociais.

Os influenciadores não são apenas usuários das redes sociais, são também personagens capazes de influenciar e comunicar-se com os seus seguidores, uma forma de ser ancorada à transformação digital pela qual o mundo está a passar.

De acordo com Gomes e Gomes (2017), os influenciadores digitais são indivíduos que têm poder para engajar e envolver seus espectadores e conseguem impactar no comportamento dos seus seguidores. Estes geram conteúdos nas redes com intuito de ditar o comportamento e até a forma como os seus seguidores devem pensar e agir perante os temas que abordam em suas páginas. É verdade que este desiderato nunca pode ser alcançado, tendo em consideração o carácter difuso na interpretação por parte dos seguidores.

No mesmo diapasão dos autores supracitados, Silva e Tessarolo (2016) e Cardoso (2016) afirmam que os influenciadores digitais são indivíduos que se destacam e alcançam

grande visibilidade nas redes sociais. Factores como busca constante por *likes*, atenção e visibilidade trazem uma ilusão na qual o ter tem mais valor que o ser. Passam a impressão de uma vida perfeita, de *glamour*, realização e estímulo à exposição excessiva nas redes sociais.

Como forma de compreender este fenómeno, no contexto moçambicano foi feita a observação e análise de conteúdo de influenciadores digitais de cinco áreas diferentes, com o intuito de auferir a singularidade e o diferencial que estes empreendem para conquistar e influenciar o público, tendo em conta que as redes sociais tornaram-se um lugar de agrupamento e de pertencimento.

É preciso salientar que esses influenciadores já foram meros utilizadores do Facebook e, ao longo tempo, suas opiniões passaram a ter poder sobre as atitudes e decisões de outros utilizadores. Assim, paulatinamente, passaram a criar e distribuir conteúdos diversificados de interesse de um certo grupo, transmitindo a sensação de representatividade por parte de seus seguidores. É como se suas páginas fossem um lugar de desabafo e de expressão de liberdades, onde cada um manifesta sua opinião. Assim, nesta conjuntura, realiza-se a razão do existir dos influenciadores, a *visibilidade*. Para a consecução dessa finalidade, o engajamento em conteúdos virtuais é incentivado e este é notório mediante o número de *likes*, de partilhamentos, de *clicks* efectuados e até o tempo gasto em cada *post*.

Quando a Fé se torna Espetáculo: Joe Williams, o “Profeta Showman”

Numa sociedade voltada para a diversão, como a observada por Postman, até mesmo as autoridades religiosas foram sagradas pelo entretenimento. Este fenómeno é notório

quando observamos a figura de alguns profetas que, em busca de engajamento e relevância nas redes sociais, adoptam comportamentos que podem desvirtuar a essência de sua vocação.

Nesta reflexão é paradigmático o caso de Joe Williams. Em sua constante presença na internet, Joe Williams ostenta suas conquistas de forma exuberante e compartilha piadas, muitas vezes de mau gosto e desconectadas da seriedade religiosa. Em um de seus vídeos *virais*, ele aparece em um carro luxuoso, fazendo piadas sobre a “riqueza que Deus lhe concedeu”, em meio a risadas de seus seguidores, que, movidos pelo entretenimento, transformam as mensagens espirituais em mera diversão. Essa atitude reflecte, de forma clara, como a observância da tradição, um dos fundamentos da igreja, acaba sendo invadida pela busca incessante da novidade, característica da era digital. A busca por *curtidas* e partilhamentos transforma-se em um objectivo maior que a própria vivência religiosa, comprometendo a autenticidade e a profundidade do discurso religioso.

Ao expor-se dessa maneira, Joe Williams não apenas ridiculariza a religião, mas também revela uma faceta paradoxal de sua liderança espiritual. O pastor, que deveria ser, nos cânones da moralidade, um guia moral e ético, transforma-se em um *entertainer*, que prioriza a fama e a aprovação instantânea em detrimento dos valores apregoados pelo cristianismo. Ao fazer piadas e exibir riqueza, ele banaliza questões consideradas sagradas e desestabiliza a seriedade da mensagem que se supõe ser característica do agir religioso. As práticas religiosas mais sérias, que tradicionalmente exigem reflexão e comprometimento, são rapidamente substituídas por um entretenimento superficial que promete um acesso instantâneo à felicidade, ou seja, a religião torna-se mercadoria.

Em suma, a análise da figura de Joe Williams nas redes sociais evidencia a erosão da tradição religiosa, em meio a uma nova era dominada pelo entretenimento, reduzindo o papel do líder espiritual a um showman, sempre à procura do próximo momento de fama passageira, que a era digital oferece, com suas promessas de gratificação instantânea. A análise dos comentários direcionados a Joe Williams revela uma complexa teia de sentimentos e percepções sobre a intersecção entre religião, política e redes sociais em Moçambique. “Melhor calar porque te vimos e te ouvimos a dizer que eras da Frelixo, agora mudou o que? Falso profeta duma figa.”

Aqui, há uma clara indignação com a dualidade de posicionamentos do pastor, o que sugere que ele adoptou uma postura performática em vez de uma verdadeira convicção religiosa. Essa contradição e mudança de postura podem ser vistas como uma forma de espetacularização da fé, onde a sinceridade e a conexão espiritual são substituídas por interesses pessoais e políticos. Um seguidor percebeu esse posicionamento e fez o seguinte comentário: “Esse não tem programa, quer por meio desse assunto chamar atenção do público.”

O importante é que nos diverte e Williams, profeta showman, encontra neste espaço virtual um ambiente propício para transformar a fé e a liderança espiritual em entretenimento. A exposição de Williams nas redes sociais, onde ele se apresenta de forma glamourosa, caracteriza não apenas sua capacidade de actuar, mas também ele próprio torna-se o próprio espectáculo. Isso pode alimentar um círculo vicioso onde a imagem supera a mensagem, o que pode também levar a uma banalização da fé. Os líderes religiosos, ao se transformarem em figuras do entretenimento, desviam-se da profundidade espiritual, e isso é claramente reflectido nos comentários direccionadas a Williams.

Das curtidas ao Vazio e do Vazio às Curtidas: O Ciclo perpetuador do espectáculo em Lil Wayne

Orlando Orjana, conhecido como “Lily Wayne de Moz,” é uma figura pública de Nampula, conhecida tanto pelo seu engajamento nas redes sociais quanto pelo seu envolvimento político. Ele é deputado da Assembleia Municipal de Nampula pelo partido Frelimo. A sua popularidade e a maneira como ele se conecta com a população, através das redes sociais, são factores que contribuíram para que ele fizesse parte da lista do partido Frelimo para as eleições municipais de 2023, na perspectiva de atrair seus seguidores para o voto desta agremiação política.

Ele possui baixa formação escolar, não tendo concluído o ensino primário. Esse aspecto tem sido um ponto de discussão na esfera pública, ao considerar-se que a representação política exige algum domínio da complexidade dos assuntos de gestão municipal. É do entendimento comum que um deputado municipal deve possuir habilidades de liderança, comunicação e negociação. Este poderia, igualmente, ser um representante que equilibre interesses locais com uma visão mais ampla das necessidades do município. Os deputados devem ser profundamente enraizados em suas comunidades, com um conhecimento detalhado das questões locais e uma capacidade de articular essas preocupações no contexto das políticas municipais.

Habermas (1989) propõe que o perfil de um representante do povo deve incluir uma forte ética de deliberação e diálogo. Este autor acredita, ainda, que esses representantes devem facilitar o debate público, promovendo um espaço onde os cidadãos possam discutir e deliberar sobre questões de interesse comum, de maneira racional e inclusiva.

Pateman (1970) destaca que um deputado municipal deve ser um defensor activo da democracia participativa e incentivar a participação do racional dos cidadãos nos processos decisórios, garantindo que as vozes das diversas comunidades sejam ouvidas e consideradas nas políticas públicas.

Ao criar conteúdos superficiais e de entretenimento leve, em suas plataformas digitais, contribui para consubstanciar as dinâmicas de uma sociedade marcada pelo vazio. Seus *posts* podem ser descritos como desconexos e sem um propósito de uma acção colectiva com vistas ao bem comum, estando mais focado na geração imediata de *curtidas* e compartilhamentos do que na promoção de debates substantivos sobre políticas públicas e questões sociais.

Os conteúdos de Lil Wayne promovem a circulação de novidades sem profundidade, que alienam os cidadãos de suas próprias realidades. Aqui, a sociedade se vê imersa em uma cultura onde a imagem e a aparência são priorizadas em detrimento do conteúdo e da substância. As interações desencadeadas por ele criam a ilusão de engajamento e comunhão, mas, na verdade, reforçam a desconexão dos indivíduos com questões que realmente importam para suas vidas e para a sociedade como um todo.

Embora o conteúdo possa ser considerado fútil, ele é geralmente apresentado de maneira envolvente e de fácil consumo, aumentando o engajamento. Seus conteúdos fúteis muitas vezes geram mais interações rápidas, como *curtidas* e compartilhamentos, aumentando a visibilidade, mostrando mais do que eles tendem a consumir, o que perpetua momentos de consumo de conteúdos superficiais, como ficou manifestado no comentário do seguidor:

Moz está doente e precisa do médico urgente... estudar, com papel e caneta,

para um dia libertar o país... a tomada de posse dos analfabetos não nos intimide ao ponto de abandonar a escola.

O seguidor ressalta que a política, ao promover figuras como Lil Wayne de Moz, enfraquece o papel da educação e a ideia de meritocracia, colocando o país em situação de fragilidade. Ele expressa a insatisfação pelo facto de uma figura ter alcançado sucesso e posição política sem o mínimo de credenciais académicas que proporcionariam habilidades para uma representação esclarecida na Assembleia Municipal.

Lil Wayne, cuja carreira se construiu no mundo do entretenimento como "músico" e "comediante", foi colocado em uma posição de poder pelo partido governante, que aparentemente valoriza sua popularidade como um recurso para conquistar o apoio do público. Seu valor como político não está em sua capacidade de gerar discussões profundas ou propor políticas públicas eficazes, mas em sua habilidade de atrair atenção e manter a audiência. Essa dinâmica transforma a política em espectáculo, onde a substância é substituída pela imagem.

Quando uma figura pública ocupa a posição de deputado, não possui formação académica e, por via disso, não possui habilidades discursivas. Ele transmite a mensagem de que o sucesso é alcançável sem estudo, trabalho árduo ou compromisso com o desenvolvimento intelectual. Essa visão pode criar a sensação de o facto de ser popular ou engraçado é o suficiente para alcançar posições de poder.

Ao escolher figuras que privilegiam a fama em detrimento da competência, a política em Moçambique distancia-se de um modelo racional e crítico e torna-se um sistema que favorece a superficialidade, onde a política passa a ser o

trampolim para usufruir dos recursos do Estado. Essa postura gera um distanciamento entre a população e as questões políticas reais, pois o espaço que deveria ser ocupado por ideias e propostas é tomado por piadas e entretenimento.

O comentário do seguidor é um alerta importante sobre o impacto negativo de uma sociedade do espetáculo na educação e na política. Ele ressalta a necessidade de os jovens continuarem a estudar e preparar-se para que, um dia, possam, realmente, contribuir para a libertação e o progresso do país, pois, como ele próprio diz, “com papel e caneta um dia vamos libertar este país”. Isso aponta para a esperança de que, através do conhecimento e da educação, Moçambique possa superar a superficialidade imposta pela lógica do espetáculo e construir uma sociedade mais justa, onde líderes são escolhidos por sua competência e não apenas por sua fama.

Um dos comentários critica a ostentação de Lil Wayne, ao usar a metáfora de *“botas de uniforme de trabalhadores de empresa limpa fossas”*. Ele sugere um abismo entre a imagem que Lil projecta e a realidade da vida de muitos cidadãos moçambicanos. Outros comentários destacam uma percepção de que a política se tornou uma arena para busca de vantagens pessoais, ao mencionar a “popularidade” do deputado da Frelimo. Esta observação toca na ideia de que os políticos da actualidade são frequentemente avaliados mais pela sua capacidade de manipular imagens e criar narrativas que atraem votos do que por suas propostas e competências reais.

Os comentários trazem à tona a desvalorização da educação em favor da imagem pública e carisma de figuras como Lil Wayne. A ideia de que o sucesso não precisa de escola, transmitido por um deputado sem formação académica,

estrangula a valorização de uma educação formal e profissional para a política.

Espetáculo ou Substância? A Acção Política de Mondlane na era da Superficialidade

Perante um governo em alto grau de rejeição e em contexto de uma democracia débil, surge como consequência lógica a insatisfação, a crítica e a possibilidade de mudança. Este cenário é propício para que vozes discordantes utilizem as redes sociais como forma de angariar a simpatia do público e, assim, conseguirem ganhos políticos.

Na actualidade, em Moçambique, o influenciador com mais seguidores é o político Venâncio Mondlane, com cerca de Um milhão e seiscentos mil seguidores e cerca de trezentos e cinquenta mil curtidos. Em sua página do Facebook faz *lives*, *reels* e *posts*, criticando e listando os principais problemas do governo, utilizando uma linguagem fora do formalismo político, tornando-se o político percursor a fazer uso das plataformas digitais nesta amplitude. E, com essa atitude, Mondlane atraiu e conquistou usuários inquietos, que buscam respostas racionais aos factos.

No seu espaço virtual, Mondlane utiliza uma retórica progressista, que alguns círculos de opinião a consideram populista, contrastando-se deliberadamente com práxis política das elites, que ele as retrata como distantes e desconectadas da realidade da população. Essa dicotomia povo e elites reflecte uma estratégia política construída pelo político para granjear simpatia de muitas pessoas que têm estado à margem de sucessivos governos. Assim, Mondlane, em sua performance política, torna-se um actor habilidoso com capacidades para oferecer uma resposta às questões que afligem a sociedade.

Neste cenário, a política transforma-se em um palco onde a representação se torna mais importante do que a deliberação racional e a busca de soluções práticas e significativas, visto que o importante não é apenas dizer, mas também a forma como as mensagens são construídas, inclusive o aproveitamento dos recursos tecnológicos.

Em seus **posts**, Mondlane transparece uma atitude messiânica e considera as actuais práticas e decisões do governo injustas e desumanas, sinalizando, desta forma, a sua capacidade de transformação e resolução. Ele mobiliza sentimentos de revolta contra elites governativas, percebidas como distantes do populismo e corruptas. Desta forma, ele promove um discurso contra as elites, mobilizando um eleitorado descontente que clama por mudanças rápidas, profundas e decisivas.

A pergunta que se coloca é: por que Mondlane se tornou o influenciador digital mais seguido no país? Numa sociedade onde reina o espectáculo, as relações sociais são mediadas por imagens e representações. Neste cenário, a política também se transformou em espectáculo e a noção habermasiana de debate racional é substituída pela encenação política. Assim, o discurso político torna-se uma série de performances, onde o impacto visual e emocional fala mais alto do que a necessidade de um debate substancial sobre as questões da esfera pública.

Ciente da importância das RSI e da sua grande influência no comportamento dos usuários, ele procurou, através dos seus conteúdos e dos artifícios multimídia, exercer forte poder de persuasão e de influência na opinião sobre os assuntos marcantes do país. Ademais, o fenómeno da mobilização e polarização nas redes sociais cria ambiente propício para um maior engajamento dos eleitores que se sentem frustrados

e descontentes. Em Moçambique, nunca se teve tanta interactividade e debate em relação à política como acontece actualmente, onde os pontos de vista polémicos e opiniões conflitantes ganham maior visibilidade. Em sua página, Mondlane procura conquistar o eleitorado mediante uma estratégia do marketing político, orientada para manter um contacto permanente e fidelizar o eleitorado.

Considerando que tradicionalmente o espaço público foi definido como um espaço de raciocinante deliberação sobre assuntos públicos, através do diálogo para a construção da opinião pública, certamente haveria dificuldades para encarar o espaço de Mondlane como um locus de debate político. Anselmino et. al. (2016) afirmam não ser o Facebook o lugar de encontro entre os diferentes com a intenção de construir um acordo sobre o comum, porque dificilmente as pessoas analisam aquilo que não **curtem**. Sustentar um ponto de vista contrário perante um **post** na página é algo impossível. Em tempos de polarização política, como o que aconteceu nas eleições municipais de 2023 e gerais de 2024, é notório que quem não está alinhado com as ideias dos seguidores de Mondlane não teria como sustentar um debate naquele espaço. Mas, isso é válido também em relação às páginas dos influenciadores do partido Frelimo.

Entretanto, ainda segundo Anselmino et. al. (2016), há possibilidade de encarar essa arena como esfera pública de carácter múltiplo e móvel, onde razão e emoção não podem ser considerados polos opostos. Nesta óptica, o múltiplo/semelhante, o racional/apaixonado, o polémico/consensual agem e interagem de diferentes maneiras. Ademais, não deixa de ser verdade que, não obstante a encenação política, este locus tem permitido a circulação de pontos de vista, de opiniões ignoradas pela mídia tradicional, em função de suas lógicas, por vezes alheia ao interesse geral. Nos

momentos de muita intensidade política, como o foi durante as eleições, a mídia tradicional moçambicana tem sucumbido às investidas do partido no poder, mediante o seu poder de barganha. Neste cenário, mesmo os canais que têm revelado posicionamento imparcial na cobertura noticiosa, tem sido notório o favorecimento ao partido Frelimo.

Neste contexto, o espaço virtual de Mondlane tornou-se um espaço alternativo para a obtenção de informação, de tal forma que, em ocasiões de transmissão em directo (*lives*) no Facebook, se cogita que a sua audiência poderia superar a de qualquer canal televisivo. Assim, numa era da predominância do vazio, torna-se possível o uso das plataformas midiáticas numa perspectiva de participação política.

Entre Fofocas e Imagens: O Espelho Social de Fred Jossias

Fred Jossias transforma questões significativas em meros produtos de consumo e entretenimento ao privilegiar a espetacularização dos problemas sociais. Sua estratégia de abordar fofocas e informações superficiais sobre a vida dos famosos não apenas dilui a gravidade de assuntos importantes, mas também reforça uma cultura de frivolidade. Este influenciador usa sua influência nas RSI para criar uma narrativa em que a forma prevalece sobre o conteúdo. Seus *posts*, marcados pela busca incessante de cliques e compartilhamentos, tornam-se representações perfeitas de o que Debord descreve como a *imagem da imagem*. Ao fomentar discussões vazias e superficiais, a complexidade dos problemas sociais reais é ignorada, levando à erosão da capacidade crítica do público.

No contexto das redes sociais, Jossias torna-se um vector de alienação, atraindo a atenção dos indivíduos para a exaltação de sua figura, enquanto as questões sociais prementes permanecem em segundo plano. Assuntos significativos são tratados

de maneira simplista e superficial, os seguidores são desencorajados a envolver-se em debates que exigem um entendimento mais profundo da realidade social. Nisso, o que se observa é um ciclo de espetacularização que amplia a popularidade do influenciador em detrimento do bem comum.

O efêmero torna-se a linguagem dominante. Debater ideias significativas torna-se cada vez mais desafiador. As interações tornam-se superficiais e o potencial transformador das redes sociais como plataformas de conscientização e activismo é ofuscado. A luta por atenção torna-se a meta a ser alcançada. Neste movimento, a substância das mensagens perde-se, levando a uma banalização das questões que poderiam desencadear a mudança social.

Nesta dinâmica, as RSI, embora possam ser vistas como ferramentas para democratização da informação e espaços de activismo, acabam sendo dispositivos de propagação da desinformação e superficialidade. O potencial de engajamento real e significativo é frequentemente trocado por *curtidas* e comentários vazios. A atracção pelo espectáculo não faz distinção entre o que é relevante e o que é meramente entretenimento, criando uma confusão que enfraquece a capacidade de mobilização e consciência crítica da sociedade.

A análise dos comentários dos seguidores do apresentador Fred Jossias revela uma reação imbricada entre a exploração da vida privada de celebridades, entretenimento e vantagens mercadológicas. Os seguidores de Fred, que frequentemente comentam sobre sua capacidade de expor os “bifes e podres”, reflectem essa lógica mercadológica. O comentário a seguir, de um dos seus seguidores, é ilustrativo: “Cuidado com Fred, esse cara é super dotado em descobrir podres.”

Fica evidente a percepção de que Fred é um “caçador” de histórias sensacionalistas, aproveitando-se dos “segredos”

alheios para alimentar o entretenimento que sua audiência busca. Os vários comentários que destacam a habilidade de Fred em “descobrir” e expor as falhas e misérias de celebridades reforçam a ideia de que muitos dos seguidores valorizam a fofoca e a crítica como forma de entretenimento. “Se um dia eu me meter no entretenimento e tiver que ir ao programa de Fred, eu juro que divulgo todos os meus podres antes de ir ao ar.”

Muitos seguidores reconhecem, por lado, a exploração da vida de outrem por Fred como algo presente, enquanto, por outro, glorificam essa habilidade como uma forma de investigação a ponto de o comparar com o Serviço Nacional de Investigação Criminal (SERNIC). “Fred é o rei, esse dava par ser do SERNIC ou SERNIC precisa de um Fred Jossias na organização.”

A dinâmica apresentada nos comentários reafirma que, em sociedades afectadas pelo espetáculo, a má fama muitas vezes se transforma em fama. Fred utiliza a exposição das fraquezas alheias como uma estratégia de marketing pessoal, um método de ascensão na hierarquia do entretenimento. Isso é evidente nos comentários que criticam celebridades como “Namorar Yola Reis é tipo ser visto no prostíbulo, ninguém assume”, não apenas atacam a dignidade de outras pessoas, mas também elevam Fred como o “enunciador da verdade”, um papel que é por si só nobre em uma sociedade que se diverte com a fofoca.

Os comentários sobre Fred Jossias expõem a complexa relação entre a fama, a ética e a indiferença moral em um ambiente saturado pela dinâmica do espetáculo. Eles revelam um público que consome as imagens e as narrativas construídas em torno das fraquezas humanas, ao mesmo tempo que admitem a própria vulnerabilidade diante da necessidade de entretenimento.

Mana dos Manos: Quando conselhos viram Produto e a Solidão normaliza-se

Em um contexto onde a “insegurança ontológica” se torna uma constante, a figura da “Mana dos Manos” evidencia-se como um fenómeno cada vez mais crescente na sociedade contemporânea, onde a fragmentação dos antigos valores e a incerteza permeiam as relações sociais. Verifica-se, desta forma, a substituição de instituições tradicionalmente responsáveis pela orientação e apoio psicológico como a família, a igreja e a escola por influenciadores digitais.

A “Mana dos Manos” representada na figura de Dorcas, torna-se uma espécie de terapeuta do quotidiano, oferecendo conselhos que antes eram atribuídos a figuras de confiança na estrutura familiar. O papel que ela desempenha vai além da mera influência. Trata-se de um acolhimento e uma escuta, numa altura em que muitas pessoas se sentem espiritualmente desamparadas. Ao captar a dor e a solidão que afecta os indivíduos, Dorcas posiciona-se como conselheira espiritual, em meio ao desespero, estabelecendo um espaço onde seu público encontra uma forma de pertencimento e identificação.

Bauman designa a sociedade actual como modernidade líquida. Nela, as relações tornam-se cada vez mais diluídas e superficiais. É nesse cenário que Dorcas traça sua estratégia para atrair seguidores e obter engajamento nos seus conteúdos, o que levanta questões sobre a autenticidade e a eficácia dos conselhos que oferece. A dependência emocional em relação a uma figura pública pode ser uma armadilha, uma solução temporária para o vazio existencial que a sociedade enfrenta, entretanto, pode perpetuar a fragilidade das relações pessoais e a falta de aprofundamento na busca por resolução real do problema.

À medida que Dorcas se posiciona como uma conselheira popular, fica claro que a sua “oferta” se insere em uma lógica

de mercado onde as vulnerabilidades humanas são exploradas, transformando dor em ganho. Nesse sentido, as redes sociais são usadas numa perspectiva da exploração da dor, o que levanta questões éticas: até que ponto as soluções oferecidas por influenciadores são genuínas e em que medida elas contribuem para a verdadeira superação das crises que acometem os indivíduos?

A proposta da “Mana dos Manos” não só reflecte a busca por suporte em uma era de insegurança, mas também expõe as fragilidades das estruturas sociais que, antes, garantiam a coesão e a orientação dos indivíduos. Assim, ao mesmo tempo que Dorcas atende a uma demanda real de apoio emocional e psicológico, ela também revela a precariedade de um modo de vida onde a solidão e a incerteza foram normalizadas.

Dorcas aparece como uma terapeuta que preenche um vazio deixado pelas instituições sociais tradicionais, família, religião e comunidades na esfera do apoio emocional. Ao assumir o papel de terapeuta e conselheira, ela se torna uma referência para muitos que buscam orientação em uma sociedade incerta. Ela se posiciona como um suporte emocional para muitos, especialmente mulheres que buscam conselhos, como se pode constatar neste comentário de um dos *post* na sua página do Facebook: “Pedir conselhos, madrinha é pedir para chorar.”

Isso ilustra como muitas pessoas se sentem expostas e frustradas, possivelmente indo contra suas expectativas de apoio. Nesse sentido, a relação estabelecida entre a influenciadora e seus seguidores pode ser vista como uma “performance” que contribui para a espetacularização da dor e da fragilidade emocional.

Os relatos de vulnerabilidade, expressos em frases que ressaltam experiências traumáticas transformadas em

entretenimento, mostram como a dor se torna um produto. Esse ciclo de espetáculo contribui para a superficialidade das relações, onde o engajamento e a repercussão social se sobrepõem à profundidade do sofrimento expresso. Neste comentário, fica evidenciada a exposição das seguidoras de Dorcas:

“23 anos já rouba 10.000 de um homem que não conhece. Emojis de risos.”

Como se pode perceber, os conselhos promovem um cenário de espetacularização da dor, em que as experiências traumáticas são transformadas em entretenimento e consumidas como produtos. A pressão para que os seguidores compartilhem suas histórias em busca de validação gera um ambiente onde expor a fragilidade é visto como uma forma de coragem. No entanto, essa coragem pode ser questionada, tendo em vista os riscos associados à exposição emocional em um ambiente virtual. Comentários como: Vocês vão deixar madrinha cair com essas vossas histórias, que coragem é essa que vocês têm de ligar?

Sugerem uma pressão para se expor em detrimento da privacidade e da segurança emocional, o que cria um ciclo vicioso onde as vulnerabilidades são exploradas para engajamento e os ganhos delas decorrentes em termos marketing. Dorcas e sua “madrinhagem” tornam-se produtos do mercado emocional.

A “madrinhagem” acaba por se tornar uma marca registrada de um sistema que transforma as experiências pessoais. O resultado dessa dinâmica é uma alienação das emoções e uma exploração do desejo de pertencimento, onde as interações se tornaram um espaço de acolhimento, uma plataforma de lucro e consumo das fragilidades humanas.

Além das relações interpessoais, a crescente dependência de influenciadores digitais como fontes de apoio emocional indica uma crise mais ampla das instituições sociais. O deslocamento do apoio emocional de círculos familiares para influenciadores evidencia uma erosão da coesão social. Se, antes, a família e a religião eram fundamentais para o suporte emocional, agora, esses pilares sociais enfrentam a competição de figuras que, embora carismáticas e acessíveis, carecem de bases sólidas para proporcionar um real suporte.

Considerações finais

Partimos da seguinte questão: qual é o contributo que os influenciadores digitais moçambicanos oferecem à sociedade? E tendo em consideração a “tríade sagrada” dos meios de comunicação, que é informar, educar e entreter, onde é que se situa o tipo de conteúdos por eles disponibilizados? Para responder a estas questões, foram convocados alguns autores para, através de seus diagnósticos sobre a sociedade contemporânea, compreender o fenómeno das mídias sociais no país. No primeiro momento, as contribuições de Burke e Briggs e de Miège permitiram visualizar que, em relação às funções dos meios de comunicação, informar, educar e entreter, vivencia-se actualmente uma sociedade voltada para o entretenimento, a tal ponto que programas informativos e educativos, amiúde, são consumidos sob a forma de diversão. A aposta no sensacionalismo na produção de conteúdos informativos ilustra que o divertimento se tornou a característica central da sociedade actual, tendo ganhado proporções sem precedentes, com o advento das RSI.

No segundo momento, a partir das reflexões de Debord, Lipovetsky, Baumann e Postman, mediante as noções de sociedade do espectáculo, do efêmero, do divertimento

e modernidade líquida, foi possível compreender que o espectáculo está em toda a parte; que a sociedade actual é constantemente seduzida pela novidade, onde tudo é volátil e adaptável. Enfim, um cenário marcado pelo entretenimento.

A partir destes pressupostos, foi feita a análise de conteúdo constante nas páginas do Facebook de cinco influenciadores moçambicanos, Joe Williams, Orlando Orjana (Lily Wane), Venâncio Mondlane, Fred Jossias e Dorcas, a “Mana dos Manos”. O estudo constatou que a política, a arte, a religião, a vida íntima das pessoas comuns e das celebridades, todas essas esferas transformaram-se em meras performances voltadas para o entretenimento superficial e vazio, onde o aparente se sobrepõe em relação ao essencial. Entretanto, percebeu-se, também, o seu potencial para o engajamento político, tornando-se, desta forma, uma esfera pública alternativa, já que a mídia tradicional, na maioria das vezes, privilegia sua própria agenda e seus próprios interesses, mormente económicos e políticos.

Assim, fica claro que não se trata de negar o papel das RSI como ferramentas de mobilização social, até porque estas têm sido cruciais na veiculação de temáticas deliberadamente ignorados pela grande mídia. Mas, regra geral, o papel social dos influenciadores digitais moçambicanos tem sido caracterizado pela aposta no marketing pessoal e não pela busca de uma acção colectiva que poderia promover o encaminhamento das demandas dos seus seguidores. O engajamento, as *curtidas*, os *likes*, os compartilhamentos são mais importantes para sua sobrevivência, principalmente para os ganhos daí decorrentes. É caso para sublinhar: “divertimo-nos até à morte.

Referências

- Anselmino, N. R.; Reviglio, M. C.; Diviani, R. (2016). *Esfera pública e redes sociais na internet*: O que há de novo no Facebook? Rizoma, v. 4 n. 1, Santa Cruz do Sul: agosto.
- Beltrão, L.; Quirino, N. O. (1986). *Subsídios para uma teoria de comunicação em massa*. São Paulo, Smmus.
- Briggs, A. Burke, P. (2006). *Uma história social da mídia*: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Canavilhas, J. (2001). *O domínio da informação-espectáculo na televisão*. (Biblioteca BOCC)
- Debord, G. (2003) A sociedade do espectáculo. (e-book).
- Lipovetsky, G. (2009). *O Império do efêmero*: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mattelart, A. Mattelart, M. (2001). *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola.
- Miêge, B. A multidimensionalidade da comunicação. In: Bolaño, C. R. S. (1999), (Org.). *Globalização e regionalização das comunicações*. São Paulo: Educ.
- Pena, F. (2002). *A vida é um show*: celeridades e heróis no espetáculo midiático. (Biblioteca BOCC).
- Sousa, J. G. P. (2010). *Caso Eloá*: um reality show real. (Biblioteca BOCC).
- Sousa, J. (2019). *Comunicação digital e redes sociais: uma análise estratégica*. Almedina.
- Abidin, C. (2018). *Internet celebrity: understanding fame online*. Emerald Publishing.
- Traquina, N. (2012). *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. Insular.

An abstract painting featuring a central figure, possibly a person, rendered in a style reminiscent of Vincent van Gogh's 'Olympia' or similar figures. The figure is composed of thick, expressive brushstrokes in various colors including red, yellow, brown, and white. The figure is holding a dark, circular object, likely a globe, in their hands. The background is a vibrant, textured blue, suggesting a sky or a digital space. The overall composition is dynamic and expressive.

50

DESAFIOS DA
COMUNICAÇÃO
E INFORMAÇÃO EM
TEMPOS DIGITAIS

OS MEDIA NA COBERTURA DOS CICLONES TROPICAIS EM MOÇAMBIQUE

UM ESTUDO CENTRADO NO
FOLLOW UP NOTICIOSO DOS
IMPACTOS DO "IDAI"¹

Sérgio Jeremias Langa²

sergiolanga@icar.co.mz

Precidónio Silvério Hilário Uamusse³

precidoniosilverio@outlook.com

Resumo

Preocupa-nos a apatia da imprensa em dedicar-se a cobrir um assunto que constitui um dos desafios da actualidade. "Os Media na cobertura dos Ciclones Tropicais em Moçambique: um estudo centrado no *Follow up* noticioso dos impactos do idai" constitui o título deste artigo. A partir da inquietação sobre a (im) possibilidade de a Televisão de Moçambique (TVM) ter feito cobertura e publicações noticiosas do Ciclone Tropical Idai, com o estudo pretende-se compreender se a TVM continua ou não a explorar outros ângulos que possam fornecer mais subsídios para o entendimento de um determinado Ciclone Tropical, na perspectiva de essa informação poder esclarecer os telespectadores. Move-nos

a elaborar este estudo a noção de que o trabalho jornalístico deve ir além do simples relato dos acontecimentos, sendo fundamental que, após a ocorrência de um fenómeno, o jornalista desdobre-se no *Follow up* para explorar outras possibilidades que não seriam aprofundadas num simples relato noticioso imediato. Metodologicamente, socorremo-nos da Análise de Conteúdo com abordagem híbrida (qualitativa e quantitativa). Constatámos que a TVM não fez o *Follow up* dos impactos ciclónicos durante o período em análise (Abril e Maio de 2019), tendo, muitas vezes, publicado *breaking stories* no lugar de matérias aprofundadas sobre os impactos do Ciclone Tropical Idai.

1. Pesquisa elaborada a partir de um país (Moçambique) que não aderiu ao acordo ortográfico

2. Doutor em Políticas de Educação pela Universidade Eduardo Mondlane; Mestre em Jornalismo e Estudos Editoriais pela Universidade Pedagógica de Maputo - Moçambique; Bacharel e Licenciado em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Comunitário; Graduado em Design Publicitário; Professor e Pesquisador na Escola Superior de Jornalismo, Maputo - Moçambique.

3. Licenciado em Ciências da Comunicação, especialidade de Jornalismo pela Escola Superior de Jornalismo - Moçambique; Jornalista Freelancer.

Palavras-chave: *Follow up*, Ciclone Idai, Meio-ambiente, Media, Televisão de Moçambique.

Abstract

We are concerned about the apathy of the press in dedicating itself to covering a subject that constitutes one of today's challenges. "The Media in Covering Tropical Cyclones in Mozambique: a study focused on the news follow-up of the impacts of idai" comprises the theme of this article. Based on concerns about the (im)possibility of Television of Mozambique (TVM) covering and publishing news about Tropical Cyclone Idai, the study aims to understand whether or not TVM continues to explore other angles that could provide further information. For the understanding of a specific Tropical Cyclone, from the perspective of this information being able to enlighten viewers. The notion that journalistic work must go beyond the simple reporting of events moves us to develop this study, and it is essential that, after the occurrence of a phenomenon, the journalist dedicates himself to Follow up to explore other nuances that would not be explored in depth. In a simple immediate news report. Methodologically, we used Content Analysis with a hybrid approach (qualitative and quantitative). We found that TVM did not Follow up on cyclonic impacts during the period under analysis (April and May 2019), having often published breaking stories instead of in-depth articles on the impacts of Tropical Cyclone Idai.

Keywords: *Follow up*, *Cyclone Idai*, *Environment*, *Media*, *Mozambique Television*.

Introdução

Moçambique é, depois de Madagáscar, o país mais vulnerável às mudanças climáticas na África Austral e um dos

mais afectados do mundo. O país é ciclicamente afectado pelos impactos deste tipo de desastres naturais e as manifestações ciclónicas são cada vez mais intensas a cada ano que passa. Neste contexto, os meios de comunicação social consagram-se como veículos cujo papel é prestar um serviço de informação sob quaisquer aspectos que affligem a sociedade. Naturalmente, os media não aparecem como agentes que debelam problemas, mas podem emitir uma mensagem apelativa de como as pessoas se podem comportar perante uma determinada situação.

A vulnerabilidade de Moçambique aos ciclones tropicais pode ser vista como uma temática que traz um desafio às redacções. Assim referimos porque a cobertura a intempéries no país, pelos meios de comunicação social, poderá ser uma praxe com um terreno fértil de se enraizar. O desafio a que nos referimos é no sentido de as redacções conceberem as coberturas dos desastres naturais, particularmente dos ciclones, como agenda no topo das prioridades.

Ao ritmo em que o país se encontra em termos de frequência da ocorrência dos ciclones tropicais, pensa-se que é preciso levantar e aprofundar o debate sobre a responsabilidade social dos media, se quisermos pensar nos meios de comunicação social como legítimos veiculadores de informação apelativa.

Os ciclones tropicais em Moçambique colocam o país numa situação emergencial que, inequivocamente, mexe com vários sectores, desafiando-os a reformular a sua forma de actuar para fazer face à emergência que agora perdura. Entendemos, por isso, que os media são um sector que deve olhar a vulnerabilidade do país aos impactos dos ciclones tropicais como uma emergência. Para entender essa possibilidade, é importante analisar a cobertura da Televisão de Moçambique nos impactos do Ciclone "Idai".

Os ciclones tropicais que se têm feito sentir em Moçambique parecem mostrar a vulnerabilidade do país aos efeitos das alterações climáticas. As evidências dessa vulnerabilidade podem estar reflectidas nos impactos dos Ciclones Idai, Kenneth, entre outras depressões tropicais que tem assolado o território nacional.

O Ciclone Idai que assolou a zona centro do país, com destaque para a cidade da Beira, na província de Sofala, e das inundações subsequentes, causou a morte de mais de 600 pessoas, 1,641 feridos, 400 ficaram deslocadas, diz o Relatório Nacional da Situação do Ciclone Idai e Kenneth (GUDO et al., 2019). Com o estudo "Os media na cobertura dos ciclones tropicais em Moçambique", procuramos compreender se a TVM continua ou não a explorar outras perspectivas que proporcionem mais dados para o entendimento de um ciclone tropical, visando clarificar e elucidar os telespectadores.

Inquietação Investigativa

Uma das questões discutidas no tocante à cobertura dos ciclones tropicais é a continuação da divulgação de matérias sobre um assunto anteriormente veiculado pelo meio de comunicação, (GIRARDI e REGES, 2007). Estes autores discutem a noção do *follow up*, esclarecendo que a divulgação de um evento pode merecer continuidade noticiosa, uma vez que não se pode esgotar todos os aspectos de um acontecimento em apenas um relato noticioso.

Sobre o *Follow up* mediático, convém referir que Girardi e Reges (2007) fazem referência à necessidade de uma cobertura jornalística muito além do simples facto do relato de um acontecimento. Neste sentido, podemos pensar na possibilidade de a Televisão de Moçambique ter feito o *Follow up* sobre os impactos do Ciclone Idai, sob o pressuposto de que é

necessário que a cobertura jornalística extravase a dimensão de apenas noticiar a ocorrência de um evento, mas também de dar acompanhamento ao assunto e explorar outros ângulos.

Amaral et al. (2020) afirmam que o tempo incide sobre a narrativa jornalística de muitas maneiras. Há o tempo da produção da matéria jornalística, há a pressão do tempo na veiculação da informação e há a inscrição do tempo na narrativa do acontecimento. Há o momento da emergência, de alerta ou eclosão da crise, que emerge sempre pelas suas consequências. Posteriormente, há uma fase que inclui a busca das causas e das controvérsias que envolvem o facto.

Diante deste pensamento, parece que os autores reconhecem que é preciso que a cobertura jornalística privilegie o *Follow up* noticioso, com vista a projectar uma abordagem a fundo sobre os acontecimentos, neste caso, os ciclones tropicais.

Os desastres naturais têm dominado as pautas jornalísticas local e globalmente. Por isso mesmo, entendemos que é razoável trazer alguns exemplos de cobertura midiática destes eventos ciclónicos tanto a nível local, como em algumas regiões do mundo, onde estes fenómenos são recorrentes.

Começamos pelos Estados Unidos da América (EUA), que, por exemplo, no dia 12 de Dezembro de 2021, o Estado de Kentuchy, foi abalado por um tornado de longa duração. A intempérie causou mortes e destruições de várias propriedades, sobretudo residências em várias cidades.

Na sequência do tornado que se fez sentir na cidade Mayfield, em Kentuchy, o canal Fox News, fez cobertura e noticiou com regularidade sobre o fenómeno que abalou àquela cidade. Neste dia, uma das notícias de destaque tinha o seguinte título: *Áudio arrepiante revela os pedidos*

de ajuda de uma mulher do Kentucky que ficou presa nos escombros de um tornado.

É nossa percepção que o canal televisivo Fox News tenha escolhido destacar esta notícia pelo nível de sensibilidade que a matéria carrega. Só de imaginar uma mulher debaixo de um temporal entre escombros, lama e desespero, essa história, jornalisticamente, é digna de menção. Nesse sentido, a Fox News trilhou pelo humanismo na cobertura do temporal.

Além do humanismo, o canal acomodou a etiqueta de *Follow up* noticioso, que é o cerne do nosso estudo. É que três meses depois de Mayfield ter sido abalada pelo tornado o canal Fox voltou ao terreno para reportar o pós-desastre e, naturalmente, o assunto tomou outro rosto, com outros subsídios. No dia 10 de Fevereiro, a Fox News noticiava que *“Esta é a nossa casa”: a recuperação de Mayfield continua 2 meses após o surto mortal de tornados.*

No corpo da notícia desta matéria, a Fox conta a história de residentes de Mayfield, que testemunharam o desastre a 12 de Dezembro de 2021. Na reportagem, os entrevistados falam do pavor que o tornado lhes causou, a tentativa de escapar do perigo, o medo do que pode acontecer futuramente, mas como disseram à Fox News, não há outra opção, que é preciso seguir com a vida e tentar superar o trauma.

Como podemos depreender, depois de três meses, a Fox voltou a reportar sobre o tornado, tendo explorado outro ângulo de cobertura, ou seja, privilegiou o *Follow up* noticioso e não se limitou a informar apenas no período do surgimento do tornado. Portanto, a postura da Fox News Channel corrobora com os enunciados de (Girardi e Reges, 2007), quando insistem na ideia de desdobramento dos jornalistas sobre os acontecimentos.

Na Ásia, por sua vez, traz-se exemplo da Indonésia. No dia 16 de Dezembro de 2021, a BBC Brasil divulgou uma matéria com o título: Tsunami na Ásia: uma onda de morte e destruição. Na reportagem, o canal relata o tsunami que abalou vários países da Ásia, dos quais a Indonésia, há 18 anos, tendo o desastre natural ocorrido no dia 26 de Dezembro de 2004 (BBC BRASIL, 2021).

Parte do texto original da reportagem diz: As 226 mil vidas levadas pelas águas do tsunami serão sempre uma dolorosa lembrança da capacidade destrutiva da natureza. Diante de um futuro de mudanças climáticas, as lições deixadas pelas ondas gigantes, sobre como respeitar o planeta e proteger comunidades, devem ser aprendidas (BBCBRASIL, 2021).

No dia 29 de Setembro de 2018, a BBC News Brasil publicou a notícia que dizia: Mais de 380 pessoas morreram depois que um tsunami desencadeado por um terremoto de magnitude 7,5 atingiu uma cidade da Indonésia, na sexta-feira. Ondas de três metros de altura varreram Palu, na ilha de Sulawesi (BBC BRASIL, 2018).

Entre as duas matérias veiculadas pela BBC News Brasil, uma é simples notícia e outra é uma reportagem sobre um tsunami que assolou a Indonésia e outros países asiáticos. Com a reportagem, o canal parece-nos ter privilegiado o aprofundamento do acontecimento, fazendo destaque das consequências do desastre e o desenrolar dos trabalhos de resgate.

Rodrigues e Xavier (2013, p. 1) afirmam que “diferente da notícia que é simples e objectiva, a reportagem é rica em detalhes de informações, por isso, ela gera um interesse maior e exige um cuidado a mais na apuração dos factos, na verificação das fontes, para que o texto não corra o risco de se tornar confuso”.

Assim, pode-se afirmar que o *Follow up* noticioso parece ser um caminho ideal para fazer um trabalho jornalístico mais apurado e tal requereria mais tempo de trabalho sobre um determinado assunto. Nesta ordem de ideias, a BBC Brasil pode ter privilegiado o *Follow up* ao produzir uma reportagem sobre a ocorrência de um tsunami, num esforço de dispor ao público uma informação mais completa e além do simples facto de relatar o assunto.

Ademais, a reportagem do canal britânico inclui uma espécie de chamada de atenção sobre ameaças dos desastres naturais que diz o seguinte: Diante de um futuro de mudanças climáticas, as lições deixadas pelas ondas gigantes, sobre como respeitar o planeta e proteger comunidades, devem ser aprendidas (BBC BRASIL, 2021).

Neste excerto, parece-nos que o *Follow up* permitiu ao jornalista trazer também um ângulo didático sobre a ocorrência do tsunami, como um problema das mudanças climáticas e a necessidade de se ser sensível a esta situação. A Europa, por sua vez, segundo o Diário de Notícias de Portugal (2016) é considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como a terceira região do mundo mais afectada por catástrofes naturais, como sismos e inundações, logo a seguir às Américas e à Ásia.

Em Julho de 2021, a Alemanha foi alvo de inundações cujos estragos parecem ter sido de grande proporção. Vários órgãos de comunicação veicularam informações sobre a situação. No dia 18 de Julho de 2021, A Euronews noticiou o seguinte: Chuvas torrenciais causam inundações no sul da Alemanha (EURONEWS, 2021).

No dia 15 de Agosto de 2021, praticamente um mês depois, o canal internacional publicou a notícia que dizia: Alemanha

tarda na resposta às vítimas das inundações. A notícia dava conta que tinham morrido 180 pessoas naquele dia (EURO-NEWS, 2021).

A seguir, no dia 18 de Outubro, sensivelmente quatro meses depois da ocorrência das inundações, uma notícia da Euronews (2021) tinha o seguinte título: *Os factores que levaram às cheias mortais na Alemanha e o desafio da reconstrução.*

A primeira e segunda matérias foram publicadas num intervalo de um mês, a segunda e terceira estão separadas por dois meses. A terceira e a primeira separam-se por um período de quatro meses. As três matérias abordam sobre o mesmo fenómeno, mas com ângulos diferentes.

A primeira matéria é um relato imediato sobre o acontecimento e as restantes. Considerando o ângulo de abordagem, parece-nos que a Euronews pautou pelo *follow up*, ao pautar por denunciar a resposta tardia às vítimas e tentar explicar as causas de inundações com impactos aparentemente negativos.

A nível de África mapeámos algumas matérias sobre os ciclones tropicais, entre Ilhas Maurícias, Madagáscar e Moçambique, estes dois últimos países regularmente afectados por este fenómeno.

No dia 10 de Fevereiro de 2023, o canal televisivo via satélite Africanews, noticiou sobre a ocorrência da tempestade tropical Freddy, que podemos conferir a seguir: *A Maurícia foi atingida por fortes chuvas na segunda-feira, quando a intensa tempestade tropical Freddy atingiu o país. Muitas empresas foram obrigadas a fechar e o aeroporto internacional do arquipélago do Oceano Índico foi encerrado. Os*

Serviços Meteorológicos das Maurícias emitiram um aviso de ciclone de classe 3 (nível 3 em 4).

Esta matéria, pelo seu ângulo de abordagem, configura-se como a notícia-*breaking news*- ao informar que as Ilhas Maurícias estavam sob chuvas intensas associadas a uma determinada tempestade tropical. Em outras palavras, é uma notícia que pressupunha a continuidade noticiosa, para acomodar o *follow up*, no âmbito de busca de novas abordagens sobre um determinado assunto. No entanto, não conseguimos encontrar uma outra matéria produzida por este canal sobre o mesmo assunto no âmbito de continuidade noticiosa.

Sobre esse ponto, podemos levantar algumas hipóteses. Provavelmente, o canal Africanews deve não ter feito o *follow up*, por se identificar mais com o *breaking news*, ou o canal ainda não tem uma equipa sólida nas Ilhas Maurícias que possa fazer o devido acompanhamento da pauta jornalística. Noutra análise, é provável que assuntos de cariz ambiental não estejam no rol das prioridades do canal Africanews.

Ainda sobre a mesma tempestade, em relação a Madagáscar, o canal Africanews anunciou no dia 10 de Fevereiro que *as autoridades malgaxes anunciaram que a passagem do poderoso ciclone tropical Freddy causou quatro mortos. A tempestade afectou cerca de 16.600 pessoas, segundo o Gabinete Nacional de Gestão de Riscos do país.*

Um mês depois de o ciclone ter abalado a Ilha de Madagáscar e Moçambique, o Africanews informou que *o Freddy já tinha matado 10 pessoas no país da África Austral (referindo-se a Moçambique) durante a sua primeira passagem, no final de fevereiro, e 17 no total em Madagáscar, onde também atingiu duas vezes, descrevendo uma trajectória em looping raramente registada pelos meteorologistas.*

Neste caso, podemos assinalar que o Africanews, em comparação com a sua cobertura nas Ilhas Maurícias, para o caso de Moçambique e Madagáscar, *acomodou o Follow up* na cobertura da tempestade tropical Freddy. Aqui, podemos também avançar algumas hipóteses deste comportamento midiático. A primeira, que estes dois países foram mais fustigados pelo temporal que as Maurícias. Em segundo lugar, que ambos territórios são regularmente afectados pelos eventos ciclónicos, daí a atenção pelos mesmos.

Os exemplos noticiosos acima referenciados encontram suporte nas abordagens de autores como Girardi, Reges, Rogrigues e Xavier que comungam a mesma ideia, ao defenderem que a notícia é um produto temporal. Por isso mesmo, é crucial que o assunto divulgado seja continuado, no sentido de explorar mais do mesmo e seja possível esclarecer questões que num simples relato noticioso não caberiam.

O The News Manual diz que “acompanhamentos” mostram como diferentes partes da vida estão conectadas. Sempre que se termina de escrever uma história, limita-se o relato do evento ou debate a um único momento no tempo.

“Os acompanhamentos ajudam-nos a contextualizar as histórias por um longo período de tempo e a explicar causa e efeito. A maioria dos eventos é como jogar uma pedra em uma poça de água: a pedra força as ondulações a espalhar-se, perturbando a água em todas as direcções. Só porque paramos de relatar um evento (como a queda de uma pedra) não significa que as próprias ondulações param de se espalhar. Devemos observar e relatar as ondulações também”, alerta o THE NEWS MANUAL (2019, p. 1).

No caso particular de África, concretamente em Moçambique, não conseguimos identificar exemplos de relevo de

notícias continuadas. Avistou-se, maioritariamente, matérias que se encaixam como *breaking news/stories* e não necessariamente *follow up*.

No campo da pesquisa, os autores que escreveram com um teor científico sobre a problemática do *Follow up* noticioso, na cobertura jornalística de desastres naturais no país, são contáveis.

Temos estudos dos autores como Buque, Langa e Macia (2018) que abordam sobre educomunicação ambiental sem, no entanto, se referirem aos ciclones tropicais, nem sobre o *Follow up* na divulgação do fenómeno.

Embora Buque, Langa e Macia (2018) tenham contribuído com os seus estudos noutra vertente da Comunicação, a falta de resposta, com teor científico, relativamente à (in) existência do *Follow up* mediático nos impactos ciclónicos tropicais, fez emergir inquietações que deram origem ao seguinte questionamento: terá a Televisão de Moçambique privilegiado o *Follow up* noticioso na cobertura dos impactos do Ciclone Idai entre os meses de Abril e Maio de 2019?

Follow Up noticioso e a Cobertura dos Impactos do Ciclone Idai

É vital perceber até que ponto os impactos do Ciclone Idai teriam o privilégio de merecer um *Follow up* noticioso pela Televisão de Moçambique, mas, antes de se tentar fazer essa ponte, é importante conhecer-se o conceito do *Follow up* e os aspectos a ele relacionados.

Em primeiro lugar, o dicionário Priberam define *Follow up* (continuidade) como uma tarefa ou função que visa

estabelecer consistência e coerência de todos os elementos (imagens, sons, cortes, sequências, caracterização das personagens, objectos, espaços, etc.) de um filme, um espectáculo, um programa e mais. O dicionário refere que o *Follow up* (continuidade) está relacionado ao que é contínuo ou que tem uma duração contínua.

Ainda sobre o *follow up*, Cardoso (2017) afirma que consiste em seguir, monitorizar, manter o tema em pauta, de modo a informar a opinião pública de forma ininterrupta o evoluir do acontecimento e não deixar morrer a questão sem que o leitor fique por dentro do desenrolar do caso.

O autor lembra que o acompanhamento do desenrolar da notícia é um dos aspectos centrais no processo de formação, informação e esclarecimento da opinião pública. A ausência de continuidade provoca especulação e conseqüente desinformação.

Segundo Ferreira e Gil (2011) apud Cardoso (2017) à imprensa são reservadas as funções de proporcionar um fórum para a discussão de ideias e dar voz à opinião pública para agir como vigilante.

A observância, diz Cardoso (2017), materializa-se por via de um trabalho aturado, em torno da monitorização de assuntos de interesse público. Só assim, o cidadão estará munido de informação que lhe permita ajuizar de forma objectiva, quando for chamado a posicionar-se.

De acordo com Ferreira e Gil (2011) citados por (Cardoso, 2017), estas expectativas baseiam-se no pressuposto de que a democracia ideal equivale à democracia

participativa, em que os cidadãos bem informados jogam um papel activo em termos de decisão política.

Estas afirmações sugerem-nos a ideia de que uma vez que o *Follow up* permite o tratamento de informação de forma apurada, podendo gerar perspectivas diferentes, o mesmo tem o potencial de fomentar um debate entre os membros de um tecido social sobre um fenómeno do seu interesse ou que mexe, sobremaneira, com o seu dia-a-dia.

Cardoso (2017) afirma que a imprensa é o sítio privilegiado para a discussão de ideias e o acompanhamento dos assuntos noticiados até ao seu desfecho. Uma pessoa informada corre menos risco de tomar decisões equivocadas e estará mais precavida contra manipulações.

Neste sentido, podemos supor que o *Follow up* seria um mecanismo pelo qual os impactos do Ciclone Idai fariam parte da agenda da Televisão de Moçambique, podendo actualizar o que estava a ocorrer nas zonas afectadas, podendo gerar debates sobre a problemática da vulnerabilidade dessas regiões aos ciclones tropicais e soluções para a adaptação a estes desastres naturais. Ademais, o autor refere que a proactividade dos jornalistas se afigura um dos aspectos importantes para que uma determinada matéria entre na agenda mediática e tenha o devido seguimento.

Sobre este pensamento, (Meneses, 2003 apud Cardoso, 2017) reconhece a necessidade de o jornalista ser insistente e evitar ideias preconcebidas, o que passa pelo recurso à praxe do *Follow up* noticioso.

Um *follow-up* é o termo utilizado pelos jornalistas para designar uma história que é escrita para que se possa

relatar mais pormenores de uma história que já foi publicada ou transmitida. Esses detalhes extra podem ser novos factos, desenvolvimentos posteriores, reacções ou novas questões que tenham sido levantadas pelo acontecimento original. O que todos os artigos de seguimento têm em comum é o facto de dependerem, em parte, do seu valor noticioso de uma história anterior.

Segundo o The News Manual (2008), os *follow-ups* são necessários, porque uma história por si só pode não cobrir devidamente todos os aspectos de um acontecimento ou controvérsia. Embora a vida se desenrole segundo a segundo, dia a dia, os jornalistas não podem relatá-la toda.

Os jornalistas têm de se concentrar em partes da vida e comunicá-las aos seus leitores ou ouvintes em histórias de 20 centímetros ou reportagens de 40 segundos, segmentos de três minutos de actualidade ou artigos de meia página. Os jornalistas impõem limites de espaço e de tempo às suas reportagens que nem sempre reflectem a importância do acontecimento no mundo real (THE NEWS MANUAL, 2008).

Em conformidade com o enunciado do The News Manual, podemos depreender que as notícias da última hora limitam aos jornalistas a desenvolver uma história capaz de abordar todos os condimentos que um assunto pode merecer. Ao considerar as notícias como breves relatos, é razoável que o assunto seja explorado numa outra pauta jornalística com um ângulo que permita que o jornalista se desdobre em aspectos que não caberiam numa notícia efémera.

Etana (2014), escreve que os artigos de acompanhamento (*follow-up*) são escritos após um período de tempo, como

alguns meses, um ano, ou mesmo vários anos. As histórias de seguimento oferecem frequentemente novas informações para lançar nova luz sobre eventos conhecidos ou revisitam eventos para os reinterpretar. Estas histórias têm um objectivo mais avaliativo, analítico ou interpretativo, recorrendo a peritos, testemunhas e outros envolvidos na história de alguma forma.

Em outras palavras, Etana elucida-nos que o acompanhamento de assuntos depois de algum tempo pode ajudar ao auditório a visitar os acontecimentos, mas com a particularidade de entender a fundo as causas de um determinado fenómeno social, político-económico e para o nosso estudo, natural (se se considerar ciclone como um fenómeno natural).

Num outro plano de abordagem sobre o *follow-up*, Etana (2014) alerta que a continuidade noticiosa reside em dar grande atenção ao ângulo humano, caso contrário, este tipo de reportagem é nada. O envolvimento das pessoas é essencial, caso contrário, o jornal ou a revista perderiam os seus leitores.

Corroborando com o pensamento de Etana, ressaltamos que o ângulo humano em histórias de reportagens de acompanhamento não é uma mera estratégia para provocar a sensibilidade dos leitores ou quem que seja a audiência. É que o jornalista é um mero servidor de uma sociedade e as suas notícias e reportagens têm, em primeira instância, de levantar as dores das pessoas e apelar para que sejam resolvidas. Para este caso, em particular, o *follow-up* sobre eventos ciclónicos, consubstanciando com o ângulo humano, pode influenciar na tomada de medidas pro-ambientais, por exemplo, na massificação de mecanismos de aviso pré-ciclone.

O Décimo Terceiro (13º) objectivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Segundo o sítio das Organização das Nações Unidas (ONU), os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são um apelo global à acção para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente, o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Estes são os objectivos para os quais as Nações Unidas estão a contribuir a fim de alcançar a Agenda 2030 em Moçambique e no mundo.

As Nações Unidas lembram que a Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável, constituída por 17 objectivos, desdobrados em 169 metas, foi aprovada pelos líderes mundiais, no dia 25 de Setembro de 2015, numa cimeira na sede da ONU, em Nova Iorque, nos Estados Unidos da América.

Intitulada "Transformar o nosso mundo: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável", a resolução da Organização das Nações Unidas entrou em vigor a dia 1 de Janeiro de 2016. O décimo terceiro Objectivo de Desenvolvimento Sustentável diz:

"Adoptar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos". Entre as metas deste objectivo, o destaque vai para três: reforçar a resiliência e a capacidade de adaptação a riscos relacionados com o clima e as catástrofes naturais em todos os países; integrar medidas relacionadas com alterações climáticas nas políticas, estratégias e planeamentos nacionais.

A terceira meta consiste em melhorar a educação, aumentar a consciencialização e a capacidade humana e

institucional sobre medidas de mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce no que respeita às alterações climáticas.

Como podemos depreender, o décimo terceiro objectivo privilegia a noção de consciencialização sobre os desastres naturais, particularmente dos ciclones tropicais. Ora, sabe-se que os media, além de informar, têm a função de formar a cidadania, o que quer dizer que se a TVM tivesse pautado pelo *Follow up* noticioso na cobertura dos impactos do Ciclone Idai, terá contribuído para a consciencialização sobre a agenda climática que se deseja alcançar.

A Lei de imprensa e sua aplicabilidade na Cobertura dos Ciclones Tropicais

A Lei n.º 18/91 de 10 de Agosto define imprensa como os órgãos de informação cuja actividade principal é a recolha, tratamento e divulgação pública de informação, sob a forma de publicações gráficas, rádio, televisão, cinema ou qualquer reprodução de escritos, som ou imagens destinadas à comunicação social.

O instrumento aponta que a imprensa contribui, dentre vários, para o cumprimento dos objectivos tais como: a consolidação da unidade nacional e a defesa dos interesses nacionais; a promoção da democracia e da justiça social; o desenvolvimento científico, económico, social e cultural; a elevação do nível de consciência social, educacional e cultural dos cidadãos; o acesso atempado dos cidadãos a factos, informações e opiniões; a educação dos cidadãos sobre os seus direitos e deveres; a promoção do diálogo entre os poderes públicos e os cidadãos e a promoção do diálogo entre as culturas do mundo.

Sobre o acesso atempado dos cidadãos a factos, informações e opiniões, a TVM poderia ter feito cumprir este objectivo com uma cobertura continuada dos impactos do Ciclone Idai. Após a ocorrência da intempérie, várias pessoas ficaram incomunicáveis, com a destruição das infraestruturas, incluindo das telecomunicações, como faz referência a notícia do jornal online O País, no dia 19 de Março de 2019.

“Além de corte de electricidade, o Ciclone Idai está a afectar a comunicação, impedindo que as pessoas das regiões afectadas interajam através de celular ou de internet. Assim é desde a noite de ontem (18 de Março de 2019) na zona centro do país”, (O PAÍS ONLINE, 2019).

Supõe-se, assim, que com uma continuidade noticiosa dos impactos do Ciclone Idai, as vítimas saberiam do que as autoridades estariam a fazer para repor os danos e reestabelecer as comunicações interrompidas pela intempérie.

Teoria de agendamento ou Agenda Setting

Como teoria principal do nosso estudo, propomos a Agenda Setting. É nosso entendimento que a continuidade noticiosa na cobertura dos impactos do Ciclone Idai estaria intrinsecamente ligada à capacidade dos média em agendar o seu público sobre determinados assuntos em voga.

Segundo Sousa (2006), a Teoria de Agendamento foi apresentada por McCombs e Shaw em 1972 e elaborada a partir do estudo da campanha eleitoral para a Presidência dos Estados Unidos, em 1968.

“A Teoria do Agenda-Setting defende que os meios de comunicação têm a capacidade (não intencional nem exclusiva) de

agendar temas que são objecto de debate público em cada momento”, (SOUSA, 2006, p. 501).

O autor realça que pesquisas realizadas no âmbito da Agenda Setting mostraram que quanto maior é a ênfase dos Media sobre um tema e quanto mais continuada é a abordagem desse tema, maior é a importância que o público atribui a esse tema na sua agenda diária.

Para MacCombs e Valenzuela (2009), o papel de agenda-setting dos meios de comunicação social não se limita a chamar a atenção do público para um determinado conjunto de questões, mas também influencia a nossa compreensão e perspectiva sobre os temas das notícias. Isto torna-se claro quando pensarmos no conceito de agenda em termos abstractos.

Dearing e Rogers (1996) apud Silva (2014) conceituam uma agenda como um conjunto de temas que comunicam, de acordo com uma hierarquia de importância, em um determinado momento no tempo. Um tema na agenda, por sua vez, é definido como “um problema social, conflitivo, que recebeu atenção dos media”.

O processo de agenda-setting é composto pelo funcionamento e pelas relações observáveis entre a agenda dos media, a agenda pública e a agenda política cujas naturezas se dão em termos de definições operacionais (DEARING e ROGERS, 1996).

Ou seja, Dearing e Rogers (1996) assinalam que o mérito do agendamento reside na correlação entre a pauta jornalística imposta pelos media e o interesse do público sobre esses mesmos assuntos. Estes autores, enfatizam ainda que essa operacionalização se efectiva sob o plano da aceitação e assimilação das ideias engendradas pelos media.

Em outras palavras, os dois autores sugerem que o agendamento dos media não só se impõe ao auditório a consumir as notícias pautadas, mas também que é irradiado por fórmulas que vão determinar a compreensão sobre os assuntos a que os indivíduos estão expostos. No tocante à abordagem teórica do agendamento, pode-se referir que este estudo se ajusta à teoria do agendamento. Se a nossa inquietação é para compreender se a Televisão de Moçambique privilegiou ou não o *Follow up* sobre os impactos do Ciclone Idai, tal pressupõe entender se a Televisão de Moçambique pautou o assunto na sua agenda jornalística.

Como vimos, a teoria de agendamento enfatiza que o público atribui cada vez mais importância a um determinado tema quando o mesmo é continuamente destacado pelos media. No entanto, se tomarmos por base que a TVM tenha feito o *Follow up* sobre os impactos do Ciclone Idai, parece-nos racional, e metodologicamente prudente, assumirmos que o telespectador tenha sido devidamente informado sobre o fenómeno e esta seria a primeira condição para que o assunto fosse do domínio da sua audiência e para um debate público informado.

De acordo com Sousa (2006), o sucesso do agendamento depende de vários factores, entre os quais a consonância e a acumulação sobre um determinado tema. Sobre a acumulação, o autor refere que um tema abordado pelos média tem, provavelmente, mais hipóteses de passar para a agenda pública quanto mais as pessoas forem expostas, sucessivamente, às mesmas mensagens.

A consonância pressupõe que um tema passará mais facilmente para a agenda pública, com um determinado enquadramento, se as mensagens transmitidas pelos diferentes media, forem semelhantes.

Se a Televisão de Moçambique pautou pelo *follow up*, então as matérias sobre os impactos do Ciclone Idai tiveram o efeito de acumulação. O efeito de acumulação permitiria que mais telespectadores acompanhassem, de forma mais informada, a evolução dos impactos do Idai.

Importante é a consonância, embora não se ajuste devidamente para o nosso estudo, mas convém afirmar que se a TVM privilegiou o *Follow up* noticioso sobre os impactos do "Idai", provavelmente teve a oportunidade de servir de "espelho" aos outros órgãos de comunicação a colocar os impactos do Ciclone Idai na sua agenda.

Foram analisadas, neste estudo, 42 edições do Telejornal das 20 horas, o principal serviço noticioso da Televisão de Moçambique. Destas edições, conseguimos obter 35 matérias relacionadas ao Ciclone Idai.

As peças noticiosas colhidas são do período de entre Abril e Maio de 2019, dois meses depois da ocorrência do Ciclone Idai. As 35 matérias abordam sobre diferentes assuntos, algumas sobre a actualização dos números de vítimas e danos materiais, outras sobre solidariedade com as pessoas afectadas pela intempérie ou o apelo ao investimento necessário para a reconstrução após o ciclone.

A interpretação e análise vão se cingir a estes assuntos já anunciados. Estas peças têm o potencial para esclarecerem, ao leitor, se a TVM fez ou não o *Follow up* dos impactos do Ciclone Idai no sentido já anunciado por (CARDOSO, 2017).

Uma análise sobre o *follow up* noticioso da TVM

É natural que um órgão de comunicação social faça a actualização de dados sobre a ocorrência de um

determinado fenómeno. A Televisão de Moçambique fê-lo, por isso, convém trazer os assuntos que a TVM divulgou a respeito.

Quadro 1: Actualização das Consequências do "Idai"

Actualização das consequências do "Idai"

- Zona afectada por Idai representa 47 por cento dos 801.537 quilómetros quadrados da área territorial de Moçambique- 4 de Abril;
- Subiu de 501 para 518 o número de mortos na zona centro de Moçambique- 1 de Abril;
- Números de tragédia humanitária: dados preliminares do INGC indicam subida de mortos para 598 na zona centro;
- Subiu para 602 número de óbitos vítimas do Ciclone Idai- 9 de Abril;
- 30 dias após o Idai: Colapso da conduta principal de transporte origina interrupção de abastecimento de água à cidade da Beira- 14 de Abril;
- 30 dias após o Idai: Vítima do Ciclone passa quatro dias sem comer mergulhado na água e padece de anemia- 14 de Abril.

Fonte: Autores 2023

O quadro mostra-nos seis matérias, das quais uma faz menção da área afectada pelo Ciclone Idai, três sobre a actualização do número de mortes causadas pelo desastre natural e duas abordam sobre os 30 dias após a ocorrência da intempérie. As três matérias sobre a actualização de mortes aparecem-nos como "breaking-stories", pois configuram-se como sendo mais uns relatos sobre um novo evento, não necessariamente continuidade de matérias anteriores.

Ainda que abordem em torno do Ciclone Idai, elas não demonstram claramente que se trata de um *Follow up* de um assunto anterior. Apesar de se tratar de novos números de mortes, isto só não basta para que se considere que houve continuidade noticiosa, pois *Follow up* pressupõe que a matéria seja continuidade de uma anterior e que traga novos elementos ou outro ângulo do assunto, o que não se

conseguiu verificar nestas matérias em alusão, contrariando o enunciado pelo The News Manual.

Follow up é um termo jornalístico para uma história que é escrita para retratar mais sobre o evento anteriormente publicado. Estes detalhes adicionais podem ser novos factos, desenvolvimentos, reacções ou novos aspectos que tenham sido provocados pelo fenómeno principal, (THE NEWS MANUAL, p.1, 2019)

A primeira e as duas últimas matérias têm condições de ser consideradas como um feito de *follow up*. Depois de a TVM ter noticiado sobre a ocorrência do Ciclone Idai na Cidade da Beira e no resto do centro de Moçambique, era fundamental que a estação televisiva trouxesse novas abordagens sobre a área afectada. Entendemos que informar sobre este facto, ajudaria a sociedade a ter ideia do impacto que o temporal causou e dar ideia do esforço necessário para a recuperação depois dos estragos feitos.

Vemos, também, duas matérias em que a TVM aborda sobre os 30 dias após o Ciclone Idai. Numa das peças, fala da interrupção de abastecimento de água na Beira, devido ao colapso de uma conduta e noutra retrata o dia-a-dia de uma vítima do Idai, que vive em condições deploráveis. A isto, também, pode-se dizer que se trata de *Follow up* dos impactos do Ciclone Idai.

No entanto, numa destas duas matérias, pensa-se que a Televisão de Moçambique poderia ter sido mais profunda, abordando não apenas sobre uma vítima vivendo em situação precária, poderia ter retratado, por exemplo, a vida de várias pessoas vivendo em mesmas condições. Falar apenas de uma vítima, dá ideia de que a maioria está bem e algumas pessoas, a minoria, é que continuava a ressentir-se das consequências do Idai.

Recuperação Pós-Ciclone Idai na agenda da televisão de Moçambique

No tocante à reconstrução pós-Idai, encontra-se um total de 13 matérias. Nos quadros que seguem, apresentamos os pivôs de cada peça, cuja análise permite aferir se a Televisão de Moçambique fez ou não o *Follow up* dos impactos do Ciclone Idai no período em estudo.

Quadro 2: Recuperação Pós-Ciclone Idai

Recuperação pós-Ciclone Idai

- Ruanda, São Tomé e Príncipe, EUA e Tailândia prometem ajudar na reconstrução- 3 de Abril de 2019;
- Governo aprova os termos de referência para elaboração do programa- 2 de Abril de 2019;
- Estrada Tica-Buzi reabre amanhã, para todo o tipo de veículos- 2 de Abril;
- Banco Africano disponibiliza 100 milhões de dólares americanos para Moçambique- de Abril de 2019;
- BAD anuncia 500 milhões de dólares americanos para a fase pós-Ciclone no centro do país- 5 de Abril de 2019;
- União Africana oferece 9 milhões de meticais ao INGC- 5 de Abril;
- Governo envida esforços para viabilizar reconstrução de infraestruturas- 12 de Abril;
- Concluídos trabalhos na ponte sobre o rio Munhinga em Sussundega;
- Governo precisa de 7 bilhões de meticais para repor infraestruturas públicas- 13 de Abril;
- Vítimas recorrem a chapas reformadas, caniço e estacas para repor suas casas- 13 de Abril;
- FMI garante financiamento em mais de 100 mil dólares a Moçambique- 13 de Abril;
- FMI anuncia facilidades de crédito- 23 de Abril;
- Macurungo queixa-se da falta de transparência na redistribuição de produtos- 12 de Abril;
- INGC declara tolerância zero a casos de desvio de produtos para as vítimas- 12 de Abril;
- Suécia apoia com 10 milhões de dólares para o retorno à normalidade na zona centro- 23 de Maio;
- Empresários otimistas na restauração de infraestruturas socioeconómicas- 25 de Maio;
- Proteção costeira da Beira: Construção da infraestrutura orçada em 91 milhões de dólares- 28 de Maio.

Fonte: Autores 2023

A temática de reconstrução pós-Idai mereceu 17 matérias durante os meses de Abril e Maio no Telejornal. Após semanas

de resgate e acomodação das vítimas do Ciclone Idai em zonas consideradas seguras, seguiu-se o debate sobre a reconstrução das zonas afectadas pela intempérie. Mais uma vez, estas peças mais parecem *breaking stories* que *follow up*.

Entende-se que a Televisão de Moçambique parece ter orientado uma abordagem mais progressista, sustentada por discursos de entidades e deixou de lado a humanização que as vítimas mereciam. Por exemplo, vejamos os seguintes títulos de peças televisivas:

- Governo envida esforços para viabilizar reconstrução de infraestruturas- 12 de Abril de 2019;
- Governo precisa de 7 bilhões de meticais para repor infraestruturas públicas- 13 de Abril de 2019;
- FMI garante financiamento em mais de 100 mil dólares a Moçambique- 13 de Abril de 2019;
- FMI anuncia facilidades de crédito- 23 de Abril de 2019.

Estes quatro títulos de notícias do Telejornal das 20 horas são meramente *breaking stories*, não oferecem nenhuma abordagem profunda, que traga uma reflexão sobre o que as vítimas estavam a passar. O *follow-up* fundamenta-se por um princípio de nova visão que uma matéria pode oferecer ao auditório. Os *breakings stories* são apenas relatos, muitas vezes com uma única versão do fenómeno. A TVM contrariou os pressupostos de Amaral, Loose e Girardi (2020), segundo as quais, a expectativa de superar a fragmentação e a descontinuidade, típicas do fazer jornalístico diário, é posta como um dos pilares deste jornalismo (o jornalismo ambiental).

Para as autoras, o *follow-up* permite que a complexidade esteja presente. A visão míope do jornalismo convencional precisa ser modificada, a fim de permitir que os leitores relacionem as pautas e assuntos. Portanto, a ênfase, em uma contextualização ampla, profunda e crítica (tecendo relações de causas e

consequências), depende, também, de uma apuração o mais completa possível.

Conforme avançam Amaral, Losse e Girardi (2020), o *follow-up* quebra o estilo efémero do jornalismo diário. Segundo as autoras, a descontinuidade noticiosa que é o oposto do *follow-up* não consegue subsidiar ao auditório com respostas sobre as causas e consequências de um determinado fenómeno. Nesse sentido, o alerta à TVM para enveredar pela continuidade noticiosa tem de prevalecer.

No mesmo quadro, pode-se ver um ínfimo esforço de *follow-up* feito pela TVM, como vemos nas seguintes matérias por si publicadas:

- Macurungo queixa-se da falta de transparência na redistribuição de produtos- 12 de Abril de 2019;
- Vítimas recorrem a chapas reformadas, canço e estacas para repor suas casas- 13 de Abril 2019.

Nestas duas peças, a Televisão Pública parece ter privilegiado o *follow-up* no sentido de que trouxe a voz dos afectados, que por sua vez, falaram sobre as dificuldades por que estavam a passar. Estas vozes podem ter ajudado a aferir até que ponto os impactos do Ciclone Idai interferem na vida das vítimas e como a gestão dessa crise humana estava a decorrer (bem ou mal).

Neste caso particular, parece-nos que a TVM foi ao encontro dos pressupostos de Amaral, Losse e Girardi (2020), que enunciavam que as notícias deveriam representar a pluralidade de vozes que estão envolvidas com a questão, inclusive aqueles que não detêm legitimidade científica, empresarial ou política.

A partir de aspectos epistemológicos do campo ambiental, como a interdisciplinaridade e o diálogo de saberes, entende-se que é preciso romper a construção de notícias calcadas no

pensamento único, ou seja, naquele em que o conhecimento científico de natureza cartesiana é considerado como a única fonte de informação confiável, (AMARAL, LOSSE E GIRARDI, 2020).

Ou seja, para estas autoras, notícias efémeras limitam-se em pensamentos únicos, em abordagens lineares, facto que pode ser superado se os jornalistas se desdobrarem em *follow-up*, premissa que permite que as matérias jornalísticas se superem do simples relato, em fundamentação mais complexa sobre um determinado acontecimento.

Socorremo-nos também em Cardoso (2017) que reconhece que o *follow-up* consiste em seguir, monitorizar, manter o tema em pauta, de modo a informar a opinião pública de forma ininterrupta o evoluir do acontecimento.

Em outras palavras, o autor advoga a ideia de que os jornalistas devem manter um acontecimento em pauta, pois essa postura permite que o público acompanhe a evolução do evento e dos aspectos em torno do mesmo, o que abre possibilidades do estabelecimento entre as causas e consequências. Esses aspectos, não cabendo numa notícia efémera sobre uma catástrofe, a continuidade noticiosa é um imperativo.

Apoio a Vítimas do Ciclone Idai e cobertura da TVM

Após a devastação provocada pelo furacão Idai, seguiu uma onda de apoios dirigidos a vítimas do temporal. O apoio surgiu de vários lados, envolvendo instituições não-governamentais, entidades diplomáticas, organizações de caridade, empresas, etc. A nossa pesquisa constatou que a Televisão de Moçambique atirou também a atenção da sua cobertura a este movimento solidário, tal como ilustra o quadro a seguir.

Quadro 3: Apoio a Vítimas

Apoio a vítimas

- Grupo Royal doa 10 milhões de meticais e produtos diversos- 4 de Abril de 2019;
- O Mundo virou para Beira: pelo menos 200 aeronaves decolam e ou aterram no aeroporto- 3 de Abril de 2019;
- Comunidade libanesa oferece donativo avaliado em 4500 milhões de meticais às vítimas do Idai- 3 de Abril 2019;
- Cresce o número de solidariedade em todo o país- 1 de Abril de 2019;
- Sessenta toneladas de alimentos para afectados em Manica- 12 de Abril de 2019;
- Assistência Médica militar chega ao distrito de Nhamatanda em Sofala por via aérea- 12 de Abril de 2019;
- PR relança movimento de solidariedade no país- 1 de Maio de 2019;
- Sasol doa 400 mil dólares em apoio às vítimas do Ciclone Idai no centro do país- 7 de Maio de 2019.

Fonte: Autores 2023

Como podemos depreender, a Televisão de Moçambique parece ter privilegiado os *breaking stories* no quesito de apoio às vítimas. Não que não seja importante informar sobre quem apoiou as vítimas do Ciclone Idai, mas a frequência com que o fez pode ter sido prejudicial na medida em que no lugar de continuar a relatar sobre as necessidades e lacunas por que passavam os afectados, a TVM pode ter caído, consciente ou inconscientemente, na promoção de imagem de quem ofereceu o apoio, deixando de lado quem realmente precisa dar voz, nesse caso as vítimas.

Estas discrepâncias apresentadas pela Televisão de Moçambique na cobertura do Ciclone Idai levantam um alarme sobre o rumo do jornalismo como um pilar para a manutenção de um público consciente dos impactos dos eventos ciclónicos. Levantam também dúvidas sobre a militância (termo sugerido por Bueno) dos jornalistas.

Sobre o *follow-up* no jornalismo, (Bueno, 2007) ressalta o comprometimento com a qualificação da informação, defendendo

que é preciso que os jornalistas estejam conscientes de que esta é uma actividade que requer militância, compromisso, capacitação, ética e profissionalismo.

A militância é vista como uma atitude crítica em defesa da sustentabilidade da vida ou um engajamento social que defenda os interesses de uma relação sociedade-natureza menos nociva e conflituosa. Assim, a qualificação da qual se fala objectiva, por um lado, um jornalismo coerente com os ideais ambientais, por outro, o respeito aos critérios de apuração e redacção próprios do fazer jornalístico (BUENO, 2007).

Podemos ver o alerta de Bueno, como um estímulo aos jornalistas da TVM em particular, para que considerem a importância do comprometimento com a qualificação da informação e militância, que neste caso, reside no *follow-up noticioso* dos eventos ciclónicos.

Produção agrícola no período Pós-Idai e cobertura da TVM

Uma das consequências do Ciclone de Idai foi a destruição de campos agrícolas e suas respectivas culturas, com 711 mil hectares destruídos, segundo o balanço do Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural (MADER), em Abril de 2019. Dos dados recolhidos, a Televisão Pública fez menção dos contornos em volta da produção agrícola.

Entendemos ser racional analisarmos este aspecto, atendendo que a agricultura ainda é considerada a actividade principal em Moçambique, por congregar maior parte dos intervenientes no sector laboral informal e parte considerável do formal. Este dado valida a ideia de que a destruição de vários hectares pode ter provocado

bolsas de fome e a TVM, provavelmente, pode ter feito a acumulação deste assunto, no sentido de apelar para a intervenção de quem compete a solução, como se ilustra no quadro a seguir.

Quadro 4: Produção agrícola Pós-Idai

Produção agrícola pós-Idai

- Garantias do ICM: Impacto do Idai não vai comprometer o plano de produção de cereais- 4 de Abril de 2019;
- Sector de agricultura e segurança alimentar necessita de 67 mil milhões de meticais- 23 de Abril de 2019;
- Governador de Sofala expectante do sucesso na 2a época agrícola - 7 de Maio de 2019.

Fonte: Autores 2023

No tocante à produção agrícola, a Televisão de Moçambique pouco publicou nos dois meses, a avaliar pelo número de matérias, como o quadro nos apresenta. A agricultura é considerada a actividade principal em Moçambique, tendo sido um dos sectores severamente afectado pelo impacto do fenómeno atmosférico em estudo.

A Televisão de Moçambique parece ter sido apática por não orientar a sua atenção nos aspectos em torno da produção agrícola nos meses em análise. A TVM podia ter explorado mais o assunto, as consequências sofridas por causa do Ciclone, desde o produtor de pequena, média e grande escala.

O canal televisivo foi em contra-mão com pressupostos emitidos por Buque, Langa e Macia (2018) que consideram os media como legítimos criadores de opinião pública. Para tal, o *follow-up* joga um papel fundamental, pois ele permite que os acontecimentos continuem em pauta.

As matérias ou temas publicados pelos media são objecto de uma agenda. As notícias veiculadas são, muitas vezes, seleccionadas tendo em conta os efeitos dessas notícias sobre a opinião pública. Paul Lazarfeld e outros autores desenvolveram estudos no campo da comunicação de massa que buscavam estabelecer a relação causa e efeito entre veiculação mediática e resultados eleitorais. Neste prisma, os media passaram a ser utilizados como variáveis importantes para a compreensão do processo de formação da opinião pública (BUQUE, LANGA e MACIA, 2018).

Ou seja, de acordo com estes autores, o *follow-up* estabelece-se como um mecanismo pelo qual as matérias noticiosas transformam-se em instrumentos de formação individual e do colectivo, pois a continuidade noticiosa permite que as histórias sejam explicativas e interpretativas, oferecendo um novo espectro sobre os acontecimentos.

Diante dos pressupostos acima, podemos depreender que se a TVM tivesse orientado a sua cobertura ao ciclone Idai fazendo *follow-up* teria explorado assunto, oferecendo ao público uma abordagem noticiosa mais complexa e fundamentada em causas e consequências do ciclone Idai. Sabe-se que o canal tem delegações em todas as províncias do país, inclusive nas que foram arrasadas pelo Idai, mas entende-se que possa ter havido pouco esforço na cobertura deste evento ciclónico, por parte das equipas locais e a nível central, onde se coordena todo o escopo informativo.

Considerações Finais

A Televisão de Moçambique representa a história da televisão em Moçambique, a avaliar pelo seu surgimento

e pela sua abrangência pelo resto do território nacional. Só estas características conferem à TVM uma grande responsabilidade na prestação de um serviço público que represente as sensibilidades dos cidadãos.

Moçambique, considerado um dos países vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas, enfrenta ciclicamente desastres naturais e estes tornaram-se um fardo enorme para o cidadão (as vítimas), governo e para a sociedade no geral.

Esse fardo deveria igualmente ser enorme para a imprensa, sector considerado quarto poder. Ocorre que os desastres naturais, que cada vez mais se fazem sentir no país, mexem, também, com as redacções, ou de forma generalizada, com os meios de comunicação social.

É possível ver cobertura jornalística quando ocorre uma tempestade, Ciclone ou uma determinada depressão tropical. Até aí não há problema. O que inquieta é o facto dessa corrida de cobertura ou de produção de matérias sobre questões ecológicas ser apenas temporária, ou seja, ela não perdura, acontece esporadicamente no auge do evento, depois do ápice, esquece-se a necessidade de continuar a oferecer informação de natureza ambiental.

Foi no âmbito dessa descontinuidade que este estudo se ocupou no sentido de compreender se realmente é que ocorre ou não. O objecto de estudo, a Televisão de Moçambique, possibilitou a percepção sobre as hipóteses que orientaram esta pesquisa.

Respondendo a três hipóteses, gostaríamos de responder a terceira e depois as duas primeiras. Assim sendo, a

terceira refere-se ao facto de o estatuto editorial da TVM orientar-se ou não em matérias ambientais.

Ocorre que a TVM não tem, sequer, uma secção específica em Meio em Ambiente, que pudesse dedicar-se apenas a conteúdos de cariz ambiental. Este dado coloca a televisão pública numa classificação negativa. Não faz sentido que até hoje, a redacção da TVM não tenha uma editoria que se oriente em explorar a temática ambiental, numa altura em que o país chama a que as redacções reinventem-se com olhos postos aos desafios actuais: os impactos dos Ciclones tropicais no contexto das mudanças climáticas.

Assim, a Televisão de Moçambique peca por não se mostrar exemplar, pelo menos neste quesito. A primeira e a segunda hipótese procuram perceber se a TVM fez ou não Follow up sobre os impactos do Ciclone Idai. No entanto, constatou-se que a televisão pública dedicou o seu tempo a contabilizar o número de matérias sobre o Idai.

Ou seja, quantitativamente, a televisão esteve bem, mas não fez a devida continuidade noticiosa sobre os impactos do Ciclone Idai. A TVM fez mais breaking stories que continuidade de notícia. Publicar um assunto sobre o "Idai" não significa fazer continuidade de um determinado fenómeno, tal como o The News Manual chamam a atenção.

Tanto o The News Manual, como os autores Girardi e Reges, entre outros, defendem que o Follow up noticioso pressupõe a profundidade de um determinado assunto anteriormente abordado, é como se buscasse através do Follow up a evolução no tratamento e um determinado fenómeno, abordando as várias faces desse mesmo evento.

A TVM não fez esse esforço. Apenas orientou-se numa abordagem do culto ao positivo e não realmente as outras faces dos impactos do Ciclone Idai. Se a Televisão de Moçambique tivesse feito devidamente o follow up, teria explorado o além do evento catastrófico, o que não seria possível no momento da sua ocorrência.

A continuidade noticiosa, o follow up, é um caminho para descortinar estas nuances. Diante das constatações aferidas, esta pesquisa sugere algumas fórmulas que a Televisão de Moçambique pode utilizar, com vista a privilegiar a etiqueta do "follow up", para que os assuntos por si veiculados sejam mais esclarecedores, para trazer uma nova forma de ver os fenómenos.

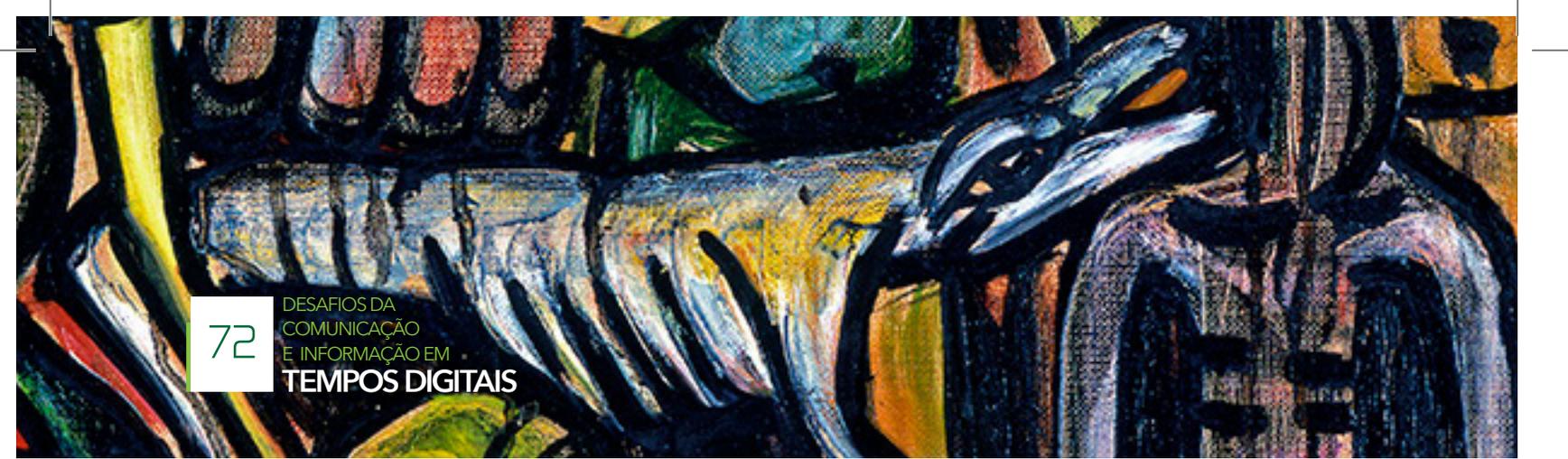
Em primeiro lugar, a TVM poderia começar por criar uma editoria/secção que produza peças jornalísticas especificamente sobre ecologia/ambiente. A televisão tem o exemplo claro da editoria de desporto, que tem, inclusive, um departamento dessa área e o trabalho tem sido plausível. Segundo, seria necessário especializar os jornalistas da editoria ambiental, através de formações ou capacitações.

Em terceiro e último lugar, a Direcção de Informação poderia criar um instrumento legal interno que acomode a informação ambiental como uma das rioridades da televisão. Ou seja, seria vital que a empresa se orientasse do décimo terceiro ODS que pressupõe Adoptar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos. A TVM pode ajudar a cumprir este objectivo através da informação que privilegie o acompanhamento dos assuntos, fala-se do follow up.

Bibliografia

- Amaral, Márcia, Loose, E.B, Girardi, I.M.T, Cobertura Jornalística das Mudanças Climáticas, Rio Grande do Sul, 1ª edição, FACOS-UFSM- Editora, 2020;
- Amaral, M. A, Carlos, C. E, Indicadores para análise das narrativas sobre desastres: em busca de invisibilidades e saliências, Revista Latinoamericana de Comunicação, Quito-Ecuador, CIESPAL, 2020;
- Alves, Laís Hilário, SOUSA, Silva de Sousa e OLIVEIRA, Guilherme Saramago de., A Pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos; s.l, 2021;
- Bacelar, Luciane, BISTANE, Luciana, Jornalismo de Televisão, Rio de Janeiro, Editora Agir, 2006;
- Bardin, Laurence, Análise de Conteúdo, Lisboa, Edições 70, 1977
- Buque, S. L., LANGA, S.J., & MACIA, S.S. A Percepção Sobre Questões Ambientais na Cidade de Maputo e o Contributo dos Media na Educação Ambiental, Revista De Ciências Humanas e Sociais, Maputo, 2018;
- Bueno, Wilson da Costa, Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito, Editora UFPR, Paraná, 2007
- Cardoso, José António dos Reis, A problemática da Continuidade Noticiosa na imprensa cabo-verdiana- Estudo do caso: a Gestão do Fundo do Ambiente nos jornais impressos A Nação e Expresso das Ilhas, 2017;
- Dias, Luis, Continuidade Noticiosa, Brasil, 2011;
- Farranguane, Arsénio José, O Meio Ambiente na Imprensa Moçambicana: O caso do Jornal Notícias, Porto Alegre, 2015;
- Franciscato, Carlos Eduardo, A actualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica, Salvador, 2003;
- Freitas, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano, Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico, 2a edição, 2013;
- GIL, António Carlos, Métodos e Técnicas de Pesquisa social, 6a. ed., São Paulo, Atlas, 2008.
- Gil, António, Como elaborar projecto de pesquisa, Atlas, São Paulo, 1999LAKATOS, Eva Maria;
- Marconi, Marina de Andrade, Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projecto e relatório, publicações e trabalhos científicos; 6ª ed., São Paulo, Atlas, 2001;
- Girardi, Maria Ilza, REGES, Toni, Jornalismo Ambiental: Desafios e Reflexões, 2007;
- Gomes, Itania Maria, Géneros Televisivos e Modos de Endereçamento no Telejornalismo, Salvador, 2011 GUDO, Eduardo et al., Ciclones Idai e Kenneth: Relatório da Situação Nacional, Maputo, 2019
- KOBIYAMA, Masato et.al, Prevenção de Desastres Naturais: conceitos básicos, Curitiba, 2006
- Lakatos, Eva Maria, Marconi, Marina de Andrade, Fundamentos de Metodologia Científica, 5a ed., São Paulo, Atlas, 2003
- Lakatos, Eva Maria, Marconi, Metodologia para Trabalho Científico, 6a ed., São Paulo, Atlas, 2001
- Lakatos, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade, Técnica de Pesquisa; 3a ed., São Paulo, Atlas, 1996
- Mendes, Chrystian Soares et.al, O impacto das mudanças climáticas sobre as leishmaniose no Brasil, Brasil, 2015

- Micoa, Programa Nacional de Gestão para a Avaliação às Mudanças Climáticas, 2007
- Micoa, Estratégia Nacional de Adaptação e Mitigação de Mudanças Climáticas Nacional, Maputo, 2012
- Moçambique, Lei N.º 18 de 10 de Agosto de 1991, que define a liberdade de imprensa, Maputo. 1991
- Moçambique, Lei N.º 20 de 1 de Outubro de 1997, Lei do Ambiente, Maputo, 1997
- Mccombs, Maxwell; Valenzuela, Sebastián, A Teoria da Agenda-Setting-Cadernos de Informação, 2007, Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago, Chile;
- Nahur, André Costa, As Mudanças Climáticas: Riscos e Oportunidades, Brasil, 2015
- Oliveira, Maxwell Ferreira de., Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração, 2011
- Rebello, Manuel Salvador da Conceição, Exposição, Vulnerabilidade e Risco aos Perigos Naturais em Mocambique: o caso dos Ciclones tropicais no Município de Angoche, Lisboa, 2021
- Rodrigues, Liliana, XAVIER, Aline, Técnicas e Práticas para elaborar reportagens telejornalísticas, Manaus, 2013;
- Sousa, Jorge Pedro, Elementos de Jornalismo Impresso, Porto, 2001 SOUSA, Jorge Pedro, A teoria de agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma perspectiva ibérica, 2006;
- Sousa, Jorge Pedro, Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação dos Media, 2a ed, Porto, 2006
- Têso, Jose da Costa, Considerações sobre a Tempestade Tropical Delta e influência na região autónoma da Madeira, 2006 VIEIRA, M.M.F, Pesquisa Qualitativa em Administração. Rio de Janeiro, 2008.
- Etana, Ameyu, As características básicas de rescaldo, acompanhamento e profundidade Histórias de reportagens em série. Universidade de Addis Abeba, Etiópia. Disponível em: www.academia.edu, Acesso em: 20 de Março de 2025
- The News Manual; Follow-ups. Disponível em: https://www.thenewsmanual.net/Manuals%20Volume%201/volume1_24.htm, Acesso em: 20 de Março de 2025



72

DESAFIOS DA
COMUNICAÇÃO
E INFORMAÇÃO EM
TEMPOS DIGITAIS

A EMERGÊNCIA DA MÚSICA MODERNA COMO PRODUTO MEDIÁTICO EM MOÇAMBIQUE

CASO DE ESTUDO DA MÚSICA MACUA

Paulo António Piereque Vevelua¹

papvevelua@gmail.com

Resumo

A música é uma das formas de expressão cultural mais antigas e importantes da humanidade. Ela exerce uma força poderosa que molda e é moldada pela sociedade. Usámo-la para preservar memórias, expressar emoções e comunicar. Com o progresso da internet e a utilização de dispositivos digitais, sobretudo do celular, por um número cada vez maior de moçambicanos, observa-se uma exposição excessiva da música, que origina modificações nos seus padrões de produção, distribuição e

consumo. No presente artigo propusemo-nos a analisar os impactos da mediatização da música macua na sociedade moçambicana. Assim, foi conduzida uma pesquisa qualitativa, exploratória e de cunho bibliográfico, que facilitou a recolha de várias abordagens num viés de discussão teórica. Os resultados indicam que a mediatização da música macua possui impactos profundos na sociedade, sejam eles positivos ou negativos. Ela proporciona a democratização da criação, produção,

1. Doutorando em Ciências de Comunicação na Universidade Católica de Moçambique-Nampula, na Especialidade de Comunicação & Marketing, Mestre em Agronegócio pela Universidade Lúrio-Nampula, Licenciado em Ensino de Francês pela extinta Universidade Pedagógica, Delegação de Nampula, Chefe do Departamento da Indústria na Direção Provincial de Indústria e Comércio de Nampula.

distribuição e acesso à música, globalização cultural e socialização. Apesar desses benefícios, a mediatização da música propiciou a criação de novos géneros musicais, que nos levam à perda de identidade, violação dos direitos autorais, pirataria, declínio da venda de discos, e comportamentos indesejáveis. Concluímos que ao longo dos anos, com a internet, os celulares e o crescente mercado para a música macua, a forma como ela é produzida, distribuída e consumida sofreu várias modificações. Embora a mediatização esteja democratizando o acesso à música, ela origina problemas de direitos autorais, proliferação de músicas pirateadas e quebra de traços identitários, pelo que esses impactos não podem e nem devem ser ignorados.

Palavras-chave: consumo mediático, internet, música moçambicana, música macua.

Introdução

Nos últimos anos, todos os sectores de actividades têm vindo a acompanhar e se adaptando às transformações que a sociedade passa devido aos avanços tecnológicos. Assim, o sector fonográfico não ficou alheio à esta evolução, sendo notória uma crescente influência das tecnologias nos mecanismos de produção, distribuição e consumo da música.

Na visão de Rôa, Gomes e Santos (2016), a evolução tecnológica possibilitou novas formas de se relacionar com o mundo. Essas inovações proporcionaram inúmeras facilidades em diversos campos da sociedade de forma a atingir directamente os meios de reprodução musical. Num olhar similar, Queiroz e Teixeira (n.d) consideram que o advento dos media junto a cultura digital tem desencadeado uma série de transformações profundas

na sociedade contemporânea, afectando como as informações e o entretenimento são produzidos, consumidos e compartilhados.

Tomando em consideração que a mediatização consolidou um novo modelo de produção, difusão e consumo da música macua, caracterizado pela relação directa entre os artistas, é importante compreender como os moçambicanos estão lidando com essa evolução tecnológica e como ela está moldando as suas preferências e os seus comportamentos, pois, usando as palavras de Massango (2023), a música é um elemento crucial da cultura moçambicana, reflectindo a diversidade étnica, social e histórica do país. Ela deve ser tratada como um negócio, mas sem perder autenticidade, originalidade, criatividade ou inovação.

A mediatização da música macua é um fenómeno global com repercussões nas diversas esferas da sociedade. Ela traz tanto oportunidades como desafios. Embora ela ajude na preservação e divulgação da cultura e das tradições macuas por um lado, ela pode levar à "diluição" das tradições devido à pressão comercial, fazendo com que os músicos e os usuários se distanciem das suas raízes tradicionais, por outro lado. Não só, como a mediatização minimiza os custos de produção e consumo da música macua, ela reduz o valor musical e a geração de renda dos artistas, devido à fácil cópia e acesso gratuito das músicas. Assim, a relevância desta pesquisa para o contexto actual inspirou a sua exploração, além de um interesse pessoal que parte da predilecção de que a mediatização da música macua é uma "faca de dois gumes", uma vez que ela evita a perda de canções tradicionais por meio das gravações digitais, mas também banaliza o significado sagrado das questões ritualísticas nacionais, na medida em que algumas músicas possuem mensagens negativas.

Na esfera social, a pesquisa se justifica pelo facto de as fusões da música macua serem mais comerciais e de entretenimento, o que sufoca a essência macua e propicia o risco de perda da identidade dos moçambicanos. Assim, a pesquisa pode explorar as formas como a música macua é percebida pelos consumidores.

Na esfera académica, a relevância da pesquisa é inegável, uma vez que os impactos da mediação da música macua são consideráveis, pois fazem intersecção com áreas como Etnomusicologia, Antropologia e Comunicação. À luz disso, espera-se que a pesquisa revolucione a produção, distribuição, consumo e preservação da cultura musical moçambicana, oferecendo novas oportunidades.

Nesta pesquisa objectivamos analisar os impactos da mediação da música macua na sociedade moçambicana. Os objectivos específicos, por sua vez, visam caracterizar a música macua no contexto mediático, identificar os impactos da mediação da música macua na sociedade moçambicana, e descrever os impactos da mediação da música macua.

Tendo em consideração que a mediação impulsionou mais visibilidade e inovação da música macua, mas também trouxe desafios na preservação da sua essência, questiona-se: quais são os impactos da mediação da música macua na sociedade moçambicana?

1. Revisão de Literatura

1.1. A música moderna

Na concepção de Massango (2023), música é uma manifestação cultural que faz parte da vida do homem desde o nascimento, crescimento e até à morte, daí que entra na nossa vida de diversas formas,

seja por ouvi-la num evento cultural, numa novela, filme, rádio ou noutro dispositivo da multimédia. Por isso, depois do seu contacto, surge a necessidade de obtê-la para a escuta mais profunda e um maior desfrute através de meios, como o disco, dentre outros meios electrónicos, incluindo as plataformas tecnológicas e sociais.

Tal como refere Massango (2023), a nível mundial, em países como Brasil, Estados Unidos, Índia, África do Sul, entre outros, o uso das plataformas digitais como meio de venda de música já é uma tradição de tal sorte que, os músicos que aderem a estas plataformas digitais melhoram e fazem evoluir exponencialmente as suas economias. As estatísticas das empresas digitais de venda de música demonstram que estas têm arrecadado mais dinheiro na venda de músicas através de plataformas digitais do que na venda em tradicionais formatos físicos.

O modo de reprodução musical, bem como todas as áreas da sociedade, sofreu grandes transformações com o desenvolvimento das tecnologias digitais. Na era da cibercultura, o anteriormente consagrado material físico cede lugar à reprodução digital. Essa ocorrência actua na evolução dos registos das produções musicais (Rôa, Gomes & Santos, 2016).

Hoje, de acordo com Naves (2014), o artista, a música e a cultura estão intimamente ligados numa associação simbiótica e psicológica de escolhas sociais, assente numa mediação digital, dentro de uma cultura universal, feita de escolhas humanas. Interessa então definir o que cada actor de mercado é dentro de uma economia cultural, tecnologicamente evoluída.

Antes da existência da música digital, consumíamos a música através de disco, vinil, cassete ou CD físico, mas com o advento das novas tecnologias, a nossa forma de consumir a música sofreu alterações. O som produzido por um instrumento ou uma banda ao vivo é analógico, e quando este é gravado normalmente transforma-se em sinal digital (Massango, 2023).

À luz do exposto, depreende-se que música moderna é aquela produzida e consumida com base em padrões musicais contemporâneos, sendo influenciada pelas novas tecnologias, pelo fenómeno da globalização e pela fusão de géneros, tal como o hip-hop e o amapiano.

1.2. Contexto histórico da música moçambicana

Na voz de Ribisse (2024), Moçambique é um mosaico cultural espalhado nas várias regiões até localidades, que se manifestam ainda de forma tradicional. Numa visão similar, Basílio *et al* (2021) explicam que tal como a categoria de músicas modernas, as músicas tradicionais moçambicanas são o arcabouço cultural dos diferentes grupos étnicos que perfazem o mapa cultural nacional. Independentemente das diversidades étnicas, elas concorrem para a construção da identidade cultural.

Segundo o Ministério da Educação e Cultura de Moçambique (1980), as diversas tradições musicais existentes em Moçambique formam entre si uma rede em que se relacionam e sobrepõem certas características de estilo e de realização, partilhando aspectos comuns de modelo interno, de procedimento básico e de aspectos contextuais.

O aspecto mais notável da música moçambicana é a diversidade de expressão que possui, o que fez com que surgissem vários rumos seguidos e que se manifestaram em diferentes aplicações, procedimentos e desenvolvimentos da herança cultural musical (Ministério da Educação e Cultura de Moçambique, 1980).

Conforme o Ministério da Educação e Cultura de Moçambique (1980), os movimentos populacionais em busca de uma expansão territorial, guerras, secas, e outras crises tendiam a fragmentar muitos agrupamentos sociais e criar outros novos a partir de populações misturadas. Nesses contactos havia uma interacção cultural, que resultava no empréstimo e adopção de diferentes elementos culturais, incluindo instrumentos musicais.

A política e evolução cultural das várias formações sociais que entre si tinham ligações, não seguiu um caminho linear. Por outro lado, em adição aos factores internos que determinavam o seu progresso havia também factores externos que influenciavam a direcção do seu desenvolvimento. Moçambique tinha ligações comerciais, indirectas e directas, com os países do Próximo Oriente, particularmente da parte do sul. Referências sobre o litoral oriental de África existem em antigos manuscritos chineses e árabes.

As sociedades moçambicanas que se relacionavam com os povos de outras terras, incluíam as do litoral, por onde comerciantes árabes actuavam e penetravam para o interior, até às minas de ouro do Zimbabwe (Ministério da Educação e Cultura de Moçambique, 1980).

A forma de introdução da música ocidental em Moçambique teve três efeitos principais (Ministério da Educação e Cultura de Moçambique, 1980):

- i. Ficou garantida a continuidade da música tradicional na sua forma autêntica, porque os músicos tradicionais foram, em geral, excluídos das igrejas e das instituições educacionais que eram as mais directas fontes da influência ideológica colonial;
- ii. Os moçambicanos que aderiram ao processo de assimilação cultural encontraram-se excluídos da participação na música tradicional, originando emergência de subculturas novas, identificadas no campo musical com variedades da música ocidental;
- iii. O impulso criador dos membros dessas subculturas já num processo de afirmação da personalidade africana encontrou saídas através de composições novas. Essas desenvolviam-se de duas maneiras. Uma delas é a música surgida da música ligeira.

O Ministério da Educação e Cultura de Moçambique (1980) vai mais longe ao afirmar que a música coral moçambicana, por exemplo, surgida durante a Luta Armada de Libertação Nacional, enraizou-se nas estruturas melódicas e rítmicas moçambicanas e fez uma hábil e criativa exploração das técnicas vocais e harmonia musical ocidental, ganhando um âmbito nacional que é patenteado pela sua utilização nas diversas línguas nacionais, mercê das características revolucionárias e mobilizadoras das letras que as compõem.

Isso evidencia que a história da música moçambicana relaciona-se ao vasto mosaico cultural do país, sob a

influência das tradições da África e colonização europeia e árabe. Ao longo da dominação colonial, a música serviu de base de resistência e esperança e, após a proclamação da independência nacional, a música foi usada como um constructo da identidade do povo.

1.2.1. Música macua

Segundo Marney (1983), desde o século X os macuas sujeitaram-se a graus variáveis de influência Swahili-Árabe, originando duas culturas distintas, a da costa e a do interior. No interior esta influência, manifestou-se na adopção de certos aspectos da cultura musical árabe.

Conforme Marney (1983), apesar de os macuas serem o maior grupo étnico-linguístico em Moçambique, são um dos grupos menos conhecidos no país. Além de algumas referências antropológicas em documentos escritos durante o período colonial e um ou dois artigos sobre certos aspectos da sua música, a informação existente é muito incompleta.

Em pesquisa, Lutero e Pereira (1980), ao debruçarem-se sobre a música de influência árabe em Moçambique, apontam como exemplo entre outros, a música das danças Tufo¹ e Nsope². O Tufo encontra-se ao Norte, nas províncias de Nampula e Cabo Delgado. Sendo de origem árabe, seria natural que o encontrássemos um pouco por todo o país, uma vez que a comunidade islâmica, se espalhou por Moçambique, não só pela costa ao Norte de Angoche mas, curiosamente, só o encontramos nas províncias citadas, no litoral e no interior até onde se expandiu. Eventualmente podemos encontra-lo noutras regiões.

1. Manifestação musical e dançante que foi difundida na Ilha de Moçambique, por volta de 1930, pelo sheikh Ussufo, vindo da Tanzânia.

2. Expressão cultural tradicional do Norte de Moçambique, especialmente associada ao povo macua. É usado para celebrações da comunidade, como rituais e colheitas.

Na perspectiva de Mattos (2019), o Tufo, uma das principais expressões musicais hoje em Moçambique e todos os seus usos e transformações talvez seja o exemplo mais emblemático das conexões históricas e culturais no Índico, nas quais as relações de género e a presença do Islã também se fazem marcantes.

A partir da revisão literária apresentada, assumimos que a música macua teve um longo percurso para chegar até aos dias de hoje. Ela é dinâmica e acompanha a evolução temporal. A música macua faz parte do quotidiano do povo moçambicano e está presente em todos os espaços e a todo o momento, cumprindo diferentes funções na sociedade.

Assim, não é sem razão que podem-se afirmar que a música macua é a nossa biblioteca. Usámo-la para expressar sentimentos, divertir e comunicar. Ela também é uma forma de arte e manifestação cultural do povo.

1.2.2. Discografia em Moçambique

Falar da indústria discográfica, segundo Maculuve (2018), é o mesmo que analisar o percurso da obra musical desde o momento da gravação até a chegada ao consumidor final. Esta cadeia começa na gravação, seguindo-se a edição, difusão e/ou distribuição, sendo que as três últimas nem sempre seguem a mesma ordem. Pode-se tocar um tema musical nos meios de comunicação de massas, mesmo quando não editado, bastando que este esteja gravado como tem sido o caso de muitos artistas moçambicanos.

Na visão de Afonso (2000) citado por Maculuve (2018), em Moçambique alguns anos após a

independência, as empresas discográficas entraram em crise, originada pela falta de divisas para importar matérias-primas, pagar *royalties*³ às licenciadoras e a baixa procura da música existente que estava ligada ao público colonial.

Segundo o mesmo pesquisador, foi dentro deste espírito, que foi criado em 1975, o Instituto Nacional do Livro e Disco (INLD), sob tutela do Ministério da Informação, que mais tarde, foi integrado no Ministério da Cultura, visando promover a produção de discos e fitas gravadas. A outra entidade que foi e ainda é importante para discografia em Moçambique é a Rádio Moçambique (RM), que ao longo de um extenso período foi detentora exclusiva dos meios de gravação e radiodifusão no país, visto que é o maior arquivo de música ligeira.

Com base nessas citações, percebemos que após a independência nacional, o Estado tomava conta dos estúdios de produção e gravação musical. Nos dias que correm, observa-se modificação da indústria fonográfica, tendo em vista, que o modernismo traz uma ampliação nas funções que o músico exerce, que se estende da criação, produção, à divulgação e distribuição da experiência musical que pretende levar aos consumidores e, estes por sua vez, têm ampla disponibilidade de alternativas gratuitas de acesso às músicas.

1.2.3. Mediatização da música moçambicana

Tal como considera o pesquisador Mendes (2019), devido à difusão da internet e a evolução dos meios tecnológicos digitais e seus usos, verificou-se uma transição da indústria musical do meio físico para o

3. Pagamentos efectuados aos possesores de direitos autorais.

meio digital que veio trazer inúmeras mudanças na forma como se consome, produz e partilha música.

Na opinião de Massango (2023), em Moçambique, recentemente observa-se a migração às plataformas digitais em diferentes áreas como a rádio e a televisão, e a venda de músicas através de plataformas digitais é novo e um pouco frágil.

Uma pesquisa conduzida por Rôa, Gomes e Santos (2016) esclarece que a internet alterou o relacionamento do indivíduo com o mundo. Esse novo cenário garantiu ao indivíduo autonomia e controle sobre suas produções musicais. Tal advento atribuiu a característica de produtor de conteúdo ao indivíduo que, inicialmente, dependia da indústria fonográfica para a produção de um material sonoro. Essa característica tornou a produção musical instantânea e de fácil acesso, e esses factores impulsionaram a indústria fonográfica a se reinventar a fim de permanecer nesse mercado.

Em pesquisa, Maculuve (2018) firma que, com a viragem do milénio, estilos musicais electrónicos estabilizaram-se como música moçambicana, e o ponto mais alto é o surgimento do pandza⁴. Nesta fase, a discografia está toda a mercê das leis de mercado, a intervenção do Estado apesar de ainda presente através da RM (estúdio de gravação e rádio) e do INLD (que controla a tiragem através do selo dos fonogramas) já não é determinante para o que se coloca no mercado a nível estético.

Os estúdios privados potenciam-se para gravações de bandas ao vivo com alguma qualidade, usando

tecnologia digital. No que concerne a suportes de reprodução sonora, o disco apesar de dominar o mercado nos princípios desta etapa, vai perdendo cada vez mais lugar a favor de suportes mais modernos (*smartphones, tablets, ipods* e tocadores de mp3 (Maculuve, 2018)). A nova cadeia de produção musical movimenta as redes sociais e desperta cada vez mais produtores de conteúdo, pois a interactividade proporcionada pelas redes asseguram ao produtor de conteúdo uma reputação a partir do que ele compartilha, e a junção de todos esses factores estimulam a massificação da produção musical (Rôa, Gomes & Santos, 2016).

Os músicos não vivem dos ganhos feitos nas vendas de suas gravações, usam estas para se fazer conhecer e assim criar outras fontes de rendimento, principalmente actuações ao vivo e representação de marcas. Devido ao desaparecimento das editoras. Eles tomam a dianteira investindo com meios próprios ou através de patrocínios, na gravação e promoção das suas obras existindo casos de venda directa aos fãs (Maculuve, 2018).

Isso elucida que além de tornar mais acessível e barata a música, a inovação tecnológica exerce uma influência maior na produção musical. Conceber música hoje em dia sem a utilização das tecnologias ficou inviável seja na gravação ou na utilização da mesma. A inserção da música macua no universo digital cria uma conexão entre os músicos e os consumidores com um expressivo grau de instantaneidade e imediatismo.

4. Estilo musical moçambicano criado pelo músico N-Star, e desenvolvido por Ziqo e Dj Ardiles. Combina os ritmos tradicionais com os modernos, como hip-hop e Zouk.

A facilidade de acesso às músicas está mudando não na forma pela qual se tem contacto com a música e nos géneros musicais que estão sendo mais acedidos pelos moçambicanos.

1.2.3.1. Impactos da mediatização da música moçambicana

As mudanças ocorridas no cenário musical em decorrência do processo da digitalização proporcionam novos moldes nas experiências musicais das novas gerações. Consubstanciando, Queiroz e Teixeira (n.d) consideram que a transição para a era digital revolucionou o modo como a música é produzida e consumida, redesenhando as relações entre artistas, gravadoras e ouvintes. As plataformas de *streaming*, como *Spotify*, *Apple Music*, *Deezer* e outras, exerceram um papel crucial no consumo da música. A mediatização da música é um fenómeno complexo, acompanhado por impactos positivos e negativos nas diversas esferas da sociedade, a saber:

a. Esfera da cultural

- **Acesso democrático e globalização cultural**

Na percepção de Basílio (2021), ao mesmo tempo que, as culturas nacionais e locais recebem influências das culturas globais, também as culturas globais recebem influências locais e nacionais. Assim, vemos que algumas músicas tradicionais moçambicanas fazem parte do mapa cultural local, nacional e internacional recebendo reciprocamente influências das músicas nacionais e internacionais.

Queiroz e Teixeira (n.d), por sua vez, defendem que a democratização e a diversidade na produção

musical representam temas cruciais e ligados à revolução digital da música. Esta transformação está fortemente enraizada no advento das tecnologias digitais e da internet, que abriram novas portas para artistas e criadores de conteúdo musical de todas as origens.

A esse respeito, podemos destacar a ampliação da visibilidade global dos renomados músicos moçambicanos Mr Bow e Messias Maricoa, que com géneros musicais combinados (tradicionais e modernos), ganharam reconhecimento dentro e fora do país, e consolidaram a cultura e tradição moçambicana.

- **Perda de identidade cultural**

Além de benefícios, a mediatização da música moçambicana tem vindo a causar “erosão” da identidade cultural moçambicana, na medida em que os artistas produzem e divulgam suas músicas sem levar em consideração questões interpretativas e construtivas, limitando-se apenas em persuadir e aumentar o número de seus seguidores.

b. Esfera social

- **Interacção e socialização**

A música deixou de ser apenas um produto; agora é uma experiência interactiva e social. As plataformas digitais são projectadas para encorajar o compartilhamento de músicas e *playlists*. Ouvintes podem criar, compartilhar e seguir *playlists* de amigos, influenciadores e celebridades, tornando o consumo de música uma actividade social que transcende fronteiras geográficas (Queiroz & Teixeira, n.d).

- **Empoderamento social**

Alguns músicos usam os media para criticar as desigualdades sociais que assolam os moçambicanos, e promover consciencialização sobre temas como combate ao HIV/SIDA e preservação do meio ambiente.

- **Comportamentos desviantes**

A influência negativa da música nos meios de comunicação ocorre devido à exibição de conteúdos musicais que induzem emoções e comportamentos negativos, como violência, sexo e discriminação, especialmente em adolescentes e jovens moçambicanos.

c. Na esfera económica

- **Insustentabilidade económica para os músicos**

A experiência vivida durante o período da pandemia de COVID-19 em Moçambique, por exemplo, aponta para a necessidade de a classe artística musical migrar das formas tradicionais do funcionamento da sua indústria para a realidade do mundo digital visto que, durante a pandemia reclamava da falta de dinheiro para o sustento pessoal.

Assim, depreende-se que no novo cenário musical em Moçambique, um dos desafios dos artistas é a questão da remuneração justa para os artistas. Com as taxas de pagamento das plataformas de *streaming*, muitos músicos lutam para ganhar a vida com sua arte.

d. Esfera política

- **Monopolização de músicos**

Em alguns casos, as organizações e/ou o governo usam os media a fim de promover músicos

alinhados às suas agendas políticas, silenciando as vozes repreensivas.

e. Esfera jurídica

A mediatização da música macua abarca um leque de impactos no contexto jurídico. A legislação moçambicana é desafiada a se adaptar às dinâmicas da era digital, pois a facilidade de produção, divulgação e consumo da música sugere a necessidade de esforços redobrados para fazer face a pirataria, e desenhar políticas regulatórias e claras sobre os conteúdos veiculados e, desta forma, minimizar a violação dos direitos morais. A respeito desse assunto, emprestando a ideia de Hulumene (2015), o termo pirataria é geralmente utilizado para descrever o acto deliberado de violação do direito de autor numa escala comercial.

2. Metodologia

A pesquisa adoptou uma abordagem qualitativa, com objectivos exploratórios e foco em uma revisão bibliográfica. Ao longo da análise, foram identificadas abordagens relevantes e os argumentos apresentados pelos autores foram criticamente avaliados, com foco na relação com a questão de investigação. À luz disso, a preocupação do pesquisador foi entrelaçar a mediatização da música macua com a nova forma de produção e consumo da mesma, buscando fazer uma análise minuciosa dos seus impactos na sociedade moçambicana.

Optou-se por essa abordagem pelo facto de a pesquisa circunscrever-se numa realidade não quantificável, e pela perspectiva analítica de que ela dispõe. Assim, compreende-se que o contexto abordado remete-nos a um processo de interpretação e

conhecimento, objectivando estratégias mais flexíveis de análise dos dados. A concepção dessa pesquisa busca promover a compreensão dos significados a estímulos captados pelos artistas e consumidores, no que concerne ao consumo mediático da música macua, sem deixar para atrás as suas repercussões.

Tal como referem Ji *et al.* (2019), a pesquisa qualitativa é um método utilizado para obter uma compreensão profunda e abrangente de teorias, conceitos e ideias específicas. Esta abordagem fornece uma riqueza de percepções e conhecimentos valiosos, enriquecendo a nossa compreensão dos assuntos sob investigação.

Com o intuito de conferir maior conhecimento e aprofundamento da temática em estudo, a pesquisa se tipificou como exploratória porque o nosso objectivo não era fazer inferências, mas sim, elucidar que a mediatização da música macua apresenta um grande potencial por aproximar os produtores dos consumidores com um expressivo grau de instantaneidade.

A pesquisa objectivava explorar ou fazer uma busca do “casamento” entre a digitalização e a música macua, com a finalidade de oferecer informação, maior compreensão e discernimento relativos aos seus impactos, sobretudo, ao longo dos últimos anos. A pesquisa valer-se de investigações transversais, que não apenas tocaram a principal, mas que com ela cooperaram.

Prodanov e Freitas (2013) afirmam que quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar.

A pesquisa bibliográfica foi ideal ao estudo, tendo permitido conhecer pesquisas antigas e recentes sobre o tema, para identificar o que já se sabe e as lacunas existentes no campo, principalmente em relação ao que pode contribuir para a mitigação dos impactos advindos dessa nova era, a digital. O material recolhido foi favorável para a interpretação dos resultados de acordo com os objectivos da pesquisa e para estabelecer relações entre os dados recolhidos e a questão norteadora.

3. Discussão de Resultados

A interactividade proporcionada pelas redes sociais na Internet promove o consumo activo da música moçambicana. Usando as palavras de Maculuve (2018), em Moçambique, as mudanças no sistema político e económico nacional favoreceram uma nova forma de produção no sector discográfico. Se antes toda a produção discográfica estava a cargo do Estado, que decidia o que se devia gravar e difundir, por ser o detentor de todos os meios de produção e difusão associado à falta de pesquisa discográfica, hoje, a evolução tecnológica permitiu a proliferação de estúdios de gravação, devido à sua acessibilidade económica, motivada pelo uso de tecnologia digital.

No caso da música macua, que é o foco de interesse neste artigo, se antes os músicos eram pouco destacados ou desconhecidos porque dependiam de televisões e rádios, hoje eles podem divulgar os seus trabalhos através de redes sociais pelo mundo inteiro. A título de exemplo, o conceituado músico moçambicano Lily Wayne de Moz, foi durante

muitos anos “desconhecido”, porém, a partir de sua aparição em *lives* no *Facebook* e *TikTok*, as suas músicas ganharam espaço e têm vindo a ser consumidas em todo país.

As tecnologias e plataformas digitais permitem aos músicos combinar diferentes géneros musicais criando novas identidades sonoras. Só para exemplificar, os músicos Professor Lay, Yassiley Ruby e Dama Ija, incorporam a língua macua e eixos temáticos sociais em suas músicas digitais. Percebe-se, assim, que por meio de instrumentos digitais, os artistas simulam sons e adicionam-nos algumas camadas electrónicas, que fazem com a essência acústica da música macua sofra “metamorfoses”.

Além de tudo isso, a música macua é caracterizada pela tendência de alcançar consumidores com interesses e gostos similares num só espaço de partilha e criação de conteúdos, fazendo com que ela esteja em evidência em diversos discursos mediáticos e sociais do país. Este resultado sugere a necessidade de considerar o que foi relatado por Jardim (2022), de acordo com o qual, o acesso ao conteúdo musical na Internet popularizou e expandiu as fronteiras musicais. Hoje, para o artista ser conhecido e adquirir reconhecimento internacional, ele deve ser virtualmente encontrado, visto que os conteúdos com mais acesso nas redes sociais são aqueles que se tornam mais virais.

Maculve (2018), por sua vez, considera que pode-se tocar um tema musical nos meios de comunicação de massas, mesmo quando não editado, bastando que este esteja gravado, como tem sido o caso de

muitos artistas moçambicanos. Com base nesta reflexão, percebe-se que hoje, qualquer músico pode agir como produtor e disseminador de conteúdos musicais.

Os resultados estabelecem que um dos factores que impulsionou a notabilização da música macua é o uso das redes sociais, por meio das quais os internautas realizam a coreografia da música e com o auxílio do *hashtag*⁵ se colocam dentro do desafio. Isto está de acordo com o que foi evidenciado por Rôa, Gomes e Santos (2016), segundo os quais o desenvolvimento tecnológico transformou o cenário de produção musical, uma vez que aquele que antes actuava apenas como consumidor passivo, agora pode produzir e divulgar seu trabalho através das ferramentas proporcionadas pelas redes sociais.

Outro factor importante para destacar é a posse e utilização de dispositivos digitais como os computadores, que são transformados numa estação de rádio pessoal, através da qual os usuários seleccionam e tocam sequencialmente as faixas musicais desejadas. Em função desse resultado, destaca-se o que foi relatado por Gohn (n.d), segundo o qual, dentro do actual estágio tecnológico, observamos uma actividade crescente de troca de informações via rede de computadores, através dos quais as pessoas podem enviar entre si músicas digitalizadas.

Em relação aos impactos da mediatização da música macua na sociedade moçambicana, vale ressaltar que no âmbito cultural, ficou clara a ambivalência desse processo, pois por um lado, a mediatização

5. Palavras ou frases precedidas pelo símbolo “#” (cardinal), usadas nas redes sociais para a categorização de conteúdos.

democratiza e amplifica o acesso às músicas, expandindo os princípios culturais da sociedade e, por outro lado, a tendência adaptativa a padrões de outros géneros musicais tem vindo desconfigurar a verdadeira música macua.

Corroborando, Basílio *et al* (2021) defendem que as músicas tradicionais moçambicanas ocupam um lugar relevante no processo de educação tradicional, da construção das identidades sócio-culturais e na preservação do património cultural local e nacional.

No âmbito social, a mediatização da música macua cria conexão entre as pessoas, ensinando-as sobre as suas raízes tradicionais. O *Facebook* e o *YouTube* são usados para visualização das músicas, levando a criação de comunidades virtuais influenciadoras de tendências. O paradoxo, é que algumas músicas transmitem músicas desalinhadas à ética e moral, o que incita comportamentos socialmente inaceitáveis.

Consustanciando, Queiroz e Teixeira (n.d) afirmam que as redes sociais desempenham um papel crucial na promoção de artistas emergentes e independentes. Muitos músicos em busca de visibilidade têm utilizado plataformas como *Instagram*, *YouTube* e *TikTok* para partilhar seu trabalho e construir uma base de fãs. Isso ressalta o potencial das redes sociais como um trampolim para artistas que almejam reconhecimento, mesmo fora dos circuitos tradicionais da indústria musical.

Na área económica, os achados evidenciam que a mediatização concorre para a redução de custos de produção e divulgação da música macua, o

que facilita maior alcance dos usuários e entrada de novas produções musicais macua. Como os músicos buscam angariar mais usuários e ganhar maior audiência e busca incessante do lucro, imposta pelo sistema capitalista vigente no país, eles sujeitam-se à uma grave insustentabilidade económica, como foi observado no período de pico da COVID-19.

Para Massango (2023), ao longo do período marcado pela crise da COVID-19, acompanhamos a situação económica dos músicos moçambicanos. Alguns apareceram nas televisões nacionais a vender as suas músicas usando plataformas inapropriadas como o M-pesa e cobrando valores irrisórios de 50 meticais por cada obra.

Olhando para o ponto de vista político, é imperioso sublinhar que a mediatização da música macua, a ligação de algumas entidades com os interesses políticos, interdita algumas vozes que, por temere represálias não podem expressar com franqueza o que pretendem. Na área jurídica, considerando que a mediatização maximizou a exposição da música macua, os impactos assentam na disputa por royalties e distribuição de receitas, uma vez que o país não dispõe de uma entidade sólida e específica, na qual os músicos podem reivindicar seus pagamentos. A fraca fiscalização, também é uma implicação da mediatização, que tem vindo a amplificar o número de músicas pirateadas.

Conclusão

O cenário fonográfico moçambicano vem ganhando novos contornos com a mediatização da música. Há alguns anos assiste-se a um processo de transição da

música nas formas de produção, divulgação e consumo analógico para as formas digitais. A música macua se notabilizou devido ao progresso tecnológico, à posse e à utilização de dispositivos digitais, sobretudo do celular e crescente número de internautas, em particular os jovens, que a partir do *Facebook*, *Youtube* ou *TikTok*, como forma de entreterem-se, postam, visualizam e partilham as músicas, instantaneamente independentemente de sua localização geográfica, língua, faixa etária, religião, pois os internautas, fazem-no para entreter-se.

A partir da revisão literária e análise crítica e reflexiva, constatou-se que a eclosão dos meios comunicativos digitais transformou a forma como os usuários consomem as músicas macuas. Elas estão se valendo de um aparato mediático que abarca uma série de impactos positivos e negativos, destacadamente: transformação no consumo cultural e identidade, globalização cultural, comportamentos desviantes, mudança nas práticas sociais, violação dos direitos autorais e insustentabilidade económica.

Referências Bibliográficas

Basílio, G., *et al.* (2021). As músicas tradicionais moçambicanas como fonte de construção das identidades socioculturais. KWANISSA - Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros. Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Gohn, D. (n.d). A apreciação musical na era das tecnologias digitais.

Hulumene, A. C. dos S. (2015). "Impacto da pirataria na indústria discográfica moçambicana: O caso da

cidade de Maputo (2008 - 2012)". Instituto Superior de Artes e Cultura. Machava, Moçambique.

Jardim, P. da C. (2022). O consumo da música na era digital: o trabalho do algoritmo na personalização de *playlists* dentro do *Spotify*. Coimbra.

Ji, J. *et al.* (2019). *The qualitative case research in international entrepreneurship: A state of the art and analysis. International Marketing Review*, Inglaterra-Uk. 36(1), 164-187.

Lutero, M., & Pereira, M. (1980). A influência árabe na música tradicional. Direcção Nacional de Cultura. Maputo, Moçambique.

Maculuve, R. (2018). A discografia em Moçambique na pós-independência. Instituto Superior de Artes e Cultura (ISArC). Machava, Moçambique.

Marney, J. (1983). Os instrumentos musicais dos Macua.

Massango, M. V. da C. J. (2023). Contribuição das plataformas digitais de *streaming* na rentabilização económica dos músicos moçambicanos. Moçambique.

Mattos, R. A. de (2019). Batusques da terra, ritmos do mar: expressões musicais e conexões culturais no norte de Moçambique (séculos XIX-XXI). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.

Ministério da Educação e Cultura. (2018). As tradições musicais em Moçambique. Moçambique.

Naves, D. T. Das. (2014). O artista e a música na sociedade cultural digital, evolução dos direitos performativos em Portugal. Lisboa.

Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013). Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. (2ª ed.). Novo Hamburgo, Brasil.

Queiroz & Teixeira. M de. O. P. (n.d). Como as redes sociais influenciam no consumo de música das gerações atuais?

Ribisse, A. X. (2024). A cultura macua, globalização e a transmissão do conhecimento. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA) | vol.4, nº 1| p.351-363].

Rôa, A., Gomes, G. S., & Santos, R de C. D. dos. (2016). Os meios de reprodução musical na era da Internet. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo.

